



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Mestrado em Sociologia

Especialização em Recursos Humanos e Desenvolvimento Sustentável

Dissertação

Redes Dinâmicas em contexto de formação profissional

Maria da Assunção Marques Rosa Cardoso

Orientador:

Professor Doutor Joaquim Manuel Rocha Fialho

Évora
2012

Mestrado em Sociologia

Especialização em Recursos Humanos e Desenvolvimento Sustentável

Dissertação

Redes Dinâmicas em contexto de formação profissional

Maria da Assunção Marques Rosa Cardoso

Orientador:

Professor Doutor Joaquim Manuel Rocha Fialho

Redes Dinâmicas em contexto de formação profissional

Resumo

Emergiram transformações nos estilos de vida da humanidade. No quadro destas transformações, entre várias consequências, surge as redes sociais como nova forma de configuração das interações entre vários atores.

A abordagem das redes sociais, que configura dinâmicas de interação social entre atores, constitui um foco privilegiado e aliciante para a descodificação e construção de um novo olhar sobre a organização dos atores no espaço social.

Sendo certo que a interação social sempre esteve presente na configuração social, o olhar na ótica das redes é recente, principalmente ao nível metodológico de suporte à abordagem sociológica.

Nesta dissertação, para descortinar as dinâmicas de interação no contexto da formação profissional, vamos privilegiar a análise de redes sociais (social network analysis), enquanto metodologia.

Procuraremos descodificar as dinâmicas de configuração das interações entre grupos de formandos em diversas modalidades de formação (Aprendizagem, Educação e Formação de Adultos, Cursos de Educação e Formação de Jovens).

Palavras-chave: Análise de Redes Sociais, Redes dinâmicas, Atores, Formação Profissional.

Network Dynamics in the context of vocational training

Abstract

Changes emerged in the lifestyles of humanity. Within these changes, among many consequences, social networks emerge as a new way of setting the interactions between various actors.

The approach of social networks, which configures dynamic of social interaction between actors, is a privileged and attractive focus for decoding and construction of a new look at the organization of the actors in social space.

Being sure that social interaction has always been present in the social setting, look at the recent optical networks is mainly at the level of methodological support for the sociological approach.

In this dissertation, to uncover the dynamics of interaction in the context of vocational training, we focus on the analysis of social networks (social network Analysis) as a methodology.

We will try to decode the dynamic configuration of the interactions between groups of trainees in various training methods (Learning, Education and Training, Adult Education and Youth Training).

Key-words: Social Network Analysis, Dynamic networks, Actors, Vocational Training.

Dedico este trabalho ao meu filho,
Tomás Alexandre

Agradecimentos

É-me difícil hierarquizar agradecimentos uma vez que este trabalho resultou de uma contribuição igualmente importante de pessoas e entidades. No entanto começo por agradecer ao meu orientador, Professor Doutor Joaquim Fialho da Universidade de Évora, por ter aceiteado este desafio, passo determinante para a realização deste trabalho.

Ao meu orientador agradeço-lhe também as ideias estratégicas, todo o apoio, empenho, disponibilidade, paciência, críticas e sugestões.

Quer na qualidade de orientador quer na qualidade de professor agradeço-lhe a motivação que desenvolveu em mim para esta área bem como os ensinamentos científicos.

Ao dirigente do Centro de Emprego e Formação Profissional de Évora, pela oportunidade que me concedeu em elaborar este trabalho de investigação e pela flexibilidade que permitiu, essencial na conclusão da investigação.

Aos inquiridos pela disponibilidade na participação neste estudo.

Aos meus colegas de Mestrado pelos momentos de partilha e companheirismo.

À minha família pelo apoio incondicional ao longo da elaboração da dissertação.

Por último, aos meus colegas de trabalho dos Serviços Técnicos da Universidade de Évora, pelo contributo prestado.

LISTA DE SIGLAS:

ARS - Análise de Redes Sociais

CIME - Comissão Interministerial para o emprego

CNO - Centro Novas Oportunidades

GRH - Gestão de Recursos Humanos

IEFP - Instituto Emprego e Formação Profissional

OCDE - Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Económico

OIT - Organização Internacional do Trabalho

PFP - Práticas da Formação Profissional

RVCC - Reconhecimento Validação e Certificado de Competências

s.d - Sem data

UE - União Europeia

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação

INDICE GERAL

Índice de Figuras.....	1
Índice de Tabelas	2
Índice de Quadros	3
Introdução.....	4
1 - Enquadramento Teórico.....	7
1.1 - Sociologia das Profissões	7
1.1.1 - Sociologia das Profissões . Uma abordagem enquadradora	7
1.1.2 - Quatro grandes Paradigmas na Sociologia das Profissões	12
1.1.3 - A Pertinência da Formação Profissional na construção da Profissão	15
1.2 - Análise de Redes Sociais.....	18
1.2.1 - Breve Explicação conceptual sobre o conceito de Rede	18
1.2.2 - Análise de Redes Sociais.....	24
1.2.3 - Análise de Redes Sociais.Teoria, Metodologia ou Paradigma.....	33
1.2.4 - Redes Dinâmicas: As Dinâmicas de Grupo na Ótica da ARS.....	40
1.2.5 - Representação visual da Dinâmica de Rede, princípios e medidas de análise	42
1.3 - Formação Profissional.....	47
1.3.1 - Evolução do Conceito de Formação Profissional em Portugal	47
1.3.2 - Uma discussão sobre o Conceito de Formação Profissional	50
1.3.3 - Algumas preplexidades sobre as necessidades da Formação Profissional	51
1.3.4 - Alguns Indicadores sobre a Formação Profissional	54
2. - Opção Metodológica.....	66
2.1 - Porque é Pertinente estudar este Problema	66

2.2 - Caminho Metodológico.....	67
2.3 - Natureza do Estudo.....	71
2.4 - Contexto do Estudo.....	75
2.5 - Técnicas de Recolha de Dados	77
2.5.1 - Questionário Sociométrico	77
2.5.2 - Entrevista Semi - Estruturada	81
2.5.3 - Análise de Conteúdo	85
2.5.4 - Análise Documental	86
2.6 - Análise de Dados	87
3. – Análise e Tratamento de dados	89
3.1 Ação de Formação Serralharia Civil.....	89
3.1.1 - Caraterização dos Inquiridos.....	89
3.1.2 - Relações informais na Rede	90
3.1.3 - Dinâmica de Influência na Rede	94
3.1.4 - Apoio aos Conteúdos de Aprendizagem.....	96
3.1.5 - Liderança na Rede	99
3.2 Ação de Formação Cuidados e Estética do Cabelo.....	101
3.2.1 - Caraterização dos Inquiridos.....	101
3.2.2 - Relações informais na Rede	102
3.2.3 - Dinâmica de Influência na Rede	105
3.2.4 - Apoio aos Conteúdos de Aprendizagem.....	107
3.2.5 - Liderança na Rede	109
3.3 Ação de Formação Técnico (a) de Informática - Sistemas.....	110
3.3.1 - Caraterização dos Inquiridos.....	110
3.3.2 - Relações informais na Rede	111
3.3.3 - Dinâmica de Influência na Rede	113
3.3.4 - Apoio aos Conteúdos de Aprendizagem.....	116
3.3.5 - Liderança na Rede	117
4. – Conclusões	120

5. – Bibliografia.....	126
Apêndices	133

ÍNDICE DE FIGURAS:

	Página
Figura 1 - Marcos da sociologia das profissões	13
Figura 2 - Retrospectiva histórica das redes	19
Figura 3 - Resumo do enfoque do conceito de rede	20
Figura 4 - Redes de Relações Sociais	24
Figura 5 - Estrutura da rede	25
Figura 6 - Tipologias de redes	27
Figura 7 - Análise de Redes Sociais em diferentes níveis de análise	29
Figura 8 - Três tipos de dados no estudo da rede	30
Figura 9 - Indicadores de análise	32
Figura 10 - Objetivos da Investigação em Análise de Redes Sociais	38
Figura 11 - Síntese das Medidas da Rede	44
Figura 12 - Expansão da Rede de Centros de RVCC	61
Figura 13 - Até ao ano de 2010 mais de 650.000 pessoas obtenham uma certificação de competências	61
Figura 14 - Taxa Real de Escolarização – Anos 2005 e 2010	62
Figura 15 - Processo de Pesquisa – Investigação	69
Figura 16 - Três etapas da investigação	77
Figura 17 – Grafo Relações Informais na Rede	92
Figura 18 – Grafo Liderança na Rede	100
Figura 19 – Grafo Dinâmica de Influência na Rede	106
Figura 20 – Grafo Apoio aos Conteúdos de Aprendizagem	109
Figura 21 – Grafo Dinâmica de Influência na Rede	114
Figura 22 – Grafo Liderança na Rede	118

ÍNDICE DE TABELAS:

	Página
Tabela 1 - Densidade da Rede	91
Tabela 2 - Degree Centralidade	93
Tabela 3 - Network Centralização	93
Tabela 4 - Closeness Centralidade	94
Tabela 5 - Freeman Betweenness	96
Tabela 6 - Densidade da Rede	97
Tabela 7 - Degree Centralidade	97
Tabela 8 - Network Centralização	98
Tabela 9 - Closeness Centralidade	99
Tabela 10 - Freeman Betweenness	101
Tabela 11 - Densidade da Rede	102
Tabela 12 - Degree Centralidade	105
Tabela 13 - Closeness Centralidade	107
Tabela 14 - Freeman Betweenness	108
Tabela 15 - Closeness Centralidade	110
Tabela 16 - Degree Centralidade	112
Tabela 17 - Network Centralização	113
Tabela 18 - Densidade da Rede	114
Tabela 19 - Degree Centralidade	115
Tabela 20 - Degree Centralidade	117
Tabela 21 - Closeness Centralidade	118
Tabela 22 - Freeman Betweenness	119

ÍNDICE DE QUADROS:

	Página
Quadro 1 - Caraterização dos Inquiridos - Ação de Formação Serralharia Civil	90
Quadro 2 - Caraterização dos Inquiridos - Ação de Formação Cuidados e Estética do Cabelo	101 - 102
Quadro 3 - Caraterização dos Inquiridos - Ação de Formação Técnico (a) de Informática - Sistemas	110 - 111

INTRODUÇÃO

O interesse pela temática da metodologia da Análise de Redes Sociais, aplicada aos contextos de formação profissional, está associado a motivações pessoais e ao interesse académico para desenvolver um trabalho de investigação inovador. Por estas razões, nesta dissertação será abordada a temática da interação de grupos em formação profissional, tendo como palco do estudo o Centro Formação Profissional de Évora.

Pretende-se assim analisar as dinâmicas e relações em grupos de formação, através do uso da metodologia da Análise de Redes Sociais.

Com efeito, o objetivo geral desta dissertação será assim identificar as dinâmicas dos grupos em formação profissional, em três turmas de características diferentes (turma masculina, turma feminina e turma mista). Os objetivos específicos são: conhecer os posicionamentos dos atores na rede, em vários momentos do processo formativo, encontrar explicações para o posicionamento dos atores mais centrais da rede, identificar situações que alteram a dinâmica da rede e identificar regularidades na dinâmica da rede.

As pessoas encontram-se inseridas na sociedade por meio de relações que desenvolvem ao longo da sua vida, inicialmente no seio familiar, depois na escola, na comunidade em que vivem, no trabalho. As relações que as pessoas estabelecem e mantêm irão fortalecer a esfera social. Poderá afirmar-se que, sendo próprio da natureza humana, o estabelecimento de ligações com os outros é próprio também a estrutura da sociedade em rede. Segundo Castells (1999:497) "a presença na rede ou a ausência dela e a dinâmica de cada rede em relação às outras são fontes cruciais de denominação e transformação de nossa sociedade: uma sociedade que, portanto, podemos apropriadamente chamar de sociedade em rede, caracterizada pela primazia da morfologia social sobre a ação social".

Com efeito nesta dissertação será abordada a temática das redes dinâmicas em contexto de formação social, num centro de emprego e formação profissional, ou seja, no Centro Formação Profissional em Évora. Pretende-se assim analisar as dinâmicas e a interação entre grupos de formação, como Lazarsfeld (1974:224-225) descreve " (...) a atenção recai especialmente sobre a interação dos membros de tais grupos e sobre a maneira como constituem, temporariamente pelo menos, «organizações», classificam-se geralmente os problemas estudados sob a rúbrica «dinâmica de grupos». Os trabalhos desta ordem podem ser de grande interesse para os sociólogos".

A análise de rede sociais (ARS) está ancorada no estudo da estrutura social como espaço da ação coletiva dos indivíduos e/ou organizações, aspetos que não são lineares de descodificar numa primeira aproximação. Na linha do pensamento de Molina (2001), o seu principal enfoque de análise situa-se nos condicionalismos que estruturam a ação através da investigação dos padrões de laços que se

estabelecem entre os atores sociais, ou seja, procura através da ARS identificar os condicionalismos que sustentam a estrutura da ação social dos atores sociais numa determinada rede social (indivíduos, grupos, organizações).

A Teoria das Redes Sociais que estrutura esta investigação teve a sua génese nos anos 30, beneficiando até aos nossos dias da influência da antropologia, sociologia, matemática e da teoria dos grafos. Desde a sua génese que este «novo paradigma» de interpretação da realidade social tem olhado para os factos sociais numa perspetiva estrutural na qual os vínculos e relações entre os atores são o principal foco da análise sociológica.

Segundo Fialho (2007), existem vários significados que "rede" tem vindo a adquirir. No entanto, de uma forma simples poderá afirmar-se que "rede" trata de um sistema de elos; uma estrutura sem fronteiras, uma comunidade não geográfica, um sistema de apoio ou um sistema físico que se aparenta com uma árvore ou uma rede. Deste modo, a rede social, passará a representar um conjunto de indivíduos autónomos, que uniram ideias e recursos em torno de determinados valores, interesses e objetivos comuns. Existem várias ideias em torno do conceito de rede social, contudo, quando se fala em rede parece existir um núcleo semelhante relacionado à imagem de fios, malhas, teias que formam um tecido comum.

Assim, esta dissertação divide-se em quatro capítulos. No primeiro capítulo será feito um enquadramento teórico-conceptual, que abordará as seguintes temáticas: Sociologia das Profissões (Sociologia das Profissões: uma abordagem enquadradora; Quatro Grandes Paradigmas na Sociologia das Profissões; A pertinência da Formação Profissional na Construção da Profissão), Análise de Redes Sociais (Breve Explicação Conceptual Sobre o Conceito de Rede; Análise de Redes Sociais; Análise de Redes Sociais. Teoria, Metodologia ou Paradigma; Redes Dinâmicas: As Dinâmicas de Grupo na Ótica da ARS; Representação Visual de Dinâmica de Rede, Princípios e Medidas de Análise), Formação Profissional (Evolução do Conceito de Formação Profissional em Portugal; Uma Discussão sobre o Conceito de Formação Profissional; Algumas Perplexidades sobre as necessidades de Formação Profissional; Alguns Indicadores sobre Formação Profissional).

O segundo capítulo refletirá o caminho metodológico para esta dissertação, com a explicação e fundamentação da natureza do estudo, descrição e justificação do contexto do estudo e por último a explanação e discussão das técnicas de recolha de dados.

No terceiro capítulo será abordada uma descrição dos resultados, através da análise de conteúdo e Análise de Redes Sociais, de forma a ilustrar e analisar as redes dinâmicas.

Pois ainda importa referir que este capítulo ir-se-á subdividir na caracterização dos inquiridos de cada turma, sendo posteriormente feita uma análise separada e detalhada das seguintes dimensões: relações informais na rede; dinâmica de influência na rede; apoio aos conteúdos de aprendizagem; e, por fim liderança na rede, com utilização do software UCINET.

Após a descrição e análise dos resultados, o quarto capítulo abordará as conclusões desta dissertação.

Por fim, estarão ainda presentes as referências bibliográficas desta dissertação e os apêndices que apoiam o desenvolvimento da mesma.

1. ENQUADRAMENTO TÉORICO

1.1 SOCIOLOGIA DAS PROFISSÕES

1.1.1 SOCIOLOGIA DAS PROFISSÕES. UMA ABORDAGEM ENQUADRADORA

Antes de iniciar uma conceção sobre as Redes Dinâmicas e formação profissional, é pertinente abordar a temática das profissões, uma vez que, torna-se relevante a afirmação da importância das profissões, como processo de orientação para um ideal serviço à comunidade, Rodrigues (2002:131) faz alusão na sua obra "as profissões são consideradas como uma espécie particular de ocupação, distinguindo-as o facto de constituírem comunidades unidas por valores e a mesma ética de serviço à comunidade, cujo estatuto resultaria de um saber científico e prático aplicado na identificação e resolução de problemas.", de anuência com Freire (2001:320) "a palavra profissão indica a atividade desenvolvida por um trabalhador em termos individuais. Mas genericamente serve também para designar uma qualquer atividade específica de interesse económico".

Inquestionavelmente, entrar no domínio da sociologia das profissões, conforme ressalva Dubar (1998) na sua obra, a profissão emerge quando um conjunto de pessoas começou a praticar uma técnica estabelecida num conjunto de técnicas especializadas.

O mesmo autor ainda faz referência que a partir da década de 70, a sociologia das profissões fruiu de uma mudança, como principal objetivo, a particularidade não é saber o que é uma profissão, mas sim para explicar as mudanças no acesso à reformulação do emprego, das divisões de trabalho que pode levar a alguns fenómenos de exclusão.

Ainda na linha de pensamento de Dubar citado por Cardim & Miranda (2007:78), "a questão construção das entidades profissionais e da sua relação com o social, implicando a respetiva socialização e a aquisição de *habitus* específicos e trajetórias típicas, conduziu à noção de que as diferentes identidades resultem de uma dupla transação, por um lado entre o indivíduo e as instituições (nomeadamente a sua empresa) e, por outro, entre o indivíduo confrontado com uma mudança e o se passado".

Assim, com a sociedade em verdadeira mutação, Fichter citado por Gonçalves "a socialização é um processo de influência mútua que resulta da aceitação dos padrões de comportamento social e da adaptação a «eles»." (Fichter citado por Gonçalves, 1969:35-36).

Segundo Giddens (2000:63), "a socialização está também na origem da nossa própria liberdade e individualidade. No decurso da socialização cada indivíduo desenvolve o seu próprio sentido de IDENTIDADE e a capacidade de agir e pensar de modo independente."

Em Portugal a sociologia das profissões não alcançou uma posição relevante, sendo praticamente desconsiderada pelos sociólogos portugueses, este cenário prevaleceu, visto que os mesmos consideraram mais interessantes os conflitos sociais, as questões urbanas e até mesmo os processos políticos e do desenvolvimento e também devido à escassez de pesquisas e estudos relativamente à institucionalização de muitas profissões em Portugal, como menciona Rodrigues na sua obra.

Pois assim, surgiu a sociologia das profissões principalmente devido "a emergência de diferentes grupos ocupacionais, aspirando ao estatuto de profissão" (Rodrigues, 2002:2).

A nova sociologia das profissões desponta nos anos 80, quando novos autores, redescobrem o interesse pelo tema, tais como, Eliot Freidson, para este autor as profissões são detentoras do poder e para Magali Larson para esta autora as profissões são como grupos de interesses.

É de eximir que na década 80, o Estado concebe o Instituto de Formação Profissional Acelerada, o Centro Nacional de Formação de Monitores e o Serviço Nacional de Emprego, como auxílio às pessoas para melhorar os seus níveis de educação e de qualificação e competências básicas, como condição imprescindível para a melhoria da qualidade de vida quotidiana, bem como para o aumento da competitividade nos empregos.

Para designar qualquer atividade de interesse económico, surge o conceito de profissão. Poder-se-á desmistificar a palavra profissão, quando um certo número de pessoas exerce um ofício¹ ou atividade².

Segundo algumas perspetivas, tem-se considerado "que existe uma profissão quando há um conjunto de pessoas que desenvolvem o mesmo ofício" (Dubar & Tripier citados por Cardim & Miranda, 2007:82).

Conforme vem mencionado na obra de Cardim & Miranda, no Ministério do Trabalho, considerava-se que o ofício era "um ramo de atividade que incluía diferentes especialidades" (Cardim & Miranda, 2007:82).

Por outro lado, "as "profissões" não especializadas ou indiferenciadas constituem, muitas vezes, mais do que a atividade de um grupo socialmente identificado e com uma certa cultura própria, um conjunto de postos de trabalho, ou seja, não tem a cultura e a visibilidade que as identificam e lhes dão todas as componentes da profissão" (idem:82).

Porém, "o ofício, ou "arte", realizado por um artesão ou artífice, está associado à utilização de ferramentas individuais (utensílios), operados pela própria energia humana o que, apelando à habilidade de cada operador, reforça a componente pessoal na execução do trabalho e no seu resultado. A estrutura profissional artesanal admitia já, em cada unidade produtiva, uma divisão embrionária e linear do trabalho: mestre - companheiro – aprendiz (...)" (Cardim & Miranda, 2007:72).

Segundo Cardim & Miranda "algumas atividades, como a tecelagem e a construção, estão de tal forma disseminadas que são exercidas quase habitualmente pela generalidade dos rurais." (Cardim & Miranda, 2007:73).

Assim, "em Portugal, nas zonas de pequena propriedade, o multi - profissionalismo rural prolongou-se até ao presente, mantendo-se relativamente ao exercício de certas profissões mais generalizadas, como a construção" (Cardim & Miranda, 2007:73).

¹ "A palavra ofício deriva de *officiu* que no latim significa dever, naquele sentido de cumprir com dada obrigação e a partir de um ritual determinado (Ferreira, 1986). Entre nós, o dever da palavra ofício representa ainda um certo saber-fazer àqueles que comungam do mesmo conjunto de conhecimentos e habilidades, e são capazes de reproduzir certos objetos e/ou objetivos com base nos mesmos rituais." - <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v25n66/a07v2566.pdf> - Acesso em: 23 de janeiro de 2012.

² "Conjunto de comportamentos próprios da prática de um ofício, da execução de uma técnica ou do exercício de uma profissão." - http://www.dgert.mtss.gov.pt/Emprego%20e%20Formacao%20Profissional/terminologia/doc_terminologia/CIME%20-%20Terminologia.pdf - Acesso em: 23 de janeiro de 2012.

"A função das profissões estabelece-se aqui à volta da capacidade possuída pelos profissionais para responderem a necessidades sociais, pela constituição de comunidades à volta dos mesmos valores e noção de serviço, pelo reconhecimento social das competências possuídas." (Dubar citado por Cardim & Miranda, 2007:77).

Como definem Coster & Pichault citados por Cardim & Miranda (2007:79) " a existência de diferentes noções de profissão parece filiar-se na emergência das universidades na Europa, com clara distinção entre "especialistas de elite" e "práticos", sendo os primeiros os formandos nas universidades, com o domínio do latim e, os segundos, os formandos através do "métiers" ou, entre nós, pelos ofício ou "mesteirais".

Esta distinção gerou, ao longo de séculos, na Europa e culturas afins, a diferenciação tradicional entre "profissões do conhecimento" e os ofícios, gerando conotações tais como: "trabalho intelectual/manual, pensamento/ação, etc."

Conforme expõe Freire (1993:207), profissão, profissional e profissionalismo são termos socialmente compreensíveis, não trazem qualquer dúvida em relação à sua perceção.

Ainda para elucidar o conceito profissão "ao definir profissão como conceito que permite operacionalizar classificações profissionais e estabelecer sistematizações e comparações, o carácter social do profissionalismo" (Cardim & Miranda, 2007:77).

Profissão está associada a especificidade, especialização e competência de uma atividade profissional. Segundo Cardim & Miranda (2007), infere que as profissões têm uma particularidade social e que essencialmente estão interligadas a fatores a nível social e políticos, as profissões pertencem a um grupo social reconhecido e realizam tarefas de forma individual com o intuito de produzir para o mercado, a sua execução tem procedimentos técnicos próprios.

Ainda segundo Freire (1993:207), só na década de 30 os autores norte americanos delinham a diferença entre "Ocupação" e "Profissão", sendo que ocupação está interligada ao desempenho permanente por um indivíduo em qualquer função, quanto ao se refere profissão é encarada como um conjunto mais restrito a que corresponde certas ocupações.

Na vertente de Cardim & Miranda (2007), a sociologia francesa terá tido novamente interesse pelo tema na década de 80, com a especial particularidade e envolvendo profissões e ocupações.

O que pode discernir as profissões das demais ocupações, para Freire (1993):

- Uma formação escolar prolongada e exigente;
- Uma especialização aprofundada do conhecimento e o domínio técnico da sua aplicabilidade prática;
- A noção de um serviço prestado à coletividade;
- A faculdade de julgamento individual e correspondente responsabilização;
- Um acesso restrito e controlado ao exercício da profissão;
- Um controlo colegial dos profissionais sobre esse acesso e as condições do seu exercício;
- Um reconhecimento oficial, público, da profissão (Freire, 1993:207).

Na perspetiva deste autor "as *profissões liberais*", são aquelas que são designadas por uma maior qualificação específica, onde o prestígio o poder profissional emerge perante a sociedade. Ao longo dos anos, novas profissões tem emergido nas sociedades.

Para Dubar (1998), a relação com o poder e o capital é essencial, os trabalhadores não qualificados têm a ambição de movimentar-se através do acesso à formação.

Na perspetiva de Cardim & Miranda (2007:84), a existência de profissões compreenderá os seguintes pressupostos:

- Definição social onde o grupo emerge interesses e culturas comuns;
- Conjunto de atividades de trabalho diferenciadas com a finalidade de produzir um determinado produto, o profissional terá técnicas para a realização de certas tarefas;
- O ensino e a formação profissional.

Segundo Freire (2006:320) "a palavra profissão indica a atividade desenvolvida por um trabalhador em termos individuais".

Na ótica de Cardim & Miranda (2007:80), o método de profissão pode ser analisável em três vertentes, primeira a manifestação de potencial profissionalizante, a segunda formação e em último a estabilização.

Para estes autores é de evidenciar que a fase da formação terá a pressuposição do êxito no reconhecimento público, estabilização terá a conjetura do reconhecimento da intervenção profissional.

Na perspetiva de Freire (2006) o autor quando faz alusão à diferença entre "ocupação" e "profissão" e aos diversos papéis que as distingue e autores no que concerne ao ramo da sociologia das profissões, como Carr-Saunders, Parson, E. Hughs, T. Johnson, M. Larson entre vários, efetivamente, o autor pretende salientar de uma forma substancial que a distinção entre "ocupação" e "profissão" está relacionado com a especialização e competência de cada um.

Dentro deste âmbito, o estudo desta realidade é de uma importância fulcral, importa definir profissão como uma atividade, um monopólio conhecimentos e saberes, profissional é um conceito que está incomensuravelmente ligado à construção da profissão e ao processo de aprendizagem de capacidades de determinados tipos de saberes e interesses e por último o profissionalismo é encarado como um conjunto de estratégias por um grupo que procura transformar uma atividade em profissão.

Definir profissão, será extremamente complexo, mas consegue-se apontar algumas formas genéricas ao que se refere, particularidades das profissões:

- Aplicar o conhecimento na resolução de problemas;
- Encaminhar no sentido de servir a comunidade;
- Ter autonomia no processo de trabalho.

Parsons foi o primeiro sociólogo a abordar o fenómeno das profissões de forma teórica (Rodrigues, 2002). Segundo Goode, para alcançar o estatuto de profissão são necessários elevados níveis de conhecimento e dedicação, que nem todas as ocupações conseguem atingir, onde também insere que a formação como corpo abstrato de conhecimentos e códigos de valores e padrões de educação, prática profissional, poder e prestígio, são relevantes para o futuro (Rodrigues, 2002).

Segundo Rodrigues (2002: 11-12), as profissões tem dois elementos base: o *conhecimento profissional*, com o poder de criar, organizar e transmitir conhecimentos adquiridos e o *ideal de serviço para a comunidade*, onde o profissional tem poder para decidir e impor soluções.

Merton um teórico da sociologia das profissões, faz alusão e "considera que as profissões estão enraizadas numa tríade de valores humanos: saber, fazer, ajudar" (Merton citado por Rodrigues, 2002:13).

Segundo Jonhson, citado por Rodrigues: "é o primeiro autor a defender a necessidade de centrar a análise nas relações de poder" (Rodrigues, 2002:47).

As profissões como formas de poder com o estado são um elemento central da abordagem de Johnsn, o poder das profissões auto-controladas e auto-reguladas foi declinando em favor do que ele considera formas de proteção corporativa, as quais constituíram um dos mecanismos centrais de controlo, por parte do estado, das atividades de serviços. Haveria, aqui, uma espécie de partilha de poder entre o estado e as profissões com vantagem para ambas as partes.

Na reformulação de Freidson, citado por Rodrigues: "profissionalização pode ser definida como um processo pelo qual uma ocupação - organizada formalmente ou não, através da reivindicação ou afirmação das suas competências especiais e esotéricas, da particular qualidade do seu trabalho e dos benefícios que com isso proporciona à sociedade - obtém o direito exclusivo de realizar um determinado tipo de trabalho, o controlo sobre a formação e o acesso, bem como o direito de determinar e avaliar a forma como o trabalho é realizado; e identifica profissão como um princípio ocupacional de organização do trabalho" (Rodrigues:51).

Com Eliot Freidson, cuja obra se foi desenvolvendo ao longo de décadas de 1970 a 2000, consolida-se o paradigma do poder das profissões, surge aqui uma espécie de trilogia de *autonomia - expertise - credencialismo*, que decorre o poder profissional.

No processo de obtenção e manutenção deste poder, encontram-se dois elementos considerados importantes: a conquista da confiança do público (onde uma profissão vai buscar a legitimidade que lhe permite ser olhada como uma única componente na prestação de um determinado serviço) e a garantia de credenciação, por instituições adequadas, de um corpo de conhecimento que lhe permita exercer com eficácia e valor social essa atividade, não se trata, para os profissionais, apenas de deter conhecimentos científicos e técnicos adequados, mas também de os afirmar como socialmente relevantes e de garantir que, no contexto de uma autonomia profissional tida por essencial, se encarregará de os controlar e auto regular.

Na perspetiva de Freidson, "as características essenciais das profissões estão inteiramente baseadas na ligação entre tarefas, para as quais existe procura num mercado, formação fornecida pelo sistema de educação para a realização de tais tarefas e acesso privilegiado de trabalhadores formados para o desempenho de tais tarefas; ligação esta que institucionaliza a relação entre sistema de ensino superior e o mercado de trabalho" (Freidson citado por Rodrigues,2002:52).

Magali Larson, estuda as profissões como "grupos de interesses ligados ao sistema de classes da sociedade capitalista" e analisando a profissionalização como um "projeto de mobilidade coletiva no qual as ocupações tentam conseguir não apenas posições económicas, mas também estatuto social e prestígio".

O edifício conceptual de Larson implica, como se percebe uma clara autonomia profissional por parte do grupo (Rodrigues:2002).

A sociologia das profissões passou a uma sociologia da profissionalização, mais atenta aos objetivos e estratégias dos grupos profissionais de que a sua suposta necessidade intrínseca à ordem macro - social. O conceito de profissionalização foi sendo também objeto de algumas críticas, pois a ideia de um *continuum* linear e progressivo entre a não-profissionalização e a profissionalização de grupos ocupacionais merecem as reservas de diversos autores.

Pierre Bourdieu, citado por Rodrigues, "considera que sendo a designação de profissão tradicionalmente utilizada para referir conjuntos homogêneos de pessoas no que respeita à sua atividade, estatuto, formação e associação, o sociólogo deve, na sua utilização como sistema de classificação, ter presente que se trata de uma construção social de um grupo e de uma representação dos grupos: aprende simultaneamente uma categoria social e uma representação mental" (Pierre Bourdieu citado por Rodrigues, 2002:68).

Para Abbott, parte da dificuldade em encontrar uma definição universal de profissão ou das competências específicas que estão associadas, o que seria, por si só um indício entre outros, da contingência histórica e cultural destas competências que são sempre objeto de concorrência entre os grupos profissionais, daí a necessidade, em seu entender, de compreender a própria dinâmica da competência no contexto da prática profissional, o que implica focar os estudos mais no próprio trabalho dos profissionais e menos nas suas estruturas organizacionais (Rodrigues, 2002).

1.1.2 QUATRO GRANDES PARADIGMAS NA SOCIOLOGIA DAS PROFISSÕES

Após a discussão sobre a sociologia das profissões, a diferença entre "profissão" e "ocupação", julga-se necessário abordar de uma forma sucinta os quatro grandes paradigmas que envolvem a sociologia das profissões, e os seus autores que nela se revestem.

Aqui, passa-se em revista as diferentes escolas, perspetivas e abordagens, os contributos dos diferentes autores.

Na perspetiva de Rodrigues (2002), subsistem quatro períodos de marco que vem a desenvolver-se na sociologia das profissões.

Figura 1 – Marcos da sociologia das profissões



Fonte: CARDIM, José Casqueiro, MIRANDA, Rosária Ramos (2007), O Universo das Profissões: Da qualificação às competências e à evolução profissional, Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas Universidade Técnica de Lisboa.

De acordo com Rodrigues os autores Cardim & Miranda, fazem alusão na sua obra que o progresso do estudo das profissões no plano sociológico, teve quatro períodos.

- 1) "O da definição de campo ou procura de um modelo – de 1934 ao fim da década de sessenta, (Parsons, Goode, Barber, Moore, funcionalistas, e Hughes, Strauss e Bucher, integracionistas, ou Wilensky e Gross, tentando a síntese entre os dois paradigmas);
- 2) Crítica e reabilitação das profissões – na década de setenta;
- 3) O "poder das profissões e pluralidade de paradigmas" – nas décadas de setenta e oitenta, com diferentes abordagens e interpretações sobre o poder das profissões;
- 4) Abordagem sistêmica, comparativa e procura de modelos complexos, nomeadamente os desenvolvidos na Europa." (Rodrigues citada por Cardim & Miranda, 2007:78).

Nas décadas de 1970 e 1980, entretanto, a sociologia das profissões foi enriquecendo com novos estudos e perspectivas teóricas mistas, quer desenvolvendo pontos de confluência e complementaridade entre os paradigmas bastante estruturados do funcionalismo e do interacionismo, chamando a atenção para novas dimensões consideradas importantes.

Para Cardim & Miranda (2007), as primeiras abordagens a nível sociológico foram as funcionalistas.

Na perspetiva de Rodrigues (2002:13), a *abordagem funcionalista* "as profissões como modelo" assenta em três postulados:

- Estatuto profissional do proveito do saber científico e prático e do ideal de serviço, organizados por comunidades formadas no mesmo saber, valores e ética de serviço;
- Reconhecimento social da competência sobre uma longa formação;

- Instituições profissionais como resposta a necessidades sociais, com o intuito do bom funcionamento da sociedade.

O paradigma funcionalista vê a profissão como modelo e legitimação social.

Ainda para Merton citado por Rodrigues, como impulsionador à teoria funcionalista veio assim, introduzir os conceitos de funções latentes, como reprodução do grupo e funções manifestas como realização de um ideal serviço (idem:12).

Ainda nos estudos de Rodrigues (2002:15), *abordagem interacionista* "as profissões como processo", em particular a divisão do trabalho e a distribuição social das atividades passa a ser objeto de conflitos sociais, com o contributo que a divisão do trabalho não é um processo fixo mas sim resultante de conflitos entre as diversas ocupações.

Para Everett Huges, um dos principais representantes desta abordagem, tem como a divisão do trabalho e a distribuição social das atividades é objeto de conflitos sociais (Rodrigues,2002).

Nesta abordagem faz todo o sentido referir que a seleção dos profissionais está confinada a duas técnicas, a licença e o mandato, a primeira refere-se à autorização legal para o exercício de determinadas atividades e interditas a outros, quanto à segunda é a obrigação de assegurar a função específica, sendo reconhecido e fixado pelos órgãos públicos.

Na perspetiva de Rodrigues (2002:16), ainda ao que se refere ao anterior paradigma, aposta em três conjunturas para a prática das profissões:

- Autorização e mandato sobre saberes confiados pela autoridade;
- Instituições com a finalidade de proteger o diploma e manter o mandato;
- Carreiras espaços de diferenciação/hierarquização interna e socialização.

Na formulação de Rodrigues (2002), surgiram *críticas aos primeiros modelos*, o conceito de profissão não permite fazer a distinção como entre "profissão" e "não profissão".

Assim surgem como principais mentores Gyarmati, Jonhson e Freidson, como críticos e salientam as imperfeições do conceito de profissão, a validade e bondade do modelo profissional e as suas operacionalizações e aplicações concretas, melhor, não é de todo um modelo de fácil operacionalidade (Idem, 2002).

O "movimento crítico" acabou por ter, na perspetiva de Rodrigues (2002), duas consequências metodologicamente importantes:

- Por um lado, as profissões passam a ser analisadas numa perspetiva dinâmica;
- Por outro lado, os discursos sobre a profissão "passam a ser analisadas como argumentação possível de se tornar em crenças socialmente partilhadas".

Ainda referindo Rodrigues (2002), o *paradigma do poder das profissões*, a análise vai para além das visões meramente internas das profissões, alargando-se ao estudo das interações estabelecidas com o exterior, e muito em particular com o estado

Para Johnson (1972) como primordial recurso do poder profissional resulta a produção de lucro realização das condições de reprodução do capital e das relações sociais que asseguram o modo de produção capitalista. Freidson, consolida o paradigma do poder e ainda para Magali Larson vê o profissionalismo e as profissões como estratégias coletivas (Rodrigues, 2002).

O profissionalismo com o desígnio de meio de controlo ocupacional, apresenta três processos:

- **Colegial** – produtor/profissional que define as necessidades dos consumidores;
- **Patrocinato** – consumidor que define as necessidades e as formas de as resolver;
- **Mediado** – relação de produção/consumo é medida pelo estado. (Johnson, citado por Rodrigues, 2002:49).

Assim, o nível de poder das profissões pode ser reconhecido por três grandes conceitos, *autonomia*, *conhecimento* e por último o *credencialismo*.

As características fundamentais das profissões estão associadas entre: tarefas, mercado, formação e acesso privilegiado (Freidson citado por Rodrigues, 2002:52).

Contudo, é importante destacar que as tarefas do profissional distinguem-se das outras ocupações por estas exigirem um especial conhecimento e aptidão, onde também é de ressaltar que a autoridade do saber é fundamental para o profissionalismo.

Por último surge o *paradigma sistémico*, com a necessidade de explicar a diversidade e complexidade das situações no domínio das profissões, tentar compreender a própria dinâmica da competência no contexto da prática profissional, o que virá a implicar focar os estudos mais no próprio trabalho dos profissionais e menos nas estruturas organizacionais.

Também, a estrutura interna de uma profissão têm três elementos, os grupos, as instituições de controlo e as situações de trabalho.

Segundo Abbott, busca conceber uma teoria que concebesse explicar a diversidade e complexidade das situações relacionadas com as profissões (idem, 2002).

1.1.3 A PERTINÊNCIA DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL NA CONSTRUÇÃO DA PROFISSÃO

É nuclear nesta investigação abordar a pertinência da formação profissional na construção da profissão, uma vez que foi abordado o tema das "profissões", para conclusão do capítulo sociologia das profissões.

Com a Revolução Industrial³ iniciada em Inglaterra, nos meados do século XVIII, grandes transformações se vão operar na sociedade, ciência, tecnologias, matérias-primas, fontes de energia utilizadas e, logicamente, no âmbito das organizações.

O ser humano está sujeito a uma avaliação constante pela sociedade. Nas organizações a avaliação é um processo de grande importância, uma vez que analisa o desenvolvimento dos funcionários, promovendo assim um crescimento pessoal e profissional.

Cada vez mais os recursos humanos têm acesso a ações de formação "atividade concreta de formação que visa atingir objetivos de formação previamente definidos" (CIME, 2001:14).

Nos dias de hoje existe uma necessidade corrente de formar os recursos humanos para o mercado de trabalho, assim a formação tem como objetivo aumentar as capacidades profissionais dos formandos de forma a colaborar mais para os negócios da empresa, fortalecer nos formandos comportamentos e atitudes de modo a possibilitar uma maior eficiência, eficácia e satisfação profissional; garantir ao formando a obtenção dos conhecimentos precisos para o desenvolvimento de carreira previsto e por último possibilitar aos formandos o seu desenvolvimento como indivíduos.

Considerando que os recursos humanos são, cada vez mais, as pedras basilares do êxito das organizações na tentativa de fazer face à mundialização da economia, à padronização do consumo e à difusão das novas tecnologias, a formação profissional no local de trabalho ganha grande acuidade.

Após a ação de formação para contexto profissional existe a necessidade de assegurar o conteúdo da formação como "conjunto de conhecimentos a adquirir e de capacidades práticas, atitudes e formas de comportamento a desenvolver, através da formação" (CIME, 2001:20).

Na formulação de Cardim & Miranda (2007), é necessário elaborar projetos na área da educação e da formação profissional adequado às necessidades profissionais.

Conforme (PFP,1998), "a formação é assim uma atividade recente de conceitos e critérios, sintoma seguro de uma atividade amadurecida e consolidando nos seus contornos, orientações e modelos".

Ainda segundo (PFP,1998), para os indivíduos estarem em formação, são adotadas algumas soluções, desde ser instruída no local de trabalho ou serem realizadas em local próprio a designar.

Por outro lado, "a formação profissional visa identificar e desenvolver aptidões humanas, tendo em vista uma vida ativa produtiva e satisfatória e, em ligação com diversas formas de educação, melhorar as faculdades dos indivíduos compreenderem as condições de trabalho e o meio social e de influenciarem este, individual ou coletivamente" (PFP, 1998:16).

Desta forma, a formação profissional pode emergir como forma de questionamento às competências já alcançadas, mas também, como forma de melhorar o conhecimento de si, da sua cultura, do seu ser.

³ Começa na Inglaterra, em meados do século XVIII. Caracteriza-se pela passagem da manufatura à indústria mecânica. A introdução de máquinas fabris multiplica o rendimento do trabalho e aumenta a produção global. A Inglaterra adianta sua industrialização em 50 anos em relação ao continente europeu e sai na frente na expansão colonial." <http://www.historiadomundo.com.br/idade-moderna/revolucao-industrial.htm>
- Acesso em: 23 de janeiro de 2012.

Surge então a formação profissional com principal objetivo como preparação para o exercício de uma profissão, assim, a formação profissional admite interferir exatamente ao nível da capacidade de escolha de alternativas, da tomada de decisão em áreas definidas, pelo que constitui um ferramenta astuciosa de gestão, seja para uma empresa com fins lucrativos ou para uma instituição sem fins lucrativos, como primordial objetivo intervir sobre os recursos humanos.

Ao que respeita a palavra profissão, será de mencionar que a mesma está relacionada com qualificação e competência.

Ao que concerne qualificação esta constituirá "um processo de valorização de um dado estrato profissional, profissão e/ou trabalhador (es), em resultado das suas características de intervenção no trabalho, graus de complexidade deste tipo de atividades" (Cardim & Miranda, 2007:18-19).

Na década de 90 através do Ministério do Trabalho e da Segurança Social surge o "Acordo de Política de Formação Profissional", ao qual se pretendeu instituir um regime de reconhecimento profissional com suporte na formação e na experiência profissional.

Cada vez mais, quando se fala em profissões, assalta a competência individual e como a exerce, onde sobressai os padrões de comportamentos, de saberes e experiências a forma como realiza as suas tarefas de forma perfeita.

Para Cardim & Miranda (2007:126), competência assenta no "domínio de um conjunto de capacidades operativas que é necessário mobilizar para a execução das tarefas que constituem cada profissão".

Contudo, ainda é de salientar quando se fala de competência é de extrema importância evidenciar que segundo os autores atrás referidos, existe três tipos de competências com assento nos seguintes pontos fulcrais, primeiro as *instrumentais* com base no manuseamento de instrumentos, ferramentas e equipamentos, segundo tipo de competência *cognitiva* com apoio nos conceitos e conhecimentos e por último a competência *comportamentais* onde promove comportamentos e relações e responsabilidades.

Nas sociedades do conhecimento as pessoas são os principais atores, é de sublinhar que é a capacidade humana que desenvolve o conhecimento e utiliza-o com utilidade, em situações de mudança contínua. Para expandir esta capacidade, as pessoas têm de querer e ser capazes de assumir o domínio das suas vidas. Assim, a melhor forma de dar resposta ao desafio da mudança reside na formação profissional.

A formação profissional de base "visa a aquisição de conhecimentos fundamentais, capacidades práticas, atitudes e formas de comportamento que constituem base indispensável para o exercício de uma profissão ou grupo de profissões com vista a uma especialização posterior ou à ocupação imediata de um posto de trabalho" (CIME, 2001:29).

Desta forma, à medida que caminhamos para a Era do Conhecimento, altera-se a nossa perceção do que é a aprendizagem. Permitir aos indivíduos que se tornem aprendentes ativos significa melhorar as práticas existentes, ao mesmo tempo que se desenvolvem novas e variadas abordagens para se tirar partido das oportunidades oferecidas em ações de formação contextualizadas na prática profissional.

Em súpula, a formação profissional surge como ferramenta não só de detenção de novos conhecimentos, reconversão de conhecimentos anteriormente adquiridos, mas também como forma de

se poderem modificar ideias, valores, formas de comunicação, relações sociais e as próprias concepções de trabalho e relações na empresa.

Surge assim, a necessidade e a preocupação a harmonizar a formação às necessidades existentes com o objetivo de estruturar e racionalizar o próprio sistema de formação, sendo necessário abordar que os recursos humanos são um fator cada vez mais importante nas relações de concorrência existentes entre empresas e sistemas económicos, pois assim, surge a necessidade de uma educação mais ativa e especializada, legando lugar à formação profissional.

Para finalizar, segundo Almeida *et al.* (2008) "A centralidade da formação profissional continua para sustentar processos de desenvolvimento competitivo e de promoção da coesão social tem vindo a ser afirmada quer no quadro do discurso político quer no da investigação académica. Tida, por vezes, como panaceia para a resolução de todos os problemas, a formação, não sendo um fim em si, e um instrumento capaz de contribuir para a sustentabilidade dos processos de competitividade económica e social e para dotar os atores sociais de capacidades essenciais para a sua afirmação e participação nos processos de mudança socioeconómica".

Em suma, e tal como revelam alguns estudos, "a formação profissional tem, nos últimos anos, beneficiado dum «boom» significativo, suportado pelos contributos de vários programas co - financiados pelo Fundo Social Europeu.

Ao nível dos benefícios, áreas como a formação profissional e o emprego, educação, as novas tecnologias e a sociedade da informação, a economia, a saúde, bem como o combate à pobreza e à exclusão social têm, efetivamente, recebido um forte impulso ao nível do seu desenvolvimento" (Silva & Fialho, 2006).

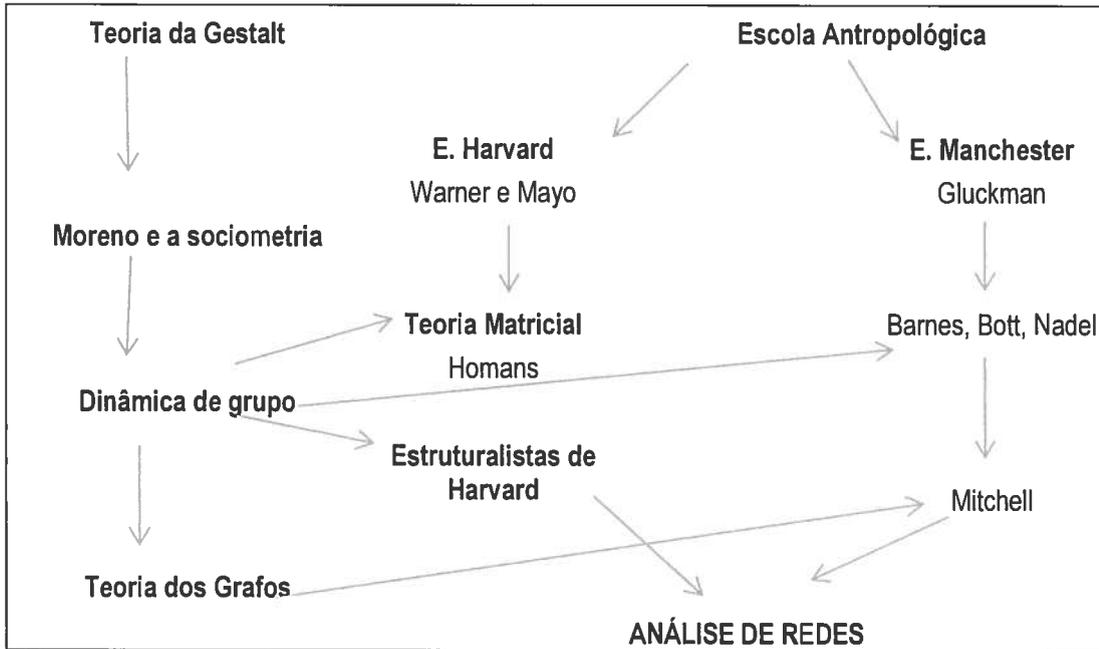
1.2. ANÁLISE DE REDES SOCIAIS

1.2.1 BREVE EXPLICAÇÃO CONCEPTUAL SOBRE O CONCEITO DE REDE

Antes de iniciar uma abordagem sobre a Análise de Redes Sociais (ARS), implica necessariamente fazer uma breve explicação conceptual sobre o conceito de rede até ao conceito de rede social e posteriormente Análise de Redes Sociais.

Como defende Fialho na sua tese de doutoramento, John Scott (2000), fez uma abordagem esquemática e sintética sobre as principais correntes sociológicas que tem abordado a análise de redes sociais, para uma melhor compreensão face ao tema.

Figura 2 – Retrospectiva histórica das redes



Fonte: in John Scott (2000:8) "Social Network Analysis" citado por (Fialho, 2008:7).

A análise de redes teve um desenvolvimento muito rápido nas últimas três décadas, no entanto, no conceito de rede parte-se de uma congruência generalista até conseguir-se chegar à análise de redes sociais.

Contudo, será notável esclarecer desde a década de 50 várias obras vem defendendo o aparecimento de forma inesperada de uma ciência das redes, sendo considerado como grande paradigma nas ciências sociais.

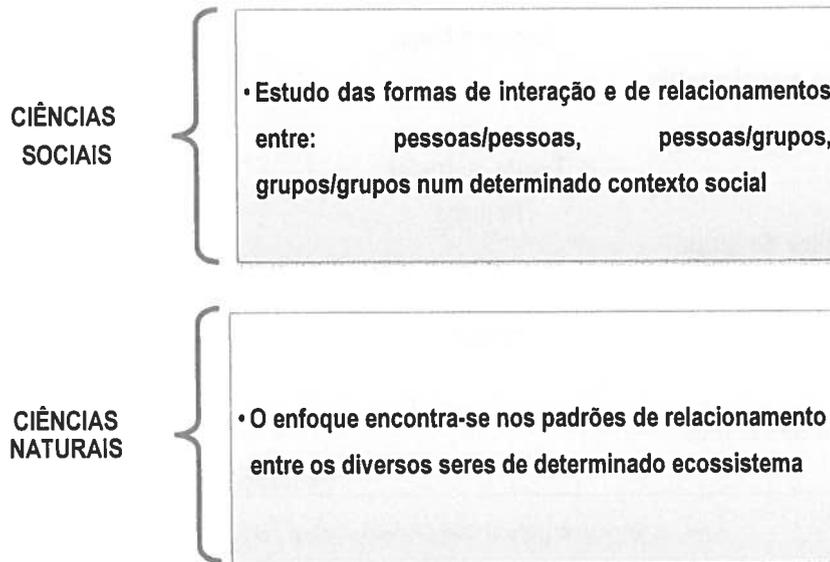
Segundo Fialho (2008:28), "(...) análise de redes «olha» para a realidade social como uma estrutura de relações que envolvem entidades interdependentes (grupos, indivíduos, organizações, etc.). O foco central de análise é a relação que pode assumir a vários níveis: amizade, aconselhamento, comunicação, influência, autoridade, variando consoante as situações e/ou entidades sociais que estão no objetivo da investigação".

Na perspetiva de Fialho (2008:24), "Etimologicamente o conceito de «rede», deriva do latim «rete», significando armadilha ou laço".

Na formulação de Nohria e Eccles (citados por Fialho, 2008:24), "o termo «rede» é para uma estrutura de laços entre atores de um sistema social. Estes atores podem ser papéis, indivíduos, organizações, sectores ou estados-nação. Os seus laços podem basear-se na conversação, afeto, amizade, parentesco, autoridade, troca económica, troca de informação ou qualquer outra coisa que constitua a base de uma relação".

Para Fialho, surge algumas perspetivações do conceito de rede no âmbito do conhecimento:

Figura 3 – Resumo do enfoque do conceito de rede



Fonte: Fialho (2008:25)

O homem como ser social vive em persistente interação com díspares ambientes: pessoas, grupos, instituições e papéis sociais, o comportamento social do homem têm o desígnio numa perspetiva de rede, onde as interações estabelecidas, a partilha de relações dão seguimento ao conceito de rede.

Importa ainda referir que o conceito de rede social, surge⁴ como um novo paradigma das ciências sociais. Segundo Fialho (2008:7), "a teoria das redes sociais resulta da consagração de várias correntes e teorias, psicologia, sociologia e da matemática dos grafos que sustentam a sua formalização enquanto «nova forma» de olhar a realidade social".

É consensual que "uma rede social é, por inerência, um conjunto de pessoas, organizações, etc., que se encontram ligadas entre si através dum conjunto de relações sociais de tipo específico" (Fialho, 2008:26).

É necessário esclarecer que o conceito de rede social surgiu cedo na sociologia e na antropologia social, mas, no entanto nos anos 30 e 40, o conceito de rede social era apenas com sentido simbólico, pois os autores não conseguiam identificar as características morfológicas, nem conseguiam estabelecer relações entre as redes e o comportamento dos indivíduos que fazem parte dela.

"As redes sociais surgiram nos últimos anos como um padrão organizacional capaz de expressar, através da sua arquitetura de relações, ideias políticas e económicas de carácter inovador, com a missão de ajudar a resolver alguns problemas atuais." (Fialho, 2008:8).

Efetivamente, a análise estrutural das redes sociais, assenta no postulado em que os atores sociais se designam pelas relações do que pelos atributos (género, idade, classe social), "o conceito de Rede

⁴ Este é o entendimento de autores como Wellman e Berkovitz

Social, assente no quadro das ciências sociais, em que uma rede social se traduz num conjunto de elementos ligados através de determinadas relações específicas". (Fialho, 2008:28).

Na formulação de Cândido (citado por Fialho, 2008:28), "as redes podem ser encontradas de várias formas:

- **Bilateralidade/multilateralidade** quando estão envolvidos dois ou mais elementos;
- **Homogeneidade/heterogeneidade** quando se verificam diferenças mais ou menos significativas entre os componentes na rede;
- **Formalidade/informalidade** quando se envolve ou não um conjunto de normas, regras e procedimentos pré-estabelecido."

Wasserman e Faust citado por Portugal, "identificam quatro grandes princípios fundamentais na teoria das redes sociais:

- Os atores e as suas ações são vistos como interdependentes e não como unidades independentes e autónomas;
- Os laços relacionais entre atores são canais onde circulam fluxos de recursos (materiais e imateriais);
- Os modelos de redes centrados nos indivíduos concebem as estruturas de relações como meios que configuram oportunidades ou constroem a ação individual;
- Os modelos de redes conceptualizam a estrutura (social, económica, política, etc.) como padrões constantes de relações entre atores" (Portugal, 2007:6-7).

Na formulação de Portugal (2007), a análise de redes admite passar das categorias para as relações, na maioria dos sociólogos reconhece que as opiniões dos indivíduos dependem das disposições em que os mesmos estão inseridos.

De acordo ainda com a autora "as análises de redes fornece uma explicação do comportamento social baseada em modelos de interação entre os atores sociais em vez de estudar os efeitos independentes de atributos individuais ou relações duais." (Portugal, 2007:7).

Assim, ainda segundo esta autora, quando se aborda a análise estrutural das redes baseia-se essencialmente que estas têm uma realidade própria, com o mesmo significado que os indivíduos e as relações têm.

Wellman citado por Portugal, "a "análise relacional" permite estudar o modo como os indivíduos são condicionados pelo tecido social que os envolve, mas, também, o modo como eles o usam e modificam consoante os seus interesses." (Portugal, 2007).

Mercklé citado por Portugal, " a teoria das redes constitui uma "terceira via", "meso - sociológica". A sua abordagem tenta responder, simultaneamente, a duas ambições: explicar o comportamento dos

indivíduos através das redes em que eles se inserem e explicar a estruturação das redes a partir da análise das interações entre os indivíduos e das suas motivações" (Portugal,2007:9).

Para a autora, Wellman, tem particular interesse na medida como aborda a relação entre os comportamentos individuais e também as características das redes de relações, assim sendo, analisa a estruturas das redes e os efeitos que advêm como forma na mobilização para os membros, e sempre com a previsível preocupação com as redes enquanto fonte de suporte social.

Ainda na formulação da autora Portugal (2007), Weellman tem particular interesse como os modelos relacionais condicionam o comportamento individual, para Fischer dispõe o conceito de rede de uma forma mais oscilante, este último autor evidencia a relação entre a estrutura social e a configuração das redes pessoais, ainda faz alusão como as escolhas dos indivíduos são reguladas pelas conjunturas sociais.

Pois é essencial evidenciar que a análise de redes possibilita evidenciar a atenção no comportamento individual sem perder de vista a sua inserção nas estruturas sociais, vários estudos acerca de redes sociais evidenciam o modo como o desenho das redes condiciona o acesso de indivíduos a diferentes recursos.

Contudo, Sant'Ana (2011), reforça "há uma contínua influência entre a posição e as relações que cada membro da rede estabelece com os demais. Leva-se em conta que as posições dos atores influenciam a lógica da interação, as ações, preferências, projetos e visões de mundo, assim como o acesso aos distintos recursos de poder".

Soares citado por Sant'Ana, " o grande diferencial do estudo das redes é a possibilidade de ir além dos atributos individuais que constituem a forma de abordagem mais comum nas ciências sociais" (Soares citado por Sant'Ana, 2002:2).

Hanneman citado por Sant'Ana, " (...) grande parte dos estudos centra-se no ator, o estudo das redes permite uma análise da dinâmica relacional" (Hanneman citado por Sant'Ana, 2002:2).

Sendo que as unidades sociais são indivíduos ou grupos de indivíduos, as relações entre os elementos na rede podem ser estáveis ou esporádicas. A análise da morfologia das redes tenta identificar os nós e os laços que fazem parte dela.

Importa destacar que "nós" são os elementos da rede, os "laços" são as relações entre os nós da rede, sendo que podem ter desiguais particularidades.

Na abordagem da rede existe a hipótese de absorver a complexidade das interações, subsiste ainda verificar as relações que os membros da rede estabelecem entre si.

Segundo Fialho & Silva (2006), "a análise de redes sociais estuda as relações entre vários elementos, designadamente pessoas, grupos, organizações, etc., sendo que, com cada tipo de relação se pode construir uma rede diferente".

Importa realçar que a análise de redes sociais se centra basicamente nas relações e não nos atributos desses elementos.

Com efeito, a Análise de Redes Sociais o seu surgimento de forma galopante deveu-se primeiro ao desenvolvimento das comunicações, que veio assim libertar o isolamento de cada indivíduo, e em segundo à valorização das relações entre as pessoas, com forma a identificar de uma forma mais evidente que as redes sociais assumiram um papel fulcral tanto ao nível do conhecimento como ao nível da prática.

Na formulação de Fialho (2008:30), " (...) podem ser encontrados dois caminhos para o processo de análise das redes sociais:

- O da relação, relegando para segundo plano os atributos;
- O da deteção de padrões de relacionamento e compreensão dos seus efeitos ao nível dos atores/fenómenos analisados".

A análise de redes sociais centra-se essencialmente nas ligações que os indivíduos estabelecem a vários níveis, tais como de trabalho, lazer, desporto, educação, amizade, etc., fazendo deste modo parte de várias redes sociais.

Segundo Fialho (2008:10), alguns psicólogos sociais como Fritz Heider, Kurt Lewin, Alex Bavelas, Leo Festinger e George Homans trabalharam sobre a análise das estruturas dos grupos, sendo que será inevitável referir que todos tiveram efeitos notáveis ao que se refere no estudo da liderança e cooperação nos grupos.

Autores como Kurt Lewin, Jacob Moreno e Fritz Heider, tiveram particular interesse em estudar as relações sociais em pequenos grupos.

Varanda citado por Fialho, " o estudo de subgrupos coesos foi também uma das linhas de investigação desenvolvidas em Harvard, sendo o exemplo mais conhecido o estudo de Hawthorne, desenvolvido por Mayo e que mostrou por via dos sociogramas a estrutura informal de grupo e pela primeira vez se alertou para as disparidades entre estrutura formal e informal no quadro das organizações" (Varanda citado por Fialho, 2008:10).

Moreno citado por Fialho, " (...) o seu grande objetivo centrou-se no estudo do homem em relação com os seus grupos (...) " (Moreno citado por Fialho, 2008:11), foi com Moreno que a sociometria teve o seu grande impacto na análise de redes sociais para poder estudar o homem e grupos, " (...) desenvolveu uma investigação ao nível da evolução e organização dos grupos e quais as posições dos indivíduos nesses grupos (...) " (Moreno citado por Fialho, 2008:12).

O teste Sociométrico é considerado a primeira estratégia para penetrar na estrutura de um grupo, o estudo do sociograma admite perceber como se encontra o inter-relacionamento no grupo, e conseguir identificar as configurações de todos os membros.

1.2.2 ANÁLISE DE REDES SOCIAIS

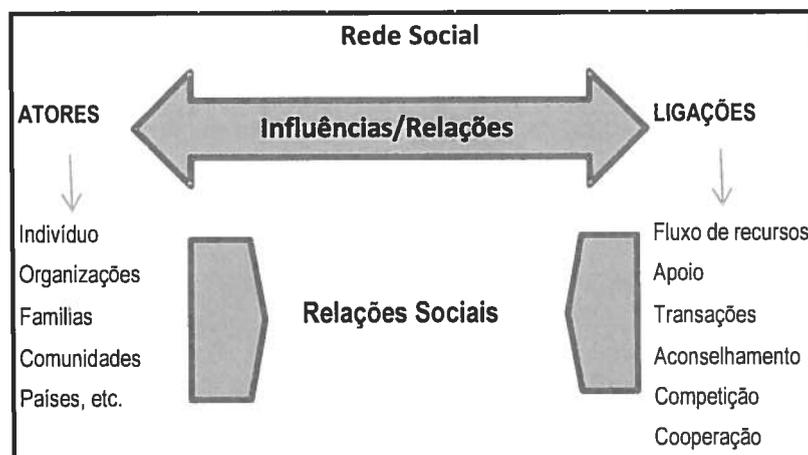
Seguidamente, é necessário abordar o conceito de análise de redes sociais uma vez que se procedeu a uma breve explicação conceptual sobre o conceito de rede.

Segundo Fialho, e referindo mais uma vez, no âmbito do conceito da análise de redes sociais, "a análise de redes sociais estuda as relações entre vários elementos, designadamente, pessoas, grupos, organizações, etc., sendo que, com cada tipo de relação se pode construir uma rede diferente" (Fialho, 2007:187).

Molina citado por Fialho (2007), "a análise de redes sociais centra-se no estudo das relações estabelecidas entre um conjunto definido de elementos (pessoas, grupos, ou organizações), separando-se das análises sociológicas tradicionais que se centram sobretudo nos atributos dos elementos." (Molina citado por Fialho, 2007:192).

Para Fialho (2007), a análise de redes sociais foca-se essencialmente nas relações e atributos, "a matriz que suporta a análise de redes sociais é a ESTRUTURA das relações que assumem um carácter explicativo mais significativo que os atributos pessoais dos elementos que compõem um determinado sistema" (Fialho,2007:187).

Figura 4 – Redes de Relações Sociais



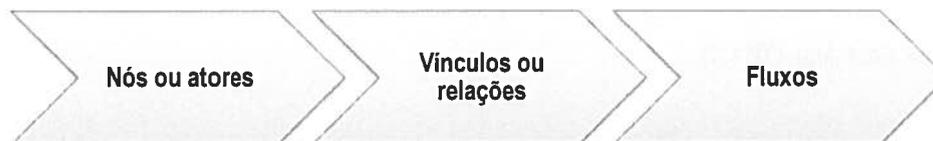
Fonte: Varanda (2000) citado por Fialho (2008:31)

Emirbayer & Goodwin citado por Marteleto, "conjunto de relações ou ligações sociais entre um conjunto de atores (e também os atores ligados entre si)", sendo este o conceito de rede dada por estes dois autores. (Emirbayer & Goodwin citados por Marteleto,2001:75).

Assim, veio a desencadear-se conceitos para uma melhor compreensão acerca do estudo das redes sociais, na análise de redes sociais os atores ou elos são todos aqueles que pertencem a uma determinada rede.

Ainda na perspetiva de Fialho (2007), para uma melhor perceção da estrutura de uma rede, é necessário compreender a interação entres três grupos de conceitos:

Figura 5 – Estrutura da rede



Fonte: Fialho (2007:189)

Para o autor os **nós** ou **atores** são pessoas ou grupos de pessoas que se encontram movidas por um objetivo comum, os **vínculos** são os laços que existem e se estabelecem entre dois ou mais nós, sendo que o **fluxo** indica a direção do vínculo.

Wasserman & Faust citado por Matheus & Silva (s.d.), "exemplo de atores são: um indivíduo, uma empresa; agências de serviço público de uma cidade; estados-nações do mundo", sendo o conceito ator flexível (Wasserman & Faust citado por Matheus & Silva).

Ainda na perspetiva de Wasserman & Faust citado por Matheus & Silva, "o laço relacional (do inglês *relational tie*), também denominado simplesmente laço ou ligação (do inglês *linkage*) – é responsável por estabelecer a ligação entre pares de atores." (Wasserman & Faust citado por Matheus & Silva).

Granovetter citado por Matheus & Silva, faz referência aos estudos sociológicos na medida em que as redes sociais abordam algumas diferenças " (...) laços fortes (do inglês *strong ties*), laços ausentes (do inglês *absent ties*) e laços fracos (do inglês *weak ties*)." (Granovetter citado por Matheus & Silva).

Segundo Lemieux & Ouimet, referem que na teoria de Granovetter (1973,1983), "os *laços fortes* (aos quais podemos igualmente chamar estreitos), são aqueles que nos unem aos «parentes», pais, amigos, cônjuges, ao passo que os *laços fracos* (aos quais podemos também chamar frouxos) nos unem preferencialmente a «conhecimentos», parentes mais afastados, antigos colegas de turma, vizinhos que não são amigos." (Lemieux & Ouimet, 2004:52).

Ainda na perspetiva destes dois autores, consideram que as redes dos laços fortes tem, por consequência, muito mais propensão para se fecharem sobre si mesmas do que as redes de laços fracos, as quais propendem preferencialmente a abrir-se para o exterior.

Mércklé citado por Fialho, "a ambição da análise de redes sociais não é somente perceber os «efeitos» das estruturas sobre os comportamentos mas, também, perceber os efeitos dos comportamentos sobre as estruturas sociais onde se desenvolvem as interações." (Mércklé citado por Fialho, 2007:192).

Porém ainda na visão de Wasserman, Faust & Hanneman citados por Fialho "este enfoque no estudo das redes assenta nas relações (conexões ou laços), entre objetos (nós, indivíduos ou grupos) ". (Wasserman, Faust & Hanneman citados por fialho, 2008:63).

Marteleto citado por Sant'Ana, descreve três princípios essenciais para o estudo das redes sociais:

- Sua extensão e não finitude em relação ao espaço local;
- Compreensão das redes densas, advindas das relações de proximidade (familiares e de vizinhança) e das redes ampliadas (relações de trabalho, associativas e participativas);
- O entendimento de que, por meio da configuração das redes sociais e dos elos entre os atores, é possível analisar o comportamento individual e coletivo de seus membros. (Marteleto citado por Sant'Ana, 2011:4).

Wellman citado por Fialho, a análise de redes sociais comporta duas perspectivas analíticas que se complementam:

- a) "**Egocentrada** (...) tipo de análise está direcionada para um determinado nó/ator (ego) e outros nós /atores da rede com os quais o nó egóico mantém relações. (...)
- b) **Rede completa** (...) informação sobre o padrão de laços entre todos os nós atores na rede é utilizada, (...) identificar os subgrupos reticulares com um maior nível de coesão interna" (Wellman citado por Fialho, 2007:193).

Segundo Martes *et al* citado por Pinto & Junqueira (2008), "o referencial teórico da ARS liga-se à Sociologia das Organizações, à Teoria Organizacional, à Teoria Institucional, à Sociologia Económica e à Teoria da Escolha Racional" (Martes *et al* citado por Pinto & Junqueira, 2008:36).

Conforme refere Fialho & Silva (2006), pode-se encontrar redes nos díspares quadrantes da sociedade, redes de empresa, fornecedores, comunicação e redes de intervenção social entre outras.

Knoke & Kuklinski citado por Fialho, refere a existência de um quadro ao que concerne às relações:

- a) **Relações de comunicação.** Os laços que se estabelecem entre os atores são os canais de transmissão e de veiculação das mensagens entre os atores do sistema;
- b) **Relações de transmissão.** Há um intercâmbio de controlo através de meios físicos e simbólicos que funcionam, por exemplo, como regras das relações;
- c) **Relações instrumentais.** Os contactos entre os atores assentam numa lógica de partilha mútua de segurança, bens, serviços e informação;
- d) **Relações sentimentais.** As redes apontadas como as mais frequentes são aquelas em que os indivíduos expressam os seus sentimentos de afeto, admiração, ódio ou hostilidade uns com os outros;
- e) **Relações de autoridade e poder.** São aquelas que se verificam nas organizações formais complexas. Implicam os direitos e deveres dos atores e uma lógica de respeito e subordinação aos superiores;

- f) **Redes de parentesco e descendência.** São um tipo especial de redes que indicam as posições dos membros numa estrutura familiar e apresentam também algumas vicissitudes com as anteriormente referidas. (Knoke & Kuklinski citado por Fialho,2007:194).

Fischer citado por Fialho, apresenta uma outra tipologia das relações que geram as redes sociais:

- **Relação formal.** Assenta nos papéis organizados social e culturalmente, como por exemplo pai-filho, patrão-empregado, etc.
- **Relação sentimental.** Tem por base uma lógica de afetividade, na qual um indivíduo se compromete a ajudar.
- **Relação de intercâmbio.** Quando um indivíduo se compromete com os outros para a realização dum conjunto de atividades. (Fischer citado por Fialho, 2008:58).

Importa clarificar face às tipologias de redes apresentadas sobre os paralelismos encontrados entre as mesmas.

Figura 6 – Tipologias de redes

Tipologias de Fischer	Tipologia de Knoke e Kuklinski
Relação sentimental	Relações sentimentais Relações de comunicação
Relação de Intercâmbio	Relações de comunicação Relações instrumentais Relações de transação
Relação Formal	Relações de autoridade e poder Relações de parentesco

Fonte: Requena Santos (1991) citado por Fialho (2008).

Efetivamente, ao falar-se ARS, o autor Porras citado por Fialho, faz menção a algumas características fundamentais para este estudo, tais como:

- a) **Tamanho:** o número de atores que participam numa rede;
- b) **Número:** de interesses envolvidos na rede;
- c) **Coesão:** o número de interações existentes entre os participantes da rede com a sua relação ao seu potencial;
- d) **Intensidade:** associada à frequência e volume de atributos transacionados;
- e) **Estabilidade:** ou persistência no tempo das relações;
- f) **Autonomia:** ou nível de permeabilidade da rede a atores identificados como externos à rede. (Porras citado por Fialho,2007:197).

Importa clarificar que o estudo das redes expõe três princípios primordiais, primeiro a **sociometria**, com o intuito de identificar as redes de relacionamentos entre pessoas e os seus padrões de interação, em segundo os **estudos de antropólogos da Universidade de Macherster**, veio a desenvolver os modelos matemáticos de redes para representar relações e atividades sociais como o parentesco, amizade, relações políticas e de trabalho e em último os **estudos de estruturalistas da Universidade de Harvard**. Conforme formula Fialho (2007), "os analistas de redes sociais recorrem a ferramentas matemáticas para representar os padrões de relações entre vários atores. Entre estas formas de representação estão os **grafos e as matrizes**" (Fialho, 2007:189).

Segundo Fialho & Silva (2006), a ARS tem beneficiado das técnicas de análise de matrizes e grafos através do progresso de ferramentas informáticas, assim também tem estado relacionado a matemática e a estatística, com o intuito de visar muitas da análise de redes sociais.

Ainda na vertente de Fialho & Silva (2006) expressar que a sociologia e a teoria dos grafos têm como primordial objetivo dissecar a dinâmica do grupo em função das relações que os seus membros instituem. Dentro desta linguagem, "as redes ou grafos e as matrizes têm-se constituindo como principal ferramenta para traçar e apresentar as interações entre indivíduos, grupos e organizações" (Fialho & Silva, 2006).

Para Lemieux & Ouimet (2004), na teoria dos grafos, fala-se em caminho, quando a intenção é querer designar um seguimento de relações orientadas.

A análise de redes engloba a análise de redes complexas e a análise de redes sociais, e fundamenta-se através de métodos de análise numéricos e estatísticos que se ajustam ao estudo de relações que se estabelecem entre os organismos, a ARS, comporta nas ligações que se estabelecem, não impossibilitando que as singularidades sejam analisadas através de métodos estatísticos tradicionais, caso os valores dessas singularidades sejam atribuídas, sendo que o agregado de uma rede é designado por composição da rede social.

A análise de redes sociais, segundo Sant'Ana (2011), é uma metodologia quali-quantitativa que vem a proporcionar mapear as interconexões instáveis e os elementos em interação, e analisar padrões de relacionamento.

Para Lazega citado por Fialho, "adverte que os dados de carácter qualitativo são indispensáveis para desenvolver a intuição sobre as relações entre os atores." (Lazega citado por Fialho, 2008: 62).

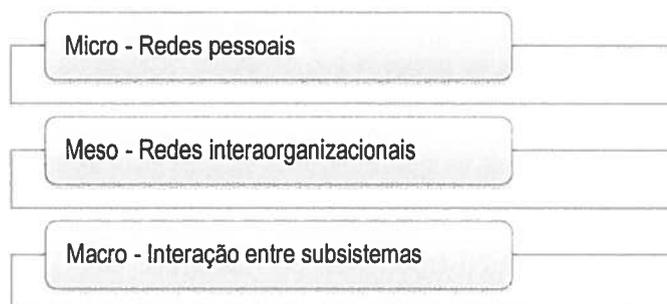
As definições usadas na ARS, são apoiadas matematicamente, esta argumentação possibilita que todos os estudos assentes na ARS desfrutem de ferramentas adequadas e eficazes de análise e visualização de redes sociais.

Aqui, quando se refere a notação matemática empregada na ARS distingue-se em três abordagens: *grafos*, *matrizes* e *álgebra relacional*, é necessário esclarecer que estas abordagens são usualmente conciliáveis e conversíveis, adequando-se cada uma a situação em particular.

Face ao exposto, a ARS tem como principal finalidade certificar os efeitos do comportamento comunicacional e analisa, de forma integrada, os decisivos efeitos da participação de cada um, a ARS

tem como objetivo as mesmas ferramentas de captação de dados utilizados pelas ciências sociais, tais como questionários, entrevista, análise documental e assim possibilita na análise dos referidos dados. A análise de redes sociais pode ser entendida em diferentes níveis de análise (Fialho, 2008, 52-53):

Figura 7 – Análise de Redes Sociais em diferentes níveis de análise



Fonte: Fialho (2008:52-53).

Ainda na linha de pensamento de Fialho (2008: 53), a análise de redes sociais é um processo complexo e vasto que pressupõe a equação de vários cenários:

- A descrição de relações sociais espontâneas ou formalizadas integradas num determinado tempo e espaço;
- A explicação das causas-efeitos-consequências que despoletam o quadro de relações;
- A evolução das relações no passado recente, bem como a forma de entender as tendências;
- A identificação de singularidades nas relações sociais, a hierarquização de problemas, limite e debilidades, identificação de recursos, possibilidades e potencialidades.

Para o autor "um dos atrativos da análise de redes sociais reside no facto de se tentar compreender as relações entre os atores na ótica das **RELAÇÕES** em detrimento dos seus atributos" e ainda o mesmo autor cita "o enfoque da análise de redes sociais pode assentar na descrição e caracterização dos sistemas relacionais, bem como nos seus princípios reguladores de forma estática ou dinâmica". (Fialho, 2008, 53-54).

Hanneman citado por Sant'Ana, " (...) buscou-se a metodologia de ARS para imprimir uma peculiaridade fundamental à pesquisa: deixar de focar os atributos dos atores, para analisar as relações entre eles." (Hanneman citado por Sant'Ana, 2011:4).

Segundo Granovetter, Uzzi & Mizruchi citados por Pinto & Junqueira (2008), "os estudos que focam a importância da relação entre atores são a principal linha de pesquisa e baseiam-se no pressuposto de que os relacionamentos são constitutivos da natureza humana e que são elementos definidores da identidade dos atores sociais. Outra linha entende que o comportamento humano - inclusive o mundo corporativo e as transações económicas - estão imersos em campos sociais, em uma rede de relacionamentos interpessoais" (Granovetter, Uzzi e Mizruchi citados por Pinto & Junqueira, 2008:38).

Borgatti citado por Fialho, a estrutura duma rede pode analisar-se a partir de diversos indicadores que variam consoante os resultados que o investigador pretende captar, assim Borgatti identifica quatro níveis de análise de redes sociais:

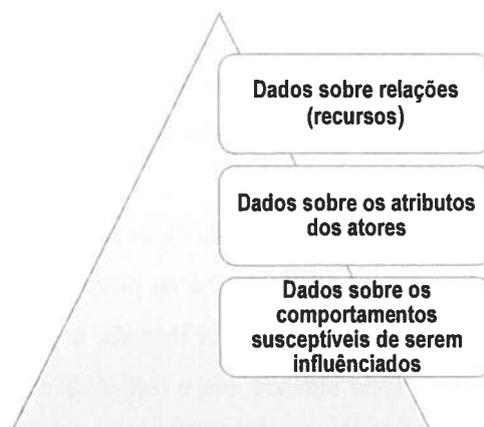
- a) **Nível das díades:** que assenta ao nível da proximidade incrementada e das possibilidades de comunicação.
- b) **Nível de atores:** associada às posições que os atores ocupam na rede e os seus níveis de influência.
- c) **Nível da rede/grupo:** assente na lógica de que as equipas mais coesas agem melhor?
- d) **Díades e atores mesclados:** os trabalhadores do mesmo sexo comunicam mais entre si do que com os do sexo contrário? (Borgatti citado por Fialho,2008: 60-61).

Contudo, para Lazega citado por Fialho, o nível de análise da investigação em redes sociais pode caminhar em três sentidos alternativos:

- a) **Nível egocêntrico** em que se procede a um levantamento das redes do ator a nível individual e se procura comparar indivíduos e explicar algumas diferenças entre eles.
- b) **Nível relacional** em que se focam as características das díades, tríades ou sub - estruturas intermediárias de nível mais elevado. Procura enumerar as relações entre si (simetria, assimetrias, força de ligação, etc.).
- c) **Nível estrutural** que procura compreender as posições e papéis dos atores no sistema e descrever a natureza das relações entre as posições. (Lazega citado por Fialho,2008:61).

Conforme cita o mesmo autor existe três tipos de dados que devem ser tidos em conta no estudo da rede, passa-se a citar:

Figura 8 - Três tipos de dados no estudo da rede



Fonte: Fialho (2008).

Na formulação de Fialho o conceito de equivalência, torna a compreensão dos papéis sociais dos atores na rede, pressupõe uma forma abstrata de análise das dinâmicas entre os atores, assim de uma forma genérica a equivalência pretende agrupar os atores mais idênticos descrever os fluxos que os tomam similares.

Para Denenne & Forsé citados por Fialho, "a equivalência estrutural pressupõe que dois indivíduos são equivalentes se eles mantiverem exatamente as mesmas relações com todos os outros. A equivalência estrutural pressupõe que os indivíduos reagrupados numa determinada classe tenham exatamente as mesmas relações com os outros." (Degenne & Forsé citados por Fialho, 2008:72).

No entanto para Mercklé citado por Fialho, "a equivalência regular foi criada para distinguir os conjuntos de posições equivalentes nas estruturas complexas: dois indivíduos podem ser considerados equivalentes, não se eles tiverem relações com outros perfeitamente idênticos, mas se eles pertencerem a um conjunto de indivíduos onde a globalidade dos seu elementos mantém relação com outro conjunto." (Mercklé citado por Fialho: 73).

Para Hanneman citado por Fialho, "as diferenças como os indivíduos estão conectados é fundamental para compreender os seus atributos e comportamentos." (Hanneman citado por Fialho, 2008:73-74).

Assim face ao exposto, Freeman citado pelo mesmo autor faz alusão a três medidas de centralidade, sendo elas: **Grau**, **Proximidade** e **Intermediação**.

- a) **GRAU** (*degree*) – obtém-se através do cálculo do número de ligações adjacentes para cada ator. Quanto maior for o número de ligações diretas, maior será a sua atividade na rede, ou seja, corresponde ao número de contatos dum indivíduo.
- b) **PROXIMIDADE** (*closeness*) – reporta-se à proximidade de um ator assume relativamente aos outros na rede, incluindo ligações diretas e indiretas isto é, a partir da matriz de distâncias (a distância pelo caminho mais curto) entre os vértices dum grafo.
- c) **INTERMEDIAÇÃO** (*betweenness*) – um indivíduo pode ter um número pouco elevado de contatos, mas ocupa uma posição chave, na medida em que se encontra num ponto de passagem obrigatório para os outros: intermediação. (Freeman citado por Fialho, 2008:74-75).

Segundo Hanneman (2001), numa rede ter mais que um caminho torna o ator menos submisso e mais influente, quantos mais atores dependem uns dos outros, maiores relações de poder são estabelecidas na rede.

Pois assim a centralidade de intermediação defende a ideia de que um indivíduo pode estar ligeiramente ligado aos outros e mesmo relativamente afastado, mas serve de intermediário para um número significativo de escolhas dos outros membros do grupo. (Hanneman citado por Fialho, 2008:76).

Por outro lado Bonacich, ser mais central não é sinónimo de ser mais poderoso, esta ideia sustenta em que o ator pode ser mais poderoso e influente se estiver conectado com outros atores na medida em que um ator pode conectar-se com muitos outros atores.

Em contrapartida Hanneman advoga a lógica do autor é simples: estar bem conectado a outros conectados torna o ator central, mas não poderoso.

Para Alejandro & Norman (2005), propõem que subsistem indicadores cuja análise de poder realizar de forma individual (por cada um dos nós) e indicadores que podem ser utilizados no conjunto (toda a rede).

Figura 9 – Indicadores de análise

Tipo de indicador	Nó	Rede completa	Descrição
Densidade	Sim	Sim	<i>Apresenta o valor em % da densidade da rede ou seja, se a conectividade é alta ou baixa. A densidade é uma medida que se expressa através da percentagem do quociente entre o número de relações existente entre as possíveis.</i>
Centralidade	Sim	Não	<i>O grau de centralidade assenta no número de atores aos quais um ator está diretamente ligado.</i>
Centralização	Não	Sim	<i>O ator exerce um papel notoriamente central e está altamente conectado na rede.</i>
Intermediação	Sim	Sim	<i>Trata-se da possibilidade que um nó tem para ser intermediário das comunicações entre os pares de nós. Estes nós também são conhecidos por atores de ponte.</i>
Proximidade	Sim	Sim	<i>Trata-se da capacidade dum ator alcançar todos os nós da rede.</i>

Fonte: Alejandro e Norman (2005) citados por Fialho (2008).

Na vertente de Lemieux & Ouimet (2004), fez-se questão de enfatizar que existem, nos dias de hoje, muitas outras medidas de centralidade de que os interessados poderão tomar conhecimento nos períodos especializados em análise estrutural, assim tem-se como exemplo a revista *Social Networks*.

É fundamental esclarecer que na perspetivação das redes não se trata unicamente dos elementos do sistema mas sim a forma como eles interagem, invoca Borgatti.

- **ESTRUTURA:** desempenho do grupo;
- **POSIÇÃO:** oportunidades e limitações;
- **CAPITAL SOCIAL:** advoga que o capital social prevalece sobre o capital humano;
- Estuda as consequências da posição na estrutura da rede. (Borgatti citado por Fialho, 2008:83).

Efetivamente, a primordial preocupação dos investigadores procuram descrever estes padrões e usam estas descrições para tentar compreender como as estruturas de rede afetam o comportamento social e pode gerar mudança.

Segundo Portugal (2007), o conceito de capital social tem muito em comum com o conceito de rede, tanto o conceito de rede como o conceito de capital social, efetivamente, tornou-se muito popular, sendo que nos dias de hoje seja muito debatido nas diversas áreas de interesse, como na sociologia, economia educação criminologia e política.

Como refere Adam & Roncevic citados por Portugal (2007:15), os autores avaliam o capital social como "um genótipo com muitas aplicações fenotípicas". O genótipo, a partir do qual surgem as inúmeras definições, parece residir na definição de Coleman: não é uma entidade singular, mas uma variedade de entidades, com dois elementos em comum: constituem aspetos das estruturas sociais e facilitam certo tipo de ações dos atores na estrutura. O autor localiza o capital social nas "relações entre as pessoas".

Sendo o capital social, associado à relação, assim, tornou-se elementar associa-lo às redes sociais.

Como advoga Lemieux e Ouimet (2004:80), "capital social pode servir para a realização de fins individuais ou coletivos."

Lin citado por Portugal, "o capital social é visto como um bem social em virtude das conexões dos atores e do acesso aos recursos da rede ou grupo de que eles fazem parte" (Lin citado por Portugal, 2007:16).

Para Bourdieu, define capital social como "um conjunto de recursos, efetivos ou potenciais, relacionados com a posse de uma rede durável de relações, mais ou menos institucionalizadas, de inter-conhecimento e de reconhecimento" (Bourdieu, citado por Portugal, 2007:17).

Segundo Coleman, define "o capital social a partir da sua função, e afirma que, "como outras formas de capital, o capital social é produtivo, tomando possível alcançar certos fins que não seriam atingíveis na sua ausência". (Coleman citado por Portugal, 2007:18).

Ainda definindo capital social, Putnam evoca que capital social "refere-se às conexões entre indivíduos – redes sociais e normas de reciprocidade e confiança que delas emergem". (Putnam citado por Portugal, 2007:19).

Em suma, neste sentido, é possível constatar que a análise de redes sociais se interliga com as Ciências Sociais, uma vez que numa dada estrutura se utiliza metodologias de estudo semelhantes.

A análise de redes sociais procura compreender o melhor possível como se estabelecem as relações em determinada estrutura e se as ligações estabelecidas possibilitam uma boa comunicação entre os membros envolvidos. Desta forma a análise de redes sociais torna-se numa metodologia útil para verificar as relações existentes.

1.2.3 ANÁLISE DE REDES SOCIAIS. TEORIA, METODOLOGIA OU PARADIGMA?

Após uma breve reflexão teórica sobre o conceito de rede e análise de redes sociais torna-se inevitavelmente de falar de análise de redes sociais enquanto metodologia nas ciências sociais.

A análise de redes sociais é vista como uma metodologia que se debruça sobre o estudo das relações entre entidade e objetos de várias naturezas.

Conforme Requena Santos (1996:15) aborda, a rede social é uma metáfora que se usa na Sociologia para poder definir um conjunto de ligações que passam a unir um grupo de atores.

Efetivamente, os indivíduos podem ter várias ligações ao mesmo tempo.

Uma relação social entre duas pessoas com base em uma única ligação é designada de simples, enquanto uma relação que envolve várias ligações é descrita como múltiplas. (Requena Santos, 1996:18).

Como refere Molina (2001:13), a análise de redes sociais estuda as relações entre vários elementos.

Ainda na linha de pensamento de Molina, enquanto a análise tradicional tenta explicar as classes sociais e profissões, a análise de redes sociais enfoca as relações e atributos, em vez de elementos.

Segundo Degenne e Forsé citados por Fialho, "a análise de redes sociais pretende pois evidenciar que o estudo duma díade (interação entre duas pessoas) só tem fundamento em relação ao conjunto das outras díades da rede, dado que a sua posição estrutural tem necessariamente um efeito sobre a sua forma, conteúdo e função. Deste modo, a função duma relação está dependente da posição estrutural dos elos, e o mesmo se verifica com o *status* e o papel do ator. Uma rede não se resume como a simples soma das relações, e a forma como é exercida a influência em cada relação". (Degenne e Forsé citados por Fialho, 2008:63).

Segundo Martinho citado por Pinto & Junqueira, "no âmbito das ciências sociais tenha havido uma apropriação do termo rede como adequado à compreensão dos mecanismos de relacionamento – redes enquanto sistemas, estruturas ou desenhos organizacionais que possuem uma grande quantidade de elementos dispersos espacialmente e que mantêm relações entre si – e o estudo da dinâmica da rede enquanto sistema ou de sua estrutura, a partir dos laços ou ligações entre seus componentes." (Martinho citado por Pinto & Junqueira, 2008:35).

O estudo das condutas e ações dos atores não se centra nos atributos individuais, como idade, sexo, género, etc., mas nas relações que advêm das interações que são estabelecidas pelos indivíduos uns com os outros.

Conforme advoga Wasserman, Faust & Hanneman citados por Fialho, "a base fundamental das redes assenta no estudo dos dados relacionais". (Wasserman, Faust e Hanneman citados por Fialho, 2008:63).

Na linha de pensamento de Fialho, o estudo das redes assenta nas relações (conexões ou laços), entre objetos (nós, indivíduos ou grupos), assim sendo, é permitido clarificar, é lícito referir que no estudo das redes o enfoque se centra no estudo das relações em detrimento dos atributos individuais abordados pela generalidade das ciências sociais.

Na ótica de Hanneman citado por Sant'Ana, "enquanto grande parte dos estudos centra-se no ator, o estudo das redes permite uma análise dinâmica relacional." (Hanneman citado por Sant'Ana, 2011:2).

Assim Soares citado por Sant'Ana sugere, "o grande diferencial do estudo das redes é a possibilidade de ir além dos atributos individuais, que constituem a forma de abordagem mais comum nas ciências sociais." (Soares citado por Sant'Ana, 2011:2).

Na formulação estruturalista, a mesma dividiu-se em duas grandes vertentes, primeiras as redes completas e segundo as redes pessoais. "A visão de redes completas, ou integrais, tem como objeto a relação estrutural da rede com os grupos sociais. Trata, portanto, da distribuição do poder na rede como um todo ou na relação desta com outros grupos. Na visão de redes pessoais, o cerne é a análise dos papéis representados pelo indivíduo nos diversos grupos sociais dos quais participa." (Martinho citado por Pinto & Junqueira, 2008:37).

Na formulação de Pinto & Junqueira segundo Martinho, "temos estudos sobre a padronização estrutural da vida social, que buscam identificar quais são os atores que geram e criam laços em uma determinada rede, aumentando seu poder. Redes de organização podem ser analisadas pelo grau de agrupamento (*clustering*) e pelo grau de distanciamento dos atores que a ela pertencem." (Martinho citado por Pinto & Junqueira, 2008:39).

Segundo Portugal (2007), a forma como está caracterizada os nós e os laços possibilita identificar propriedades morfológicas das redes:

- **Dimensão:** número de elementos que constituem a rede;
- **Densidade:** relação entre os laços ativados e o total de potenciais membros da rede;
- **Orientação:** as relações orientam-se preferencialmente para parentes, amigos, vizinhos, colegas? No que diz respeito à rede de parentesco, as relações estabelecem-se preferencialmente num sentido vertical ou horizontal: privilegiam-se os parentes em linha reta ou os colaterais?
- **Polarização:** existem atores que desempenham um papel de "catalisadores de relações", por quem passam os laços estabelecidos entre os diferentes membros da rede?
- **Segmentação:** os elementos que pertencem a diferentes redes (parentesco, amizade, vizinhança) interagem entre si, ou constituem núcleos de relações independentes?
- **Sobreposição ou dissociação:** um laço tem mais do que um conteúdo? Os diferentes elementos da rede desempenham mais do que um papel no total da rede? (Sílvia Portugal, 2007: 25-26)

Ainda na linha de pensamento de Portugal (2007), após esta breve abordagem de caracterização dos nós e laços que proporciona identificar propriedades morfológicas das redes, assim, vem gerar o desenvolvimento de metodologias de reconstituição das redes que permitam responder às questões "quem?" e "o quê?".

Pois assim, consegue-se identificar as estratégias metodológicas de abordagem das redes em três padrões:

- **Abordagem estrutural:** recomposição da rede através do contacto com todos os seus elementos, utilizando sobretudo processos sociométricos;

- **Seleção de informador privilegiado:** recria as relações entre os diferentes membros da rede
- **Abordagem egocentrada:** reforma a rede de relações dum determinado indivíduo (*ego*).

Na perspetiva de Marteleto (2001), "a análise de redes estabelece um novo paradigma na pesquisa sobre a estrutura social. Para estudar como os comportamentos ou as opiniões dos indivíduos dependem das estruturas nas quais eles se inserem, a unidade de análise não são os atributos individuais (classe, sexo, idade, género), mas o conjunto de relações que os indivíduos estabelecem através das suas interações uns com os outros. A estrutura é aprendida concretamente como uma rede de relações e de limitações que pesa sobre as escolhas, as orientações, os comportamentos, as opiniões dos indivíduos." (Marteleto, 2001:72).

Como refere Fialho (2008:54) na sua obra, "é também neste quadro que podem irromper algumas das questões sobre o verdadeiro sentido da análise de redes sociais. Nesta ótica, Mercklé (2004) lança a questão: *Será a análise de redes sociais um novo paradigma sociológico?* Por conseguinte, é também nesta linha que Clyde Mitchell (1974) lança uma questão análoga: *a análise de redes sociais constitui uma nova teoria sociológica?*"

Segundo Molina (2001:17) este ramo da ciência, as redes sociais, está preocupado com a descoberta das características das estruturas sociais e foca-se na rede de relacionamentos entre vários seres humanos.

Na reformulação das redes sociais conforme menciona Molina (2001), a perceção da análise de redes sociais como paradigma caracterizado para o estudo das relações entre os objetos, ao invés de estudar os seus atributos.

Conforme alude Berkowitz citado por Fialho (2008:56), "a análise estrutural de redes sociais é um novo paradigma que veio desenvolver uma «revolução científica», sobretudo pelo facto de ter vindo a desenvolver uma nova linguagem entre especialistas, a qual permite comunicar entre eles de forma não ambígua."

Em contrapartida Degenne e Fôrse citados por Fialho (2008), "sustentam que a análise estrutural se encontra em vias de se constituir um verdadeiro paradigma."

Como advoga Fialho (2008), os numerosos entendimentos de rede tem como pensamento comum a imagem de fios, teias e conexões que compõem um tecido comum.

Como fazem referência Lemieux & Ouimet (2004:33), a análise estrutural, o objetivo é analisar as relações entre atores e não tanto entre atributos.

Conforme formula Degenne & Fôrse citados por Marteleto, "o objetivo é demonstrar que a análise de uma díade (interação entre duas pessoas) só tem sentido em relação ao conjunto das outras díades da rede, porque a sua posição estrutural tem necessariamente um efeito sobre a sua forma, seu conteúdo e sua função. Portanto, a função de uma relação depende da posição estrutural dos elos, e o mesmo ocorre com o *status* e o papel de um ator. Uma rede não se reduz a uma simples soma de relações, e a sua forma exerce uma influência sobre cada relação." (Degenne & Fôrse citados por Marteleto, 2001:72).

Porém, "estudar as interações sob o prisma e rede é ir além da redundância das díades (relações entre dois elementos) e captar influencia não só mútuas, mas de todo o grupo, bem como de outros grupos ou redes. Pode-se tomar como referência a noção de rede definida por Michel Serres (1969) apud MUSSO (2004)), como uma pluralidade de pontos (picos) ligados entre si por ramificações (caminhos), onde o pico é a intersecção de vários caminhos e, reciprocamente, um caminho põe em relação vários picos." (Sant'Ana, 2011:2).

Conforme enunciam Matheus & Silva para Laville & Dionne, a coleta de dados nos estudos de análise de redes sociais é feita com base nas metodologias habitualmente utilizadas nas ciências sociais tais como, questionários, entrevistas, observações, dados de arquivo, entre outras.

Também é necessário salientar que a maioria das teorias sociológicas prende-se ao nível relacional entre os atores, pois assim, a participação mais significativa da análise de redes resulta da admissão de instrumentos técnicos que possibilitam avaliar empiricamente os postulados teóricos sobre a natureza das relações e o carácter estrutural das redes, conseqüentemente pode-se afirmar que as matrizes e os grafos têm constituído como principal ferramenta para delinear e expor as interações entre os indivíduos, grupos e organizações.

Contudo, é de evidenciar que surge a sociometria com Moreno (1889 - 1974), este aplica o teste sociométrico como estratégia para entrar nas estruturas de grupos.

Como faz referência Lemieux & Ouimet (2004), tendo sido a sociometria criada por Moreno na década dos anos 30, assim, a sociometria interessa-se pelas afinidades, pelas indiferenças pelas atrações e até mesmo pelas repulsões entre todos os indivíduos.

Na ótica de Bastin citado por Fialho, "a posição social de cada elemento no grupo. As preferências emitidas repartem-se muito desigualmente entre todos. A maior parte recebe algumas, dois ou três privilegiados monopolizam o restante, outros ficam isolados sem preferências. Acontece o mesmo com os rejeitados. Na maioria dos casos, uma grande percentagem de rejeições centra-se sobre alguns indivíduos, a restante reparte-se sobre um número maior de indivíduos e os membros, mais ou menos numerosos conforme o grupo, nada recebem" (Bastin citado por Fialho, 2008:13).

Na linha de pensamento de Molina, como refere Fialho, os investigadores de Harvard e Chicago tem como orientação os estudos empiricos ao nível da existência de grupos informais e a sua articulação com os sistemas sociais, para além da introdução de inovações metodológicas e teóricas sobre a análise de redes sociais.

Assim, essas linhas de investigação utilizadas por George Homans que veio a desenvolver a teoria sobre a dinâmica universal dos pequenos grupos.

Para Degenne, Forsé & Varanda citados por Fialho, os objetivos da investigação na análise de redes sociais divide-se em três categorias:

Figura 10 – Objetivos da Investigação em Análise de Redes Sociais

Objetivos da investigação em ARS	Deteção da estrutura
	Posicionamento dos atores na estrutura
	Efeito da estrutura no comportamento dos atores

Fonte: Degenne & Forsé citados por Fialho, (2008: 66)

Para melhor se perceber o acima referido é necessário, um breve esclarecimento:

Quanto à **Deteção da estrutura**, resulta de dois fatores:

- a) **Coesão ou densidade das relações entre os atores.** "Centra-se nas ligações diretas entre os atores procurando identificar *cliques* (subconjuntos de indivíduos ligados entre si) densamente ligados, recorrendo a técnicas da teoria dos grafos. Neste quadro, segundo Burt (1982), as posições tem que ser *cliques*."
- b) **Equivalência estrutural.** Nesta medida "os atores são agregados numa posição na medida em que tem um conjunto comum de ligações a outros atores no sistema, e não necessariamente por terem ligações direta com outros nessa posição." (Varanda citado por Fialho, 2008:6). "A coesão, para além de outros enfoques assentes na centralidade e na intermediação, pode ser considerada como fundamental para compreender as dinâmicas de rede." (Reffay citado por Fialho, 2008:67).

Quanto ao ***Posicionamento dos atores na estrutura***, como se distingue os indivíduos e como estão conectados é fundamental para compreender os seus atributos e comportamentos, para o autor Freeman (1979) na citação de Fialho (2008), reporta-se a três medidas de centralidade (Grau, Proximidade Intermediação).

Quanto ao ***Efeito da estrutura no comportamento dos atores***, assim pode-se reunir as condições para se proceder a uma associação entre a posição e o comportamento, a estrutura das relações entre os atores, e a posição que eles ocupam na rede, podendo-se medir a influência dos comportamentos.

Todavia, para os investigadores torna-se indispensável descrever os padrões, tentam perceber como as estruturas de rede podem vir a influenciar o comportamento social.

Para Wellman citado por Fialho, a análise de redes sociais trata portanto dos sistemas sociais enquanto rede de relações de dependência provenientes de acessos diferenciados a recursos escassos. (Wellman citado por Fialho, 2008:83).

Conforme refere Fialho (2008:196), "a delimitação e compreensão do conceito de rede tem por base alguma complexidade de interpretações, as quais podem ser focalizadas a três níveis:

- **ECONÓMICO** que tem por base atividades e recursos que funcionam como intercâmbio nas redes;
- **SOCIAL** no qual se enquadram os atores das redes e as relações de confiança que estabelecem entre eles;
- **ESTRATÉGICO** que surge associado ao valor que é produzido no quadro das redes."

Como advoga Eccles & Nohria citados por Fialho, " a lógica mais comum de rede baseia-se na estrutura de laços entre os atores de um sistema social. Estes atores podem ser papéis, indivíduos, organizações, sectores ou estados – nação. Os seus laços podem basear-se na conversação, afeto, amizade, parentesco, autoridade, troca económica, troca de informação ou qualquer outra coisa que constitua a base de uma relação" (Eccles & Nohria citados por Fialho, 2008:196).

Conforme expõe Portugal, para Thomas Kunh (1970), a conceção de paradigma foi imposto na condição para dar conta da descontinuidade da evolução do conhecimento científico.

Contudo, ainda refere que um paradigma é composto por leis, hipóteses teóricas gerais, métodos e técnicas, meios standardizados de aplicar leis fundamentais a uma diversidade de situações, efetivamente, o paradigma pode vir a permitir retornar à normalidade ou pode dar oportunidade a uma nova teoria, quando este ultima surge, estamos perante o surgimento de um novo paradigma e uma profunda reformulação do domínio científico, conforme comporta Kunh, uma revolução científica.

Face ao exposto, o novo paradigma adota novos modelos, novos métodos e com a pretensão de redefinir os problemas e as soluções.

Segundo Portugal, para Thomas Kunh (1970), não se deve falar de um novo paradigma nas ciências sociais aquando se refere à teoria das redes, uma vez que se está distante de ser um método, um conjunto de técnicas para se reportar à realidade social.

De acordo com Portugal (2007), "os contributos da *network analysis* inscrevem-se em dois debates fundamentais da tradição sociológica: o primeiro tem a ver com o estatuto das análises micro na construção da macro – sociologia, o segundo com a relação entre a estrutura social e a ação individual."

Todavia Martins & Fontes citados por Portugal fazem menção que "os estudos realizados no âmbito da *network analysis* têm demonstrado que as pessoas que conhecemos e aquelas "com quem podemos contar" influenciam o nosso estilo de vida, os nossos sucessos e insucessos, a nossa segurança e sentimento de bem-estar e, mesmo a nossa saúde".

Segundo Wellman citado por Portugal (2007), "a linha "dura" da *network analysis*, focalizando a sua atenção na forma como os modelos relacionais condicionam o comportamento individual, a pesquisa de Fischer utiliza o conceito de rede de uma forma mais "flexível".

Como advoga Portugal, "a abordagem partir da teoria das redes confere a possibilidade de analisar o espaço relacional, os seus movimentos e o conteúdo desses movimentos a forma e o conteúdo da relação, simultaneamente." (idem).

Em suma para Portugal, "mais importante do que responder à questão se a teoria das redes constitui um novo paradigma nas ciências sociais é poder usufruir dos seus contributos para a análise sociológica. Como afirma Latour, a força da teoria das redes vem da capacidade de tornar visível e descritível o trabalho de atores (Latour,1992:4). A *network analysis* trouxe novos princípios analíticos, novas linguagens e novos dados para a teoria sociológica, permitindo analisar a estrutura social a partir de uma perspetiva relacional e (re) colocando no centro do questionamento o elemento básico da sociologia: a interação social."

Torna-se importante ressaltar que para esta investigação em concreto "*Redes Dinâmicas em contexto de formação profissional*", a dinâmica de uma rede implica a interação entre três elementos fundamentais, tais como: recursos, atividade e por último atores.

Para finalizar, a análise de redes sociais utiliza práticas que têm singularidades devido ao facto do foco das pesquisas ser as ligações entre os atores, e não os seus atributos.

1.2.4 REDES DINÂMICAS: AS DINÂMICAS DE GRUPO NA ÓTICA DA ARS

Como refere Arco (2010), a interdependência, a interação e inter-relação fazem presentemente parte do quotidiano organizacional e também do cidadão comum. Refere a autora que as redes são essencialmente formas de interação e relacionamento entre pessoas, pessoas e grupos ou entre grupos. Para Snijders *et al* (s.d), os nós da rede representam atores sociais, enquanto que os laços representam uma relação social.

Segundo Borgatti (2003), " uma rede consiste num conjunto de laços diádicos todos do mesmo tipo, entre uma série de atores". Por sua vez, Alejandro e Normam (2005) "entendem uma rede como um conjunto de indivíduos que de forma agrupada ou individual, se relacionam com um fim específico caracterizado pela existência de fluxos de informação. Consideram que as redes poderão integrar muitos ou poucos atores e uma ou mais classes de relações entre esses mesmos atores. Uma rede é então constituída por "nós" (atores), vínculos (relações, laços) e fluxos (o que se partilha, indicando o sentido do mesmo)." (Arco, 2010:68).

A rede evolui como um processo, impulsionada pelos diversos atores, pois as probabilidades de mudança do laço são, em parte, endogenamente determinadas como função da estrutura da rede e das características dos nós.

Conforme sublinha Arco na sua tese de doutoramento citando Guerra, "compreender a dinâmica relacional do mundo social (como processo) é compreender como os indivíduos agem no decurso das negociações, fazem escolhas estratégicas (coopera, impõem, discutem) e como se processam as relações de poder". (Arco, 2010:65).

As redes sociais são dinâmicas por natureza, os laços são estabelecidos e podem surgir e mesmo evoluir para relacionamentos mais próximos, mas também podem desaparecer.

Para Arco, "se as relações subjazem as regras que regulam as interações que os atores estabelecem para resolver os problemas quotidianos, por detrás das alianças estão relações de confiança, onde cada ator sabe muito bem com quem pode contar quando qualquer tipo de ação se desenvolve. Esta posição poderá levar a por um lado estabelecer alianças dentro do grupo, por outro a oporem-se a outros atores que o constituem" (Arco, 2010:54).

Ainda de acordo com Guerra citada por Arco, "o ator como indivíduo ou grupo que participa numa ação e tem interesses comuns nessa ação, estabelecem relações que poderão ser formais e /ou informais, para desta forma responderem aos problemas quotidianos e atingirem os objetivos e finalidade tanto pessoais como organizacionais, claro que numa dialética negociada de manutenção do sistema de ação tendo em conta os interesses individuais e os constrangimentos do meio envolvente." (Guerra citada por Arco, 2010: 53-54).

Os atores têm informações completas sobre a rede, as probabilidades de mudança na rede de um ator depende da rede pessoal, incluindo atributos de atores, que resultaria em fazer qualquer dado mudar, ou até mesmo a rede pessoal, incluindo aqueles a quem o ator tem ligações através de um outro ator.

Pearson, West & Burk citados por Snijders (2011), a rede dinâmica é importante para os domínios que vão desde redes de amizade e até mesmo redes inter-organizacionais.

Ainda segundo estes autores, os modelos para a rede dinâmica tem de expressar dependência, bem como os laços entre a dependência no período de existência.

De acordo com Snijders (2011), o que torna marcante, maioria das vezes as redes são o outro indivíduo e o próprio comportamento individual, pois o indivíduo tem um papel importante na própria explicação da rede dinâmica.

Análise de redes dinâmicas é um campo determinante científico que reúne a tradicional análise de redes sociais dentro da ciência da rede e até mesmo na teoria de redes, "a grande diferença da teoria das redes sociais consiste na inclusão de conceitos e informações acerca das relações entre as unidades, sendo esta mesma relação. Alvo da análise fundamental. Deixa de ser o indivíduo por si só, passando a importar o conjunto formado pelos indivíduos/organizações e os laços que estabelecem". (Arco, 2010:75).

Conforme advoga Silva & Fialho (2006), "muito se tem escrito sobre um «novo paradigma»".

Ainda segundo Miles & Snow citados por Silva & Fialho (2006), "para lidar com estas com as novas exigências competitivas a alternativa organizacional que tem despontado desde o último quarto do século passado está associada à união de empresas em forma de rede".

Como defendem Miles & Snow, citados por Silva & Fialho (2006), esta forma de organização de redes dinâmicas, como forma de enfatizar que os seus principais componentes são passíveis de ser agrupados e reagrupados com o objetivo de responder às metamorfoses dum novo contexto organizacional mais competitivo.

A dinâmica da rede tem implicações de relacionamentos, formais ou informais, e implica questões de liderança e confiança, "rede é constituída por atores sociais sejam eles indivíduos, organizações, famílias etc., ligados por laços relacionais, que poderão ser de amizade, transferência de recursos, relações formais ou informais." (Arco, 2010:74).

Na linha de pensamento de Silva & Fialho (2006:11), "as redes formais são talhadas num quadro de manobra de problemas previstos enquanto que as redes informais são de natureza mais adaptativa e com maiores probabilidade de dar resposta aos problemas imprevistos. Também, estas redes informais permitem às organizações dar resposta a uma panóplia de problemas que possam surgir de forma imprevisível, numa espécie de reservatório de resposta para o imprevisto" ainda nesta linha de pensamento "as redes informais são relações que os indivíduos estabelecem num quadro organizacional para uma maior celeridade no cumprimento das suas tarefas e sem implicarem num quadro funcional e de papéis bem definidos".

Para finalizar de acordo com Snijders (2001), a evolução da rede é regulada como consequência das escolhas dos atores envolvidos, que com o tempo e interação vão mudando as opções de escolha. Sendo que as redes representam relações (amizade, estima, colaboração, etc.) entre os atores (indivíduos, empresas, etc.), importa ainda mencionar que a dinâmica de uma rede implica a interação entre três elementos fundamentais, tais como: recursos, atividade e por último atores.

1.2.5 REPRESENTAÇÃO VISUAL DA DINÂMICA DA REDE, PRINCIPIOS E MEDIDAS DE ANÁLISE

As representações visuais de redes sociais são importantes para compreender a análise de redes sociais que vê as relações sociais em termos da teoria de rede composta por nós e laços, onde nós são os atores individuais dentro das redes, e os laços são as relações entre os diversos atores, pode existir vários tipos de laços entre os nós, para finalizar, uma rede social é um mapa de relações específicas, como por exemplo a amizade.

Os nós aos quais o indivíduo assim conectado são os contactos sociais do que propriamente individual, aqui também se pode suprimir que a rede também pode ser utilizada para medir o capital social, o próprio valor que o indivíduo recebe a partir da rede social, estes conceitos são exibidos num diagrama de rede social, onde os *nós* são os pontos e os laços são as linhas.

Segundo Arco, "a representação das relações, faz-se através de grafos⁵ que tem origem nas matrizes⁶.

⁵ "Na linguagem matemática existem vários tipos de grafos: «grafos recíprocos», «grafos orientados», ou simplesmente «grafos»." (Fialho, 2008:34).

⁶ "Uma matriz representa a disposição retangular dum conjunto de elementos." (Fialho, 2008:36).

O grafo é constituído por nós ligados entre si por linhas que poderão ser dirigidas simetricamente ou unilateralmente, as linhas constituem as relações estabelecidas, esta visão permite ao investigador estudar o global a partir de ponto de vista individual. Nesta linha, o grafo na ARS constitui uma representação gráfica constituída por pontos (nós) e linhas para representação dos laços ou fluxos entre os atores, podendo ainda fim desta linha existir uma seta que indica a orientação do vínculo. Na linguagem sociológica utiliza-se ainda o termo sociograma." (2010:77).

Segundo Nohria & Eccles citados por Fialho, "a lógica mais comum de redes baseia-se na estrutura de laços entre atores de um sistema social. Estes atores podem ser papéis, indivíduos, organizações, sectores ou estados-nação. Como já se tinha supradito, nunca sendo demais ressaltar, os laços podem basear-se na conversação, afeto, amizade, parentesco, autoridade, troca económica, troca de informação ou qualquer outra coisa que constitua a base de uma relação". (Fialho, 2008:196).

Ainda enfatizando, nos estudos dos grupos George Homans desenvolveu uma teoria sobre a dinâmica universal dos pequenos grupos⁷, estando insatisfeito procurou desenvolver um conjunto de proposições que procuram explicar o funcionamento dos grupos em qualquer momento.

"Foi através do estudo de cinco casos concretos que extraiu várias proposições de grande relevância para a análise de redes sociais, tal como refere Molina (2001):

- A frequência das interações é diretamente proporcional à homogeneidade das atividades e sentimentos das pessoas envolvidas.
- Os membros dum grupo são geralmente mais semelhantes nas normas do grupo que interiorizam do que na sua conduta.
- Quanto mais elevado é o nível hierárquico que uma determinada pessoa ocupa num grupo, mais elevado será o número/nível de interações que estabelece.
- Quanto mais elevada for a posição dum individuo num grupo, maior será a sua conformidade com as normas de conduta do mesmo.
- A interação frequente dentro dum grupo pressupõe interação menos frequente fora do grupo.
- A interação será mais frequente quanto menor for a distancia social.
- A relação entre duas pessoas (A e B) está em parte determinada pelas relações estabelecidas entre A e uma terceira pessoa C e entre B e C.
- A matriz de relações pessoais é simultaneamente parte dum sistema mais amplo de relações." (Molina citado por Fialho, 2008:15).

Para finalizar os contributos de Homans foram de extrema importância ao nível dos estudos das dinâmicas de grupos.

Como advoga Reffay, "a sociologia e a teoria dos grafos pretendem analisar a dinâmica do grupo em função das relações que os seus membros estabelecem. Esta análise estrutural fornece indicadores que

⁷ " (The Human Group. Harcourt, Brace and Company – 1963) " (Fialho, 2008:15).

permitem identificar algumas propriedades do grupo ou até mesmo caracterizar a influência que cada indivíduo ocupa no grupo." (Reffay citado por Fialho, 2008:32).

Uma vez que a teoria dos grafos pretende descortinar a dinâmica dos grupos torna-se pertinente, elucidar de uma forma consistente esta teoria, no caso concreto da análise de redes sociais o recurso habitual é a representação gráfica através de nós para representação dos laços ou relações entre os atores. Ao que se refere ao nível de medição os grafos podem ser de dois tipos: "**Grafos binários**: identificam se existe ou não vínculo entre os atores. Uma seta representa uma relação. A inexistência é sinónima de ausência de relação. **Grafos orientados**: utilizam a convenção de que os atores ou nós estão conectados através de linhas que tem uma ponta de seta para indicar quem orienta o vínculo com quem". (2008:34).

Face ao exposto, com essa ilustração é possível partir para o entendimento das dinâmicas de interação, o conhecimento das relações de causa e efeito entre os diversos atores sociais.

A ARS tem beneficiado do avanço estatístico, nomeadamente por influência de aplicações informáticas, esta evolução de instrumentos estatísticos orienta para duas categorias de medidas estruturais de análise de redes sociais, as **descritivas** e de **análise estrutural**.

Figura 11 – Síntese das Medidas da Rede

Medidas descritivas	
Densidade (<i>density</i>)	É a proporção de laços efetivos entre os laços possíveis. Uma medida do grau de inserção dos atores na rede
Centralidade (<i>centrality</i>)	Permite obter a localização do ator em relação à rede
Proximidade (<i>closeness</i>)	Grau de proximidade em relação a outros atores na rede
Intermediação (<i>betweenness</i>)	Permite medir o grau de intervenção de cada ator relativamente a outros atores da rede
Distância geodésia (<i>distance</i>)	Mede o grau de afastamento da localização dum ator em relação a outro
Alcance (<i>reachability</i>)	Mede a extensão do contacto que um ator estabelece com outros atores na rede
Subgrupos (<i>cliques</i>)	Permite medir o grau de concentração e formação de subgrupos numa determinada rede
Medidas estruturais	
Densidade (<i>density</i>)	Mede o grau de coesão e homogeneidade
Transitividade (<i>Transitivity</i>)	Mede o grau de flexibilidade e cooperação numa determinada rede
Equivalência estrutural	Mede a posição relativa dum ator na rede
Equivalência regular	Medida menos estrita que a anterior - mede o papel social
Buraco estrutural	Mede o grau de coesão e competição da rede

Fonte: Molina (2001), Hanneman (2001), Wasserman e Faust (1998), Degenne e Forsé (2004) citados por Fialho (2008).

Há uma multiplicidade de elementos que nos permitem compreender as redes sociais. Apesar de não haver um consenso sobre os mais significativos, Fialho (2008) apresenta alguns dos mais relevantes para a análise da dinâmica das redes inter e intra.

1. **"Diversidade de atores:** em qualquer rede são possíveis de ser identificados pelo menos dois atores, que podem ser pessoas ou instituições.
2. **Interesses comuns:** existem interesses comuns como condição fundamental para a formação das redes.
3. **Intercâmbio de recursos:** a proximidade, o contacto direto e a proximidade entre os atores estimula o desenvolvimento de relações de confiança, a partir das quais se desenvolvem estratégias de cooperação.
4. **Cooperação contínua versus cooperação pontual:** as relações de confiança surgem com maior naturalidade de processos de cooperação contínua entre atores.
5. **Compromisso:** o compromisso dos atores é um fator fundamental para se atingirem os objetivos dos atores.
6. **Relações relativamente estáveis:** na lógica da dinâmica das redes estão relações que surgem se fortalecem, se debilita, rompem, se reconstroem e condicionam a estrutura e as relações da rede.
7. **Articulação comunitária:** as redes configuram novas articulações comunitárias de ação.
8. **Horizontalidade versus hierarquia:** o plano horizontal em que se desenvolve o trabalho em rede contaria os modelos tradicionais de verticalidade." (Fialho, 2008:48).

Ainda segundo este autor para além dos elementos chaves das redes são ainda prescritos dois conceitos, Humanística⁸ e Estrutural⁹.

Ainda quanto ao conceito de análise de redes sociais pode ser entendida em diferentes níveis de análise: Micro¹⁰, Meso¹¹ e Macro¹².

Como salienta Fialho o enfoque da análise de redes sociais pode assentar na descrição e caracterização dos sistemas relacionais, bem como nos seus princípios reguladores de forma estática ou dinâmica.

Conforme advoga Fialho na sua tese de doutoramento, Mitchell, citado por Mercklé, refere que a rede se assume como um "conjunto particular de interligações (*linkages*) entre um conjunto limitado de pessoas, com a propriedade suplementar que as características dessas inter relações consideradas como uma

⁸ "Acentuam a utilidade da ação" (Fialho, 2008:49)

⁹ "Acentuam a tónica da metodologia" (Fialho, 2008:49)

¹⁰ Redes pessoais

¹¹ Redes interorganizacionais

¹² Interação entre subsistemas

totalidade, podem ser utilizadas para interpretar o comportamento social das pessoas implicadas." (2008:55).

Como refere Fialho (2008), na conceptualização de sociedade e dos indivíduos em rede, está subentendida a ideia de redes de relações, movimento, fluxo e mudança, resultante de processos de construção ou desconstrução de relações. Perante tal pensamento, a multicausalidade é entendida a partir dos efeitos das redes nem sempre são de fácil definição.

Com a **análise posicional**, tem como principal centralidade analisar as propriedades relacionais dos diferentes atores na rede:

- a. O **princípio da centralidade** que foca o ponto da rede no qual se concentram o maior número de recursos, funções e competências. A partir deste princípio é possível identificar os seguintes atores na rede:
 - i. **Atores centrais** que se encontram situados numa posição de decisão na rede. Participam no quotidiano da rede, ao nível das discussões, através da sua relação simbiótica na decisão dos resultados.
 - ii. **Atores intermédios** que mesmo sem se situarem no centro da rede, conseguem exercer a sua influência através de alianças com outros atores.
 - iii. **Atores periféricos** que se situam nas zonas mais distantes da rede e raramente conseguem influenciar os atores mais centrais.
- b. O **princípio de intermediação**. Trata da centralidade que é exercida por atores intermediários denominados por «brokers». Esta posição no meio de outros atores assume um quadro de poder e controlo das interações de vários caminhos da rede.
- c. O **princípio da proeminência** que caracteriza como a deferência que demonstram o resto dos atores relativamente a um determinado ator.
- d. O **princípio da equivalência estrutural** que identifica as linhas de ação uniformes que definem posições sociais, sendo estas ocupadas por atores que são substituídos entre si tendo em conta os seus laços relacionais. Este princípio da equivalência estrutural permite trabalhar com redes complexas e com atores que ocupem posições similares, recorrendo ao «*block modelling*» (Porrás citado por Fialho, 2008:62).

Segundo Fialho a compreensão das posições e papéis sociais dos atores na rede pressupõe uma forma mais abstrata de análise das dinâmicas entre atores, interpretar os comportamentos sociais no quadro da estrutura social é o principal objetivo da equivalência¹³.

Sendo de valorizar que a equivalência tem a pretensão de agrupar os atores mais idênticos e descrever os fluxos que os tornam idênticos, a análise estrutural, não se centra no quadro de categorias que procuram uma descrição dos atributos mas, na definição de categorias e variáveis em termos de semelhança de modelos de relacionamentos entre atores, o papel ou posição social depende das

¹³ Equivalência é uma forma de identificar sub-conjuntos ou posições sociais num determinado sistema. A equivalência é uma operação cognitiva desenvolvida pela sociologia para poder argumentar os benefícios dos papéis sociais, enfatizando as relações a partir dos dados disponíveis. (Degenne e Forsé citados por Fialho, 2008:69).

relações com outra categoria, importa clarificar como refere Hanneman (2001), os papéis sociais e as posições sociais são inerentemente relacionais.

Ainda ao que confere ao conceito de equivalência, surge três modelos como forma de entender a semelhança:

- **Equivalência estrutural** - os nós são considerados equivalentes estruturalmente se mantiverem exatamente as mesmas relações com todos os outros atores.
- **Equivalência regular** - Dois nós são equivalentes regularmente se tiverem o mesmo perfil e laços com membros de outros conjuntos de atores que também são equivalentes regularmente.
- **Equivalência automórfica** - a equivalência questiona se se podem localizar subgrafos ou subconjuntos de atores estruturalmente idênticos. (Hanneman citado por Fialho, 2008:70).

Ainda perspetivando este autor os atores que são equivalentes regularmente não ocupam necessariamente as mesmas posições relativamente a outros atores individuais, mas tem o mesmo tipo de relações com alguns membros de outros grupos de atores.

1.3. FORMAÇÃO PROFISSIONAL

1.3.1 EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM PORTUGAL

Ao falar de formação profissional, é necessário discutir a evolução sobre o conceito de formação profissional em Portugal, ou seja, como surgiu e a sua evolução, seguindo-se posteriormente para a sua definição noutra subcapítulo.

Com a revolução industrial no séc. XVIII, surgiu a necessidade emergente de preparar pessoas para poderem ocupar postos de trabalho, perante este cenário torna-se substancial preparar e formar pessoas para o mercado de trabalho, assim de uma forma recorrente surge a formação profissional nos indivíduos. Ao longo dos tempos, a evolução das sociedades fez com que os indivíduos necessitassem de mais competências e mais qualificações fundamentais para acompanhar esse desenvolvimento.

Perante tal cenário, as aprendizagens foram-se tornando mais especializadas, dando origem ao Ensino Técnico-Profissional.

Contudo, do ponto de vista histórico o Ensino Técnico e Profissional de nível intermédio principiaram em Portugal, na segunda metade do século XVIII com o Marquês de Pombal e incrementou-se durante toda a segunda metade do século XIX a partir de Fontes Pereira de Melo. Contudo, o seu desenvolvimento, na prática, só ocorreu de forma significativa na segunda metade do século XX.

Para Cardim (2005:18) a formação profissional terá despontado em Portugal "nos anos trinta, significando então, essencialmente, ensino técnico formal para profissões da base da cadeia operativa e tendo como público-alvo jovens".

Como salienta Seixo (2010:66), "na era da informação, o conhecimento transformou-se no recurso organizacional mais importante das empresas. Gradualmente o capital financeiro está a ceder lugar ao capital humano/intelectual. As empresas estão a investir fortemente no capital humano, no sentido de aumentar a sua vantagem competitiva."

Após a II Guerra Mundial sentiu-se a necessidade de formar mão-de-obra qualificada. A emergência de uma maior procura de mão-de-obra pela indústria, o aumento do êxodo rural, o aumento da emigração na década de 60 e os problemas causados pela mobilização militar para a guerra colonial, evidenciaram a insuficiência da quantidade da formação profissional criada no sistema educativo o que originou uma nova aposta na Formação Profissional.

Assim, nos anos 60 retomaram os debates sobre o atraso da educação em Portugal e generalizou-se a ideia da necessidade de haver estudos cada vez mais prolongados. Também os compromissos internacionais obrigam o governo a alterar a sua política e surgem algumas reformas.

Segundo Silva & Fialho (2006), "a formação profissional tem, nos últimos anos, beneficiado dum «boom» significativo, suportado pelos contributos de vários programas co-financiados pelo Fundo Social Europeu. Ao nível dos benefícios, áreas como a formação profissional e o emprego, educação, as novas tecnologias e a sociedade da informação, a economia, a saúde, bem como o combate à pobreza e à exclusão social têm, efetivamente, recebido, um forte impulso ao nível do seu desenvolvimento".

Nos dias de hoje "A formação, desde o início da integração, abrangeu percentagens significativas da população ativa e concentrou-se em determinadas empresas, sectores, regiões e pessoas, prosseguindo várias modalidades e destinando-se à solução de variados problemas" (Dias, 1997:52).

Para finalizar, devido à reorganização industrial na década de 60, surgiu a necessidade emergente de formar pessoas para o mercado de trabalho, havendo cada vez mais a necessidade de qualificar profissionalmente os recursos humanos existentes.

Efetivamente, ocorrendo o conceito de aprendizagem ao longo da vida que remota à década de 70, vem a surgir com a denominação de Educação ao longo da vida, é marcante identificar que a aprendizagem e a educação são possíveis em todas as idades.

O Quadro Europeu de Qualificações ambiciona funcionar como um instrumento de tradução entre os sistemas de qualificação dos Estados Membros com vista a ajudar indivíduos e empregadores a comparar e melhor entender as qualificações dos cidadãos e, assim, apoiar a mobilidade e a aprendizagem ao longo da vida.

Ainda a reportar ao Quadro Europeu de Qualificações, tem como pretensão ajudar os Estados-Membros, os estabelecimentos de ensino, os empregadores e os cidadãos a comparar as qualificações atribuídas pelos diferentes sistemas europeus de educação e de formação.

Como defende Seixo (2010:6), "todo este interesse pelo conceito de educação ao longo da vida ou educação permanente levou à construção de três documentos que foram redigidos por três organizações, nomeadamente, pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura (UNESCO), pela Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Económico (OCDE) e mais tarde pelo

Conselho da Europa. Estes textos remetem para a extensão do ensino pós-obrigatório à totalidade do tempo de vida das pessoas e para a organização do sistema com vista a abranger todos os momentos da vida de forma igualitária e eficiente das oportunidades educativas”.

Perante tal cenário, a qualificação profissional ocupa um lugar de destaque no Quadro de Referência Estratégico Nacional 2007-2013.

Os principais objetivos da Reforma da Formação Profissional, passa-se a enumerar:

- A generalização do nível secundário - 12º ano;
- Garantir nos cursos profissionalizantes de jovens e adultos a dupla certificação;
- Promover uma oferta formativa catalogada;
- Fortalecer e solidificar o RVCC;
- Desenvolver-se a coerência, a transparência e a comparabilidade das qualificações (nacional e internacional).

Como principais prioridades a Reforma da Formação Profissional, tentou estruturar uma oferta relevante e certificada, centrou-se em reformar as instituições e a regulação da formação, essencialmente tentou de uma forma perseverante promover a qualidade da formação e ainda como objetivo declarado simplificar o acesso e promover a procura da formação profissional.

A formação encontra-se agregada conjuntamente ao desejo de progressão e prestígio dos trabalhadores, bem como às necessidades das organizações, sendo um contributo para o êxito de ambos (Bilhim, 2004). Segundo Pires (1999:27) ainda faz referência " (...) as aprendizagens realizadas à margem dos sistemas tradicionais de educação/formação, ao longo das trajetórias pessoais, sociais e profissionais dos adultos, assumem uma importância decisiva na construção das suas competências e qualificações, contribuindo para o seu desenvolvimento pessoal e profissional".

Segundo Bilhim (2004:245), "a formação implica a transformação dos indivíduos nos seus valores, atitudes e habilidades, ao serviço da mudança social.", visa ter como processo, a aquisição de conhecimentos, atitudes e comportamentos não só para o desenvolvimento pessoal mas também social. Ainda de acordo com o mesmo autor, a formação de adultos em contexto de formação profissional, a finalidade para o aprendente deve ser sempre considerada como fonte de conhecimentos diversos, tanto pelas diferentes experiências em diferentes contexto de trabalho, como também pela própria experiência de vida.

A formação é analisada como um processo formal e informal, no qual se obtêm conhecimentos, atitudes e procedimentos importantes (Bilhim, 2004).

De acordo com Bilhim (2004), nesta linha de pensamento, a formação inicia a transformação dos indivíduos na sua competência, posicionamento e aptitudes, no que toca à modificação social, assim face ao exposto, " é o papel catalisador que os sistemas de educação e formação profissional desempenham numa sociedade em mutação, como se encontra a nossa." (Bilhim, 2006:243).

Conforme expressa (Huteau,1997) citado por Caetano & Vala, " (...) o impacto que a formação tem nas competências das pessoas, ou seja nas modalidades, mais ou menos estruturadas, de ação prática que permitem, a cada individuo, exercer uma ação eficaz sobre uma determinada situação problema concreto." (Huteau citado por Caetano & Vala, 2007:330).

Segundo Caetano & Vala (2007), a formação surge como procedimento e instrumento simplificador de uma mudança, cooperando para o desenvolvimento, sendo que, a formação ocupa um lugar primordial e de que a sua participação é imprescindível para a vida e o progresso nas sociedades.

Na conceção de Caetano e Vala (2007), a formação é descortinada pelas organizações como um método de desenvolvimento das competências mais adequadas às necessidades de evolução e à criação de proveitos concorrenciais de uma organização.

Conforme Meignant (s.d) citado por Peretti " «a necessidade de formação é uma realidade induzida por três fontes distintas, da qual ela é a síntese orientada para a ação. Estas fontes são as que decorrem dos projetos da empresa (novos produtos, nova organização, ganhos de produtividade, etc.), das expectativas conscientes dos indivíduos e do nível real destes face à necessidade a satisfazer. Situamo-nos, pois, simultaneamente em três registos distintos: o da lógica da organização, o da motivação individual e o da pedagogia.»" (A. Meignant, (s.d), citado por Peretti, 1997:366).

Conforme descreve Silva (2005), uma vez que os trajetos de vida e profissionais são dotadas de vários condicionalismos que metamorfoseiam o quotidiano naquilo que quase nunca se quer, instigam desajustes, entre o ideal edificado e o real proposto e acessível à grande maioria dos profissionais, sobrevivendo a aprendizagem ao longo da vida como uma possibilidade de acesso às identidades desejadas.

1.3.2 UMA DISCUSSÃO SOBRE O CONCEITO DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Segundo a Organização Internacional do Trabalho, O.I.T., a formação profissional é "um processo organizado de educação graças ao qual as pessoas enriquecem os seus conhecimentos, desenvolvem as suas capacidades e melhoram as suas atitudes ou comportamentos, aumentando deste modo as suas qualificações técnicas ou profissionais, com vista à felicidade e realização, bem como à participação no desenvolvimento socioeconómico e cultural da sociedade" (Cardim, 1993:14).

Segundo Goldstein & Gessner citados Cruz (1998:11) por formação profissional entende-se: "a aquisição sistemática de competências, normas, conceitos ou atitudes que origina um desempenho melhorado em contexto profissional".

De acordo com as Práticas de Formação Profissional (1998:17), a formação profissional é vista como "conjunto de atividades que visam a aquisição de conhecimentos, capacidades práticas, atitudes e formas de comportamento, exigidas para o exercício das funções próprias de uma profissão ou grupo de profissões em qualquer ramo de atividade económica".

A formação profissional visa ser um "conjunto de atividades que visam a aquisição de conhecimentos, capacidades, atitudes e formas de comportamento exigidos para o exercício das funções próprias duma profissão ou grupo de profissões em qualquer ramo de atividade económica" (Cime, 2001:25).

Segundo Dias (1997), "a formação funciona, assim, como um importante fator de ajustamento qualitativo no mercado de trabalho." Ainda refere que "as qualificações, o resultado mais desejável da formação, tem vindo a assumir-se como uma questão aglutinadora das perspetivas de evolução e de políticas relativas ao mercado de trabalho." Sendo que o mesmo ator faz alusão "a formação, desde o início da integração, abrangeu percentagens significativas da população ativa e concentrou-se em determinadas empresas, sectores, regiões e pessoas, prosseguindo várias modalidades e destinando-se à solução de variados problemas."

O Fundo Social Europeu, é o fundamental instrumento financeiro da União Europeia para a apoiar as pessoas a melhorar os seus níveis de educação e de qualificação.

Contudo é imprescindível de mencionar que Fundo Social Europeu surgiu em 1957, pelo Tratado de Roma, e até aos dias de hoje, o mesmo tem ajudado milhões de Europeus a conseguirem trabalho, a adquirirem novas competências e a encontrarem melhores empregos.

Portugal, enquanto Estado Membro da União Europeia é beneficiário deste fundo estrutural com o principal objetivo de contribuir para a coesão económica e social europeia.

Finalmente, é de referir que a formação com adesão à Comunidade Europeia e o apoio prestado pelos fundos estruturais veio conduzir para um "revolucionamento" ao que se refere nessa área.

1.3.3 ALGUMAS PREPLEXIDADES SOBRE AS NECESSIDADES DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Neste subcapítulo irá fazer-se uma breve menção à necessidade da formação profissional, nos dias de hoje.

Presentemente, veio a confirmar-se que é dada uma maior relevância ao investimento em formação profissional na sociedade. Igualmente, a formação é vista como um recurso de auto desenvolvimento, dos indivíduos e das empresas, viabilizando chegar mais longe na sociedade competitiva com que nos encontramos.

Segundo Cardim (2005), em Portugal existe uma preocupação generalizada quanto ao nível de qualificação dos profissionais, cuja fraqueza se expressa no baixo nível de habilitações, assim, subsiste como consequência tanto na produtividade como na competitividade do país.

Entre 1974 a 1979, as entidades da formação sofreram uma paralisação, aquando corria o ano de 1979, foi criado o Instituto Emprego Formação Profissional.

Segundo Peretti (1997), a formação conheceu um progresso muito marcante na década de 70, assim, em finais dos anos 80 veio a tornar-se o marco importante da Gestão de Recursos Humanos.

Após a reforma dos fundos estruturais na década de 1988, é enunciado como objetivo principal "a valorização dos recursos humanos em geral e em particular a melhoria da estrutura qualitativa da

população empregada”, para “desta forma contribuir para o aumento do emprego e da produtividade.” (Cardim, 2005:185).

Na linha de pensamento de Cardim (2005:239), “em Portugal há, de facto um défice de formação, como se constata facilmente pelo baixo profissionalismo da população ativa e pela inversão da pirâmide formativa. Isso significa que, para além do desenvolvimento de capacidades genéricas de compreensão, função da escolaridade obrigatória e do sistema de ensino, há necessidades objetivas de aprendizagem operativa. Há assim *também* uma necessidade de aquisição de conhecimentos técnicos específicos que respondam às necessidades criadas pelo desenvolvimento do país.”

Em Portugal tem-se investido muito ao que se refere à qualificação, principalmente desde que Portugal foi beneficiado por fundos estruturais com destino a auxiliar o caminho de ajustamento aos padrões médios de desenvolvimento da União Europeia.

Contudo, veio a verificar-se que ao se faz referência às qualificações da população Portuguesa não surtiu de uma grande supremacia.

Segundo o Conselho Nacional de Educação¹⁴ em 2011, estimou que a população residente em Portugal é de 10 555 853 (censos de 2011).

Conforme vem escrito categoricamente no conselho nacional de educação, a qualificação da população Portuguesa veio a alterar-se nos últimos anos.

Perante tal cenário, a população com mais baixas qualificações deixou de ser maioritária.

Com os níveis de qualificação tão benéficos entre os anos de 2000 e 2010, assim veio acentuar de uma forma positiva entre qualificação e emprego.

Importa salientar como está exposto no conselho nacional de educação de 2011, num quadro de reservas das oportunidades de emprego, Portugal exterioriza algumas especificidades que vale a pena assinalar:

“(i) os diplomados com ensino superior sofrem a maior quebras das taxas de emprego, em detrimento do que apresentam as mais baixas qualificações, mais atingidos na maior parte dos países da UE27;

(ii) os jovens de 15 a 24 anos que saem mais lesados são os mais qualificados, ao contrário da Europa que penaliza mais os de mais baixas qualificações;

(iii) na faixa etária mais próxima da idade da reforma, evoluímos em sentido contrário ao da tendência europeia: enquanto na UE27 as taxas de emprego crescem para todas as qualificações, em Portugal decrescem no período em análise.

Nos dias de hoje ainda se confirma-se que as taxas de desemprego continuam mais baixas em Portugal do que na média da UE27, com exceção nos diplomados com ensino superior e nas mulheres mais qualificadas, com secundário e superior.

Por outro lado, “a estrutura de qualificações da população portuguesa tem vindo a alterar-se, reduzindo-se a proporção de indivíduos sem qualquer qualificação e a dos que possuem apenas os 1º e 2º ciclos de escolaridade como habilitação máxima. Aumentou, por outro lado, o contingente de pessoas com

¹⁴ http://www.cnedu.pt/images/stories/2011/PDF/Estado_da_Educacao_2011_web.pdf - Acesso em: 24 de janeiro de 2012.

certificados de nível básico (3º ciclo), secundário e superior. No cômputo global, o grupo etário de mais elevadas qualificações é dos 25-44 ANOS, sendo nos escalões etários a partir dos 45 anos que persistem as qualificações de nível mais baixo." (Conselho Nacional de Educação de 2011).

"Há uma relação positiva entre nível de escolaridade e emprego, pois a taxa de emprego é mais elevada para os detentores de ensino superior, decrescendo à medida que baixa a graduação académica. As vantagens que as qualificações mais elevadas oferecem no acesso ao emprego são confirmadas nas probabilidades de o manterem, refletidas na evolução das taxas de desemprego" (idem).

Conforme apança Silva *et al* no conselho nacional de educação de 2011, em 2000 foram criados pela Agência Nacional de Educação e Formação de Adultos, os primeiros quatro *Centros de Reconhecimento Validação e Certificação de Competências*, com o intento de conceder aprendizagem nos adultos, visa essencialmente permitir a qualquer adulto descobrir as suas potencialidades pessoais e profissionais.

Face ao exposto, os centros de RVCC, validam competências e certificam-nas, atribuído a adultos com mais de 18 anos um diploma equivalente ao do ciclo do ensino básico.

Até 2006 apenas se certificou 4º, 6º e 9º de escolaridade, em 2005 surge a Iniciativa Novas Oportunidades, com o principal objetivo de elevar até ao 12º ano de escolaridade.

A Iniciativa Novas Oportunidades teve como essencial objetivo promover a qualificação da população ativa ao nível do ensino secundário e fundamentalmente:

- "Reconhecimento por parte da sociedade portuguesa da importância da elevação dos níveis de qualificação da população;
- Valorização social da Aprendizagem ao Longo da Vida e da dimensão específica da Educação de Adultos;
- Reconciliação dos adultos pouco escolarizados com os percursos de educação e formação, por via da valorização da sua experiência de vida;
- Significativo aumento do envolvimento de estabelecimentos de ensino e de centros de formação profissional públicos, bem como de associações empresariais e de desenvolvimento local, na criação de CNO;
- Aumento da procura de vias de melhoria das qualificações por parte de jovens e adultos.
- Alargamento dos processos de RVCC ao nível secundário e a algumas áreas de formação profissional;
- Aprofundamento da articulação entre os processos de RVCC e as ofertas educativas e formativas existentes;
- Contributo decisivo dos processos de reconhecimento, validação e certificação de competências para a melhoria dos níveis de qualificação da população." (idem).

Para Canário (1999:91), além da Comissão Europeia, " no quadro de uma decisão do Parlamento Europeu (de 23 de Outubro de 1995), se afirma que educação e a formação contribuem

incontestavelmente para relançar o crescimento, restaurar a competitividade e restabelecer um elevado nível de emprego".

O memorando sobre a aprendizagem ao longo da vida introduz uma nova perspetiva de aprendizagem, mais ampla e complexa, atenuando as fronteiras entre educação e formação e reconhece a importância dos contextos não formais e informais de aprendizagem.

Em suma, conforme está mencionado no *Memorando sobre Aprendizagem ao Longo da Vida*¹⁵, os modelos de aprendizagem, vida e trabalho estão a alterar-se, a aposta na aprendizagem ao longo da vida deve acompanhar uma transição bem-sucedida para uma economia e uma sociedade assentes no conhecimento. A aprendizagem ao longo da vida deixou de ser apenas uma componente da educação e da formação, devendo tornar-se o princípio orientador da oferta e da participação num contínuo de aprendizagem.

1.3.4 ALGUNS INDICADORES SOBRE A FORMAÇÃO PROFISSIONAL

A estratégia da Aprendizagem ao Longo da Vida tem como temas principais a educação e a formação profissional como elementos integrante e indissociáveis para a sociedade em geral e para o capital humano em particular.

Assim, educação e formação profissional constam como agentes fundamentais ao desenvolvimento do capital humano, da empregabilidade e competitividade, o desenvolvimento do país confronta-se com uma opção óbvia e inadiável, a aposta na qualificação da população portuguesa.

A persistência do percurso de modernização do país depende necessariamente de se ultrapassar a discussão da qualificação, a escolha da qualificação tem merecido uma anuência alargada na sociedade portuguesa e tem harmonizado progressos importantes nos últimos anos, apesar de ainda ser o insuficiente, existe uma necessidade cada vez maior de apressar a qualificação dos portugueses.

No ano de 1996 surge de uma forma abrupta as preocupações com a educação e a formação de adultos. Com o culminar nesse interesse, em 1998 o Grupo de Missão para a Educação e Formação de Adultos¹⁶ deu início à atividade.

Como defende Seixo (2011:45) "Este grupo sob a sua responsabilidade:

- a construção de um sistema de validação formal de saberes e competências que foram adquiridas formal ou informalmente;
- o lançamento de concursos nacionais para financiamento e apoio a iniciativas de educação e formação de adultos;

¹⁵ <http://www.alv.gov.pt/dl/memopt.pdf> - Acesso em: 26 de janeiro de 2012. O memorando sobre a aprendizagem ao longo da vida foi elaborado pela Comissão Europeia com o objetivo de implementar uma estratégia de "aprendizagem ao longo da vida", pretendendo-se ser um instrumento de debate e orientador, à escala europeia. (Seixo, 2010:11).

¹⁶ http://www.igf.min-financas.pt/inflegal/bd_igf/bd_legis_geral/Leg_geral_docs/DL_387_99.htm - Acesso em: 18 de fevereiro de 2012.

- o desenvolvimento do processo de criação de uma Agência Nacional de Educação e Formação de Adultos".

Em termos de política pública de formação profissional, a **Iniciativa Novas Oportunidades**¹⁷, com o propósito decisivo de acelerar as qualificações dos portugueses.

Os Centros Novas Oportunidades têm como missão "segundo a carta da qualidade, é assegurar a todos os cidadãos maiores de 18 anos uma oportunidade de qualificação e de certificação, de nível básico e secundário, adequado ao seu perfil e necessidade, no âmbito territorial de intervenção de cada Centro de Novas Oportunidade; promover a procura de novos processos de aprendizagem, de formação e de certificação por parte dos adultos com baixos níveis de qualificação escolar e profissional e assegurar a qualidade e a relevância dos investimentos efetuados numa política efetiva de aprendizagem ao longo da vida, valorizando socialmente os processos de qualificação e de certificação adquiridos." Seixo (2011:50). Torna-se necessário frisar que a Iniciativa Novas Oportunidades assenta essencialmente ao nível secundário como objetivo de referência para a qualificação de jovens e adultos, sendo este o patamar mínimo para dotar os cidadãos das competências essenciais face ao que se vive atualmente.

Este projeto assenta fundamentalmente em dois pilares, primeiro fazer do ensino profissionalizante de nível secundário uma autêntica opção, conseguindo dar oportunidades novas aos jovens, combatendo os níveis de insucesso e abandono escolar.

Aquando do período de vigência da referida iniciativa, conforme consta na referida iniciativa, foram envolvidos mais de 650 mil jovens em cursos técnicos e profissionalizantes.

Como segundo pilar é de destacar a formação de base dos ativos, sendo estes os que entraram precocemente no mercado de trabalho, com o interesse de conceder a todos aqueles que entraram na vida ativa com baixos níveis de escolaridade, considerando ser uma nova oportunidade de completar e progredir nos estudos.

Face ao exposto, a Iniciativa das Novas Oportunidades assume uma estratégia nova, como ocorrendo uma prioridade à formação de base dos ativos, com a intenção de qualificar 1.000.000 de ativos até ao ano de 2010.

O êxito desta iniciativa exigiu empenhamento de todos, desde os cidadãos, empresas e instituições, como valorização de uma cultura de aprendizagem.

Como inferência desta iniciativa, em 1996 devidas às preocupações com a educação e a formação de adultos a crescer expansivamente, como resultado desse interesse, em 1998 o Grupo de Missão para a Educação e Formação deu início à sua atividade, principia o desenvolvimento profundo do Sistema de Reconhecimento Validação e Certificação de Competências¹⁸, com o intuito de medir e certificar competências adquiridas.

¹⁷ <http://www.novasoportunidades.gov.pt/> - Acesso em 10 de fevereiro de 2012

¹⁸ http://portal.iefp.pt/portal/page?_pageid=177,138725&_dad=gov_portal_iefp&_schema=GOV_PORTAL_IEFP&id=3 - Acesso em 18 de fevereiro de 2012.

Na formulação de Seixo (2010), as atividades desenvolvidas pelos Centros de RVCC junto dos adultos organiza-se em torno de três eixos de intervenção fundamentais:

- Reconhecimento de competências;
- Validação de competências;
- Certificação de competências.

Como aborda Silva *et al* (2002:144), este autor considera que a qualificação da população portuguesa é uma responsabilidade que não se limita só apenas ao Estado, mas incumbe “a múltiplos atores da sociedade e da economia portuguesa, a começar pelas empresas e pelas instituições associativas, civis e políticas do território, sem obviamente esquecer o sistema de ensino e o sistema de formação profissional”.

Portugal ao longo das últimas décadas tem feito um esforço significativo de qualificação da população em todos os níveis de ensino, no sentido de recuperar o atraso existente.

Todavia, Portugal continua a ostentar baixos níveis de escolarização, que atingem os segmentos das gerações mais velhas, mas também os jovens.

Presentemente, 3.500.000 dos atuais ativos têm um nível de escolaridade inferior ao ensino secundário, dos quais 2.600.000 inferior ao 9.º ano, pois assim, próximo de 485.000 jovens entre os 18 e os 24 anos estão hoje a trabalhar sem terem concluído 12º anos de escolaridade, 266.000 dos quais não chegaram a concluir o 9.º ano.

Porém, é impreterível superar os défices estruturais de formação e de qualificação que Portugal apresenta, sendo indispensável uma intervenção por parte da política, focada em compasso rápido nesta área, sem a qual não é possível alcançar uma sociedade plenamente desenvolvida em todas as suas dimensões.

Não obstante, esta iniciativa representa um novo impulso no caminho da qualificação dos portugueses, como prioridade o que nos orienta é o da escolarização geral da população ao nível do ensino secundário, pois, é neste marco que deve centralizar e mobilizar os esforços.

É de evidenciar que o ensino secundário constitui um patamar educacional com forte expressão na estrutura de habilitações escolares da população dos países com melhores índices de desenvolvimento e é tido como condição indispensável de suporte às exigências de desenvolvimento das economias baseadas no conhecimento.

A relevância de apostar na conceptualização do nível secundário de escolaridade é visivelmente assumida pela Comissão Europeia que estabeleceu como objetivo, 2010, 85% das pessoas com 22 anos de idade na União Europeia terem completado o ensino secundário.

Com a diminuição do défice de escolarização da população portuguesa vai favorecer o crescimento, quer porque melhora a qualidade do trabalho, quer porque facilita a adoção de novas tecnologias.

Em Portugal, esta é uma vertente que merece consenso alargado no âmbito do diálogo social, tendo inscrito como prioridade de intervenção no Acordo de Política de Emprego, Mercado de Trabalho,

Educação e Formação, celebrado entre o Governo e os Parceiros Sociais em Fevereiro de 2001, o combate aos "défices de escolarização e de qualificação profissional".

No ano de 2003, destaca-se ser possível reconhecer uma relação positiva entre o investimento em capital humano e as dinâmicas de atividade e emprego.

Entre o conjunto de países da OCDE estima-se que a um aumento de um ano de escolaridade no nível médio de habilitações da população se encontra associado um aumento entre 1,1 a 1,7 pontos percentuais nas taxas de atividade e de emprego.

Ao que se refere no investimento em educação e formação diminuem significativamente o risco e duração do desemprego e faz aumentar as probabilidades de reinserção no mercado de trabalho. Porém, os dados do desemprego em Portugal evidenciam uma tendência de aumento gradual do nível de desemprego nas pessoas com menores habilitações e, sobretudo, uma representatividade acrescida destes no grupo dos desempregados de longa duração.

A promoção dos níveis de qualificação de base atribuir-se pois como instrumento basilar de combate ao desemprego mas também da política de igualdade de género, na medida em que as mulheres são mais sancionadas pelo agravamento do desemprego de longa duração (representando 56% dos desempregados de longa duração atualmente inscritos).

No ano de 2005, os benefícios económicos consequentes do investimento em capital humano têm, também, uma expressão individual, sobretudo ao nível da remuneração, na medida em que constitui um investimento com margens de retorno muito reveladoras.

Portugal é um dos países em que o prémio salarial em resultado do investimento em educação e formação é maior, em particular ao nível do ensino secundário. Isto espelha, em primeiro lugar, as diferenças de produtividade média entre trabalhadores com e sem qualificação, mas também o défice relativo de trabalhadores qualificados no nosso país.

Com efeito, o investimento em educação e formação concebe aquisições significativas em diversos domínios de organização da vida social.

A promoção de dinâmicas de participação social mais intensas, a tolerância social, o ambiente de inovação, a promoção da igualdade de género são exemplos de ganhos sociais que podem ser estimulados por via do investimento na educação e formação das pessoas.

O acesso à educação coopera para proporcionar melhores níveis de participação cívica, política e cultural, destaca-se a igualdade de oportunidades para todos, o acesso à educação contribui para dissipar mecanismos de segregação social, promovendo uma maior igualdade social na aquisição de condições de bem-estar social.

A qualificação tem pois um relevante papel na batalha à reprodução da posição desfavorável das mulheres no mercado de trabalho, que verifica-se ao nível das taxas de atividade e emprego, do diferencial salarial ou da sua menor representatividade em cargos de chefia e em determinados sectores de atividade. Importa esclarecer, que ao nível da educação é também uma marcante condição do

desenvolvimento pessoal e, por isso, um fator decisivo para o aproveitamento do investimento em formação.

Com efeito, o nível de escolaridade e a literacia são fatores decisivos para a capacidade de aprofundar trajetórias de aprendizagem e de maximizar a eficácia de investimentos formativos.

Efetivamente, é de salientar os progressos realizados por Portugal nas últimas décadas, que permitiram aquisições relevantes em matéria de educação e formação para amplas camadas da população.

Na década dos anos setenta, Portugal mantinha no analfabetismo 26% da sua população, adotava uma escolaridade básica de seis anos, que tinha como contraponto nos países europeus mais desenvolvidos taxas de escolarização secundária na ordem dos 80%, ao mesmo tempo que o acesso ao ensino superior era marcadamente elitista.

Alguns anos a essa parte, verificaram-se progressos assinaláveis, refletidos, por exemplo, na progressão da frequência nos vários níveis de escolaridade ou na adoção e generalização de uma escolaridade obrigatória de nove anos.

Porém, o investimento da rede pré-escolar e o conseqüente alargamento da sua capacidade de resposta em todo o território nacional constitui, quiçá, quer do ponto de vista simbólico, em virtude de se tratar do ciclo inicial do percurso educativo, quer do ponto de vista instrumental, pela importância que assume a formação pré-escolar enquanto condição de sucesso da escolarização, uma obtenção representativa do passado recente do sistema educativo.

Seguidamente, nos últimos anos permitiram também consolidar várias vias de ensino profissionalizante que se organizam no quadro do sistema educativo e de formação, reflexo de uma acrescida convergência de atuação entre as políticas de educação e formação.

O Ensino Profissional e o Sistema de Aprendizagem, por exemplo, são hoje vias de formação profissionalizante plenamente reconhecidas, tanto pelos jovens que procuram uma formação orientada para o mercado de trabalho, como pelas empresas que necessitam de recrutar técnicos intermédios qualificados.

Neste plano do RVCC, destaca-se, por um lado, a instituição de um mecanismo de reconhecimento e validação de criados 98 Centros de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências, tendo sido atribuídos aprendizagens realizadas através da experiência de vida e, por outro, a expansão da oferta de cursos de educação e formação especificamente dirigidos a adultos.

Na primeira metade da presente década foram 50.000 diplomas, o que ainda é manifestamente insuficiente face às atuais necessidades de qualificação da população ativa adulta.

Convém referir que o investimento na qualificação dos portugueses tem constituído uma linha de aposta comum aos diferentes ciclos de políticas públicas, designadamente desde que Portugal tem beneficiado de fundos estruturais destinados a apoiar o percurso de ajustamento aos padrões médios de desenvolvimento da União Europeia.

Face ao exposto, a progressão dos indicadores que refletem os ganhos relativos ao investimento em capital humano tem sido lenta, mantendo Portugal numa posição de grande desvantagem face à maioria

dos seus parceiros na União Europeia e não permitindo perspetivar uma inversão da situação de partida num curto espaço de tempo.

Em inferência, embora a Lei de Bases do Sistema Educativo, publicada em 1986¹⁹, estabeleça em nove anos a escolaridade obrigatória, os dados relativos ao número de anos de escolarização da população adulta nos países da OCDE confirmam que nos encontramos ainda distantes do objetivo de recuperar o grau de escolarização da população portuguesa.

Aquando se analisam os níveis de escolaridade distinguindo dois escalões etários, um mais jovem (25-34) e um outro mais velho (45-54), verificamos que a progressão registada é positiva em resultado da intensificação do esforço de escolarização da população jovem.

Este nível de progressão é, no entanto, ainda insuficiente para permitir uma alteração relativamente célere da estrutura de níveis de escolaridade da população total.

Atualmente, a juventude do nosso processo de qualificação (que não abrangeu a maioria dos atuais ativos sem oportunidade, enquanto jovens, para escolarizações mais avançadas), da baixa intensidade de participação de adultos em percursos de educação e formação (que não tem permitido a recuperação dos ativos) e, de uma forma muito significativa, da persistência de elevadas taxas de abandono e insucesso escolar.

Nas últimas décadas, muitos dos jovens completaram os 16 anos sem concluírem a escolaridade básica e um enorme contingente de jovens com menos de 24 anos, tendo frequentado o ensino secundário, abandonou o sistema educativo sem terem obtido o referente diploma.

Ao longo dos últimos anos um conjunto de jovens pouco escolarizados tem alimentado vários sectores do mercado de trabalho pouco exigentes em matéria de qualificações.

Estes jovens, pois já não regressam ao sistema educativo para completar o nível de instrução atingido, em grande dimensão devido ao facto de o ensino secundário estar predominantemente vocacionado para os jovens que pretendem ingressar no ensino superior.

Contudo, modelos empresariais tendem a veicular estratégias de recrutamento nas quais a escolaridade e a qualificação profissional não constituem fatores essenciais, não surpreende que Portugal apresente, também, uma percentagem baixa (7%), comparativamente à média da UE (16%), de jovens que se encontram simultaneamente inseridos no mercado de emprego e nos sistemas de educação e formação. Com isto, a aprendizagem tem mantido, pois, uma característica eminentemente informal (aprender pela experiência), sendo a qualificação formal ainda insuficientemente considerada uma mais-valia de desenvolvimento em estratos significativos de empresários e de trabalhadores.

A taxa de abandono escolar apresenta uma expressividade quase residual, os valores relativos ao número de jovens entre os 18 e os 24 anos que saíram da escola sem completar o ensino básico ou o ensino secundário é ainda muito significativa.

¹⁹ <http://intranet.uminho.pt/Arquivo/Legislacao/AutonomiaUniversidades/L46-86.pdf> - Acesso em: 07 de abril de 2012.

Porém, este prodígio não está em processo de regressão, tendo, aliás, tendência a aumentar, dado o enorme insucesso que, de modo persistente, se verifica no ensino secundário, desde 1995 que as taxas de repetência se concentram, sem grande variação, em cerca de 35%.

Convém ainda salientar que as maiores taxas de insucesso e de abandono registam-se no ano inicial de cada ciclo de estudos e, com maior expressão no 10.º ano de escolaridade, coincidindo com uma passagem do 3.º ciclo para o ensino secundário.

Esta certeza retrata a necessidade de abraçar medidas que previnam as dificuldades verificadas neste momento da progressão escolar e, com isso, promovam a permanência dos jovens em percursos de escolarização mais longos.

Implica ainda realçar que uma análise mais detalhada das taxas de abandono escolar permite concluir que em Portugal existem significativas disparidades aos níveis locais e regional, justificando a adoção de estratégias de intervenção territorialmente diferenciadas.

Com o sistema de ensino largamente responsável pela reduzida escolarização dos nossos jovens é a existência de uma rede com um número ainda insuficiente de cursos profissionalmente qualificantes, não obstante a diversidade da oferta atualmente existente.

No que concerne ao ensino básico, estas ofertas têm uma expressão reduzida e destinam-se essencialmente a jovens com mais de 15 anos.

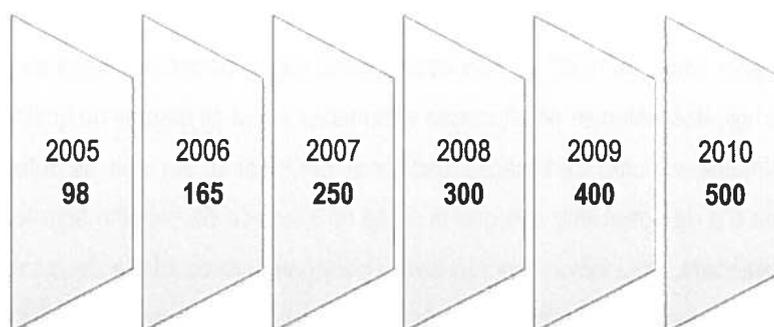
Do conjunto de cerca de 121 mil jovens ativos com menos de 25 anos que não têm o 9º ano, apenas cerca de 12 mil estão a estudar.

Ainda no que alude, ao nível do secundário, o sistema de ensino desenvolveu-se de forma muito subordinada ao prosseguimento de estudos, designadamente no ensino superior, de que é indicador o grande predomínio do número de alunos matriculados nos cursos gerais em detrimento dos cursos de pendor mais vocacional. Perante tal facto, a convergência de jovens em cursos conducentes ao prosseguimento de estudos, em detrimento das variantes de ensino de natureza tecnológica e profissionalizante, é bastante superior em Portugal quando comparado, por exemplo, com outros países da OCDE (71,7% Portugal – 48,5% OCDE).

Transpondo a precisão de reforçar a apetência pelo investimento em educação, este indicador acentua a importância de reforçar a oferta e as opções de qualificação profissional com equivalência escolar (28,3% Portugal; 47,2% OCDE - dados de 2001).

Expansão da Rede de Centros de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências de forma a atingir 500 Centros em 2010.

Figura 12 – Expansão da Rede de Centros de RVCC



Fonte: <http://www.novasoportunidades.gov.pt/np4/18#a0> - Acesso em 12 de fevereiro de 2012

A Iniciativa Novas Oportunidades, deteve como primordial missão garantir que até 2010 mais de 650.000 pessoas obtivessem uma certificação de competências.

Usufruindo como objetivo em 2010 estejam a ser emitidos, por ano, cerca de 75.000 diplomas conferentes de habilitação escolar equivalente ao ensino básico e 125.000 diplomas conferentes de habilitação escolar equivalente ao ensino secundário.

Figura 13 – Até ao ano de 2010 mais de 650.000 pessoas obtenham uma certificação de competências

Nº DE ABRANGIDOS	2000/05	2006	2007	2008	2009	2010
Ensino Básico	50 000	25 000	35 000	55 000	65 000	75 000
Ensino Secundário		15 000	35 000	70 000	100 000	125 000
Total Anual		40 000	70 000	125 000	165 000	200 000
Acumulado		90 000	160 000	285 000	450 000	650 000

Fonte: <http://www.novasoportunidades.gov.pt/np4/18#a0> - Acesso em 12 de fevereiro de 2012

Os possíveis percursos de qualificação para adultos:

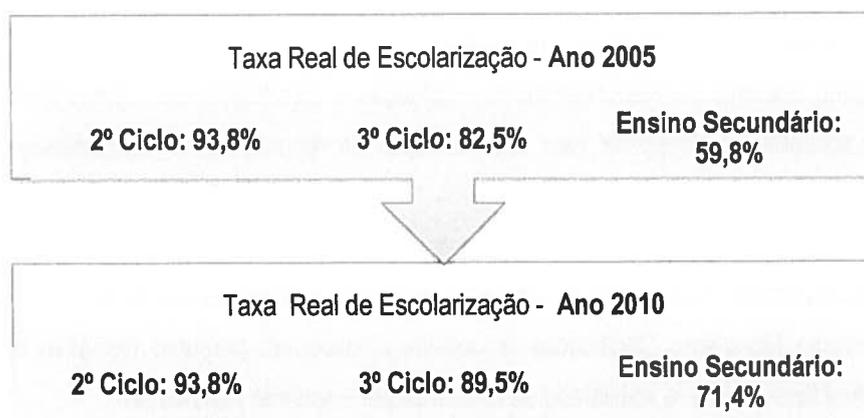
- Sistema Nacional de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências (valoriza o que aprendeu ao longo da vida, com o intuito de reconhecer as competências que que foi adquirindo);
- Cursos de Educação e Formação de Adultos (quem necessita de completar o 9.º ou o 12º ano de escolaridade e não harmoniza de uma experiencia profissional relevante);
- Formação Modulares Certificadas (possibilita concluir um percurso formativo de uma forma gradual flexível, com a viabilidade de o interromper e retomar mais tarde);
- Vias de Conclusão do Nível Secundário de Educação (com a possibilidade de concluir o nível secundário de educação).

Como ponto principal, os jovens que deixam os sistemas de educação e formação sem concluírem o ensino secundário, um claro reforço do ensino profissionalizante de dupla certificação, existe a necessidade de fazer com que o 12º ano de escolaridade seja o patamar mínimo de escolarização dos jovens que saem hoje dos sistemas de educação e formação e que os trajetos de qualificação profissional garantam, em simultâneo, uma certificação escolar e profissional. Ao que se refere aos adultos, a estratégia definida é a de possibilitar aos que já estão no mercado de trabalho sem terem completado o 12º ano de escolaridade, uma nova oportunidade. O alargamento da oferta de cursos de educação e formação de adultos e o alargamento da rede e número de pessoas abrangidas pelo Sistema de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências constituem os elementos nucleares desta estratégia. A aposta na qualificação da população portuguesa, está patente nos dias de hoje, a Certificação de Competências adquiridas em contextos formais, não formais e informais e constitui-se como um ato oficial de registo de competências. Subsiste a emissão de certificados equivalentes ao 3º, 2º e 1º Ciclos de Ensino Básico e ao nível Secundário. Na década dos anos 90 e, com os recursos possíveis, conseguiu-se agrupar algumas estatísticas sobre a sociedade portuguesa em díspares áreas, nomeadamente a Educação.

Contudo, a **PORDATA**²⁰ é designado por ser um serviço público, com um projeto destinado a todos, pensado para um amplo número de utilizadores que partilham do interesse em conhecer, com rigor Portugal. Assim, conforme está mencionado no projeto PORDATA, a população Portuguesa atualmente é de 10 573, 153. Neste sentido, apresenta-se um estudo realizado sobre a Taxa Real de Escolarização, referente ao ano de 2005 e ano de 2010, para possível comparação. No ano de 2005 no Ensino Básico, 2º ciclo a percentagem era de 86,4%, 3º ciclo de 82,5%, quanto ao ensino secundário era de 59,8%.

Perante tal quadro, no ano de 2010, verificou-se um aumento significativo ao que se refere à Taxa Real de Escolarização o, 2º ciclo a percentagem era de 93,8%, 3º ciclo de 89,5%, quanto ao ensino secundário era de 71,4%.

Figura 14 – Taxa Real de Escolarização – Anos 2005 e 2010



Fonte: <http://www.pordata.pt/Sobre+a+Pordata> - Acesso em 27 de janeiro de 2012

²⁰ <http://www.pordata.pt/Sobre+a+Pordata> - Acesso em 27 de janeiro de 2012

Ao que se refere na área da educação surge ainda a **Agência Nacional para a Qualificação** ²¹ têm como missão organizar a execução das políticas de educação e formação profissional de jovens e adultos com o sentido de assegurar o desenvolvimento e a gestão do sistema de reconhecimento, validação e certificação de competências, adotando um papel dinamizador com a Iniciativa das Novas Oportunidades. No que respeita à qualificação da população portuguesa, que tem como principal propósito promover a generalização do nível secundário como patamar mínimo de qualificação, com sentido de promover metas definidas e com a designação da pertinência e qualidade da educação e da formação profissional. Desta forma, a educação de adultos é um componente vital das políticas de educação da União Europeia, onde se destaca que é substancial para a competitividade e a empregabilidade. O desígnio é oferecer oportunidades para todos.

Presentemente, a participação dos adultos na aprendizagem dos ao longo da vida varia muito e é insuficiente em muitos países da União Europeia, assim, a União Europeia circunscreveu uma meta para a participação média na aprendizagem no ano de 2010 de 12,5% nos adultos com idades entre os 25 anos a 64 anos. No entanto em 2008, a participação média foi de 9,5%.

O **Instituto do Emprego Formação Profissional** ²² é uma instituição que adveio da fusão de organismos que desenvolviam a sua atividade nos domínios do emprego e da formação profissional, tem como primordial missão na promoção do emprego e das qualificações.

O Reconhecimento, Validação e Certificado de Competências, é um método que admite reconhecer, validar e certificar as competências que os adultos adquirem pela experiência de trabalho e de vida.

Contudo, a questão do reconhecimento, validação e certificação de competências desenvolvidas fora dos sistemas formais de educação e formação profissional adota peculiar acuidade em Portugal.

Conforme está registado no Instituto Emprego Formação Profissional os dados estatísticos disponíveis indicam défices significativos de qualificação da população portuguesa já que, de anuência com o *Censos* 2001, cerca de 43% da população ativa não completou o ensino secundário, cerca de 30% não completou a escolaridade mínima obrigatória respetiva e cerca de 15% dos jovens entre os 10 e os 24 anos abandonaram a escola sem completar o 9º ano de escolaridade.

No final de Dezembro de 2010, o total abrangidos nas medidas de Emprego, Formação Profissional e Reabilitação Profissional é de 466 172, assim corresponde a um decréscimo de -1,5%, em comparação ao ano de 2009, salienta-se que houve um crescimento de 3,1% face a Dezembro de 2008.

O número de abrangidos no final de 2010, corresponde a 92%, sendo que o maior grau de execução verifica-se nos Programas de Formação Profissional, que atingiu os 94,6%.

Os Programas de Formação Profissional retratam-se na atividade desenvolvida pelos Centros de Formação Profissional de Gestão Direta, que expõem um grau de concretização face às metas anuais de 92,3%. Até final de Dezembro de 2010 representa 72,1% dos abrangidos registados e estando em atividade cerca de 28,1% do total.

²¹ <http://www.anq.gov.pt/default.aspx?access=1> - Acesso em 29 de janeiro de 2012

²² <http://www.iefp.pt/iefp/sobre/instituicao/Paginas/Home.aspx> - Acesso em 29 de janeiro de 2012

Sendo que 21,9% dos abrangidos serem jovens com menos de 25 anos, sucede que o grupo etário dos 25 aos 34 anos o mais significativo com 110 320 pessoas, que corresponde a 28,3%.

No que alude às habilitações literárias destaca-se que 120 033 formandos não possuem o 9º ano de escolaridade, correspondendo a 30,8% dos abrangidos.

Todavia, 62,5% dos abrangidos em dezembro de 2010 são desempregados e na maioria das vezes a procura de um novo emprego.

Denota-se a preponderância dos desempregados nos Programas de Emprego (89,9%), e constata-se medida de formações Profissional desenvolvidas pelo IEFP, 64,2 % dos formandos.

No decorrer do final do mês de outubro do ano de 2011, face ao outubro de 2010, apresenta um decréscimo de -10,6%, no que se refere ao número abrangidos nas medidas de Emprego, Formação Profissional e Reabilitação Profissional. A atividade iniciada até final de outubro de 2011 representa 67,2% dos abrangidos registados, sucedendo que, nesta data permaneciam em atividade cerca de 39,4% do total. Uma rápida investigação por género confirma o padrão definido de predominância das mulheres na atividade global com o valor de 57,2%. Esta síndrome veio a confirmar-se e a destacar-se nos Programas de Emprego em que as mulheres representam 66,2% dos abrangidos.

Perante tal facto, proximamente 22,0% dos abrangidos são jovens (com menos de 25 anos), sucedendo o grupo etário dos 25 aos 34 anos o mais considerável, a nível global, com 78 363 pessoas (cerca de 26,7).

Porém, ainda falta ressaltar ao que concerne às habilitações literárias destaca-se que 87 940 formandos não possuem o 9º ano de escolaridade, correspondendo assim a 29,9% dos abrangidos.

Contudo, cerca de 70,6% dos abrangidos em outubro de 2011 estão no desemprego, e na maioria das vezes desempregados à procura de um outro emprego.

Em consonância com o que anteriormente foi discriminado, a predominância dos desempregados nos Programas de Emprego (cerca de 93,4% dos abrangidos), ainda se veio a confirmar igualmente nas medidas de Formação Profissional desenvolvidas pelo IEFP, IP. (cerca de 73,4% dos formandos).

A aprendizagem ao longo da vida engloba " (...) Toda a atividade ao longo da vida, com o objetivo de melhorar os conhecimentos, as qualificações numa perspetiva pessoal, cívica, social e/ou relacionada com o emprego" (Comissão Europeia, 2001:42).

Como adverte Seixo (2011: 66-67), "A aprendizagem ao longo da vida pode considerar-se como um dos pilares básicos da cidadania ativa e da empregabilidade, tornando-se urgente aprofundar o conhecimento sobre novos contextos de aprendizagem adequados aos ritmos e disponibilidade dos cidadãos, reconhecendo que as competências também se adquirem em ambientes não formais. A situação das qualificações escolares e profissionais da população ativa portuguesa justifica a criação de medidas para incentivar a capacidade de adaptação das empresas e dos trabalhadores à dinâmica impulsionada pela globalização dos mercados e pela própria construção europeia."

Para finalizar este subcapítulo, importa agora fazer uma breve alusão ao que concerne ao ensino superior em Portugal, sendo necessário desmistificar que mesmo tem vindo a progredir a um compasso rápido desde 2005.

Primaz ainda salientar que esta transformação desenvolveu-se a partir de alterações estruturais na legislação que enquadra a atuação das instituições por força da adequação ao Processo de Bolonha de ensino superior, incluindo as alterações introduzidas na Lei de Bases do Sistema Educativo, (2005), a que se sucedeu a regulamentação de graus e diplomas (2006), a publicação do novo Regime Jurídico das Instituições de Ensino Superior (2007) e as reformulações dos estatutos das carreiras de professores dos ensinos universitário e politécnico (2009).

2. OPÇÃO METODOLÓGICA

2.1 – PORQUE É PERTINENTE ESTUDAR ESTE PROBLEMA?

Um dos temas centrais desta dissertação insere-se nas lógicas de política pública de formação profissional em Portugal, sendo que no período pós-adesão à União Europeia, Portugal tem beneficiado do apoio financeiro de sucessivos Quadros Comunitários de Apoio, facto que veio gerar uma dinâmica muito peculiar, visto que, na década de 80 veio a despontar uma colossal transformação ao que se refere na GRH, esta mudança deveu-se essencialmente ao desenvolvimento tecnológico, da imensa competição entre as várias empresas pela conquista de mercados, com o dealbar de todo o fenómeno da globalização, as empresas sentem necessidade de se adaptar rapidamente a essas mudanças, sendo os trabalhadores o primeiros a sofrer as consequências destas alterações e de uma nova gestão, ao ter se adaptar a funções mais exigentes, e fundamentalmente ao que respeita ao nível das qualificações do recursos humanos. Ainda importa expor que a aprendizagem ao longo da vida prevê a obtenção prévia das competências básicas (literacia linguística, numérica, tecnológica, científica, cultural e comportamental) substanciais para todos.

Nesta dissertação, não sendo o ponto fulcral a formação e qualificação dos recursos humanos, mas sim as redes sociais, que configuram dinâmicas de interação social entre atores, constitui o foco privilegiado e aliciante para a descodificação e construção de um novo olhar sobre a organização dos atores no espaço social, pois perante tal cenário, a investigação pode ser definida como sendo, " (...) algo que se procura. É um caminhar para um melhor conhecimento e deve ser aceite como tal, com todas as hesitações, os desvios e as incertezas que isto implica." (Quivy & Campenhoudt, 1992:29).

Assim, o grande foco de análise tem-se centrado nos critérios de "eficiência" e "eficácia" da execução financeira, relegando para um plano residual o estudo das dinâmicas dos grupos de formação.

Perante tal, este estudo deverá analisar a pertinência e a viabilidade das dinâmicas dos grupos aquando se encontram a frequentar uma formação.

Conforme formula Arco (2010), a metodologia da Análise de Redes Sociais, ao proporcionar o estudo das relações entre vários atores, detendo os atributos dos mesmos, mas com a principal vertente e centrando-se nas relações, valorizando a estrutura dessas mesmas relações e assim explorando o carácter explicativo das mesmas.

As pessoas encontram-se inseridas na sociedade por meio de relações que desenvolvem ao longo da vida, inicialmente no seio familiar, depois na escola, na comunidade em que vivem, no trabalho. As relações que as pessoas estabelecem e mantêm irão fortalecer a esfera social.

Poderá afirmar-se que, sendo próprio da natureza humana, o estabelecimento de ligações com os outros é próprio também a estrutura da sociedade em rede.

Segundo Wasserman e Faust uma rede social (Social Network) consiste de um ou mais conjuntos finitos de atores (e eventos) e todas as relações definidas entre eles.

É de salientar que a crescente importância que os recursos humanos tem vindo a assumir e a necessidade de torná-los capazes e aptos, para responderem a novos desafios, surgem assim ações de formação onde os mesmos tem a possibilidade de interagirem uns com os outros, sendo um dos principais objetivos deste estudo estudar a interação em grupo de formação profissional.

Segundo os autores Quivy & Campenhoudt (1992), ao que concerne sobre a pertinência do estudo "as qualidades de pertinência dizem respeito ao registo (explicativo, normativo, preditivo,...) em que se enquadra a pergunta de partida", sendo a mesma "*Tendo como postulado que as redes resultantes de grupos de formação sofrem metamorfoses, pretende-se identificar quais os elementos que caracterizam a dinâmica?*"

Posto isto, nesta dissertação, para descortinar as dinâmicas de interação no contexto de formação profissional, vamos privilegiar a análise de redes sociais (*social network analysis*), enquanto metodologia. Como advoga Arco, "estes objetivos estão ancorados nos princípios fundamentais da ARS que procura conhecer de forma sistemática as regularidades e padrões de interação social, e assim encontrar explicação para a ocorrência dessas mesmas interações e para as suas consequências".²³

Ainda de acordo com esta autora citando Gauthier, "o social trata do homem nas suas relações com outros homens", que "a investigação é uma atividade de procura objetiva de conhecimentos sobre questões fatuais" e que a metodologia engloba tanto a "estrutura do espírito e da forma da investigação como as técnicas utilizadas para pôr em prática este espírito e esta forma", concebendo que o cerne metodológico contemporâneo da investigação social é um ato de observação ligado a um ciclo de teorização. (Arco citando Gauthier, 2003:143).

Como alude Freixo, "o interesse da temática resulta assim evidentemente, num tempo em que a investigação se apresenta como um recurso inestimável e determinado no desenvolvimento do conhecimento" (Freixo, 2010:26).

Nesta investigação pretendeu-se aprofundar um caso específico, nomeadamente, descodificar as dinâmicas de configuração entre vários grupos de formandos, aquando os mesmos se encontram em período de formação, na tentativa de conhecer as mudanças que serão operadas ao longo da formação, ou seja, a dinâmica de interação entre os atores intervenientes de cada grupo, primaz referir que serão estudados três grupos de formação, sendo um grupo misto (homens e mulheres), um grupo feminino e por último um grupo masculino.

2.2 – O CAMINHO METODOLÓGICO

O percurso metodológico pode entender-se como um trajeto que o investigador percorreu para a escolha dos métodos e técnicas a utilizar durante a realização do seu trabalho de investigação.

²³ Wasserman & Faust (1999); Varanda (2000); Porras (2001); Molina (2001) citados por Arco (2010).

É o conjunto de procedimentos adotados para o desenvolvimento da investigação empírica, de forma a se compreender e explicar o fenómeno em estudo, vão proporcionar ao investigador considerações finais sobre o tema em estudo.

Contudo, a metodologia adotada numa investigação depende diretamente do objeto em estudo, natureza até mesmo da sua grandeza e principalmente dos objetivos do investigador.

Como referem Quivy & Campenhoudt (1992:18) "estejam pelo menos determinados a estudar os fenómenos sociais com uma preocupação de autenticidade, de compreensão e de rigor metodológico".

Quando o investigador leva a efeito uma investigação científica é fundamental que os métodos utilizados se apresentem de uma forma clara, pois são um conjunto de procedimentos que norteiam o investigador na abordagem do real.

De acordo com Deshaies (1992) a metodologia na sua essência é o "estudo dos meios adequados e satisfatórios a escolher na realização de uma investigação. Podem ser processos, métodos, técnicas ou procedimentos de análise (por exemplo, a estatística) da informação. Regra geral, devem representar realmente uma economia de esforços tendo em vista garantir a conformidade do pensamento com o real". Segundo Campenhoudt & Quivy (1992:13), "Não se pode exigir ao responsável do projeto que domine minuciosamente todas as técnicas necessárias. O seu papel específico será o de conceber o conjunto do projeto e de coordenar as operações com o máximo de coerência e de eficácia. É sobre ele que recairá a responsabilidade de levar a bom termo o dispositivo global da investigação."

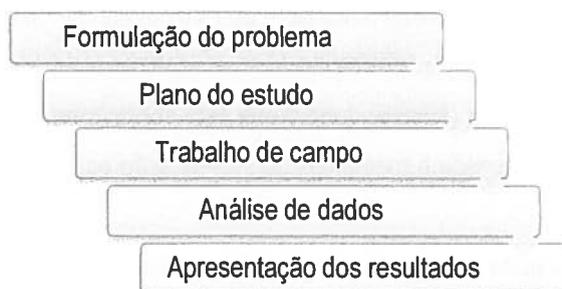
Para Howard & Sharp citados por Bell (2010:14), argumentam que a investigação é uma forma mais rigorosa e tecnicamente mais complexa, assim desmistifica que "a maioria das pessoas associa a palavra pesquisa a atividades substancialmente afastadas da vida quotidiana e levadas a cabo por pessoas extraordinariamente dotadas e de empenho invulgar. É claro que há uma grande dose de verdade neste ponto de vista; contudo, em nossa opinião, este trabalho não se restringe a este tipo de pessoas e pode, na realidade, revelar-se uma experiência estimulante e gratificante para muitos outros com um espírito treinado e inquiridor."

De acordo com Bachelard citado por Quivy & Campenhoudt (1992:23), "o fato científico é conquistado, construído e verificado: conquistado sobre os preconceitos; construído pela razão e verificado nos factos."

Para Mann (1973:23), a definição do método científico "o homem que classifica fatos, seja lá de que natureza for, que vê sua relação mutua e descreve suas sequências, está aplicando o método científico e é um homem de ciência ...Quando todo fato... tiver sido examinado, classificando e coordenando com o resto, então estará terminada a missão do cientista". Conforme alude Deshaies (1992:208), "o método científico não é senão uma maneira mais sistemática de realizar observações."

Conforme refere Moreira (2007:67), o processo de pesquisa estrutura-se em cinco fases, passa-se a mencionar:

Figura 15 – Processo de Pesquisa - Investigação



Fonte: Moreira (2007:67)

Na perspetiva de Campenhoudt & Quivy, o objeto de estudo tem de estar ligado a uma pergunta de partida ou de investigação, sendo a primeira etapa da investigação "as qualidades de clareza dizem essencialmente respeito à precisão e à concisão do modo de formular a pergunta de partida". (Quivy & Campenhoudt, 1992:33). Ainda segundo a formulação destes autores, "a melhor forma de começar um trabalho de investigação social consiste em nos esforçarmos por enunciar o projeto sob a forma de uma pergunta de partida. Com esta pergunta, o investigador tenta exprimir o mais exatamente possível aquilo que procura saber, elucidar compreender melhor. A pergunta de partida servirá de primeiro fio condutor da investigação". (idem:41).

Nesta investigação definiu-se como pergunta de partida: ***"Tendo como postulado que as redes resultantes de grupos de formação sofrem metamorfoses, pretende-se identificar quais os elementos que caracterizam a dinâmica?"***

Porque se pretende, primeiro compreender os posicionamentos dos atores na rede aquando se encontram a frequentar uma formação profissional, ou seja, tentar perceber os relacionamentos informais dos mesmos, segundo encontrar explicações para os posicionamentos dos atores mais centrais na rede ainda em contexto de formação, neste caso em particular é tentar perceber qual ou quais os elementos mais influentes na dinâmica do referido grupo, como terceiro identificar as situações que alteram a dinâmica da rede, neste caso específico a quem recorrem quando julgarem necessário e em último identificar as regularidades na dinâmica da rede, sendo neste caso em concreto tentar vislumbrar enquanto dinâmica de grupo reconhecer o líder do mesmo.

Importa ainda esclarecer que neste tipo de estudos enunciam-se questões de investigação, sendo esta definida como "uma questão de investigação é um enunciado interrogativo claro e não equivoco que precisa os conceitos-chave, especifica a população alvo e sugere uma investigação empírica". (Fortin, 2003: 51). Ter a pretensão de justificar uma questão de investigação é pois na sua essência explicar porque é para nós importante essa questão e porque a queremos estudar.

Partindo da premissa que a pergunta de partida é a primeira etapa de uma investigação social, a opção metodológica surge da consciencialização que existe um problema, onde se tem que articular com clareza e trabalhar para o resolver, assim, marca a fase essencial de um procedimento metodológico, segundo Deshaies, sem problema, não existe investigação, "o primeiro desafio do investigador é

conhecer a natureza do problema a estudar, delimita-lo com toda a clareza possível e, sobretudo, formula-lo de maneira tal que seja possível determinar quais os melhores meios de investigação científica a utilizar." (Deshaies, 1992:19).

Como referencia Silva & Madureira (1989:9), tudo o que está subjacente à análise e crítica dos métodos de pesquisa, efetivamente, processos e problemas da investigação empírica, está estreitamente ligado à metodologia.

É de salientar que neste estudo em particular, sobressai a Metodologia da Análise de Redes Sociais, conforme refere Degenne & Forsé citados por Fialho, "a análise de redes sociais é considerada uma metodologia que se debruça sobre o estudo das relações entre entidades e objetos de várias naturezas" (Degenne & Forsé citados por Fialho, 2008:63).

Dado que se pretende compreender as dinâmicas intrínsecas a grupos de formação, considera-se a metodologia de análise de redes sociais como a mais adequada para evidenciar as características dos atores que intervêm neste processo, designadamente os formandos das ações de formação profissional. Através duma abordagem micro - sociológica, estudar as regularidades na dinâmica dos grupos de formação, principalmente ao nível das dinâmicas que se estabelecem nos grupos.

De acordo com Fialho (2008:63), "o estudo dos comportamentos e ações dos atores não se centra nos atributos individuais (idade, sexo, género, etc.), mas sim nas relações que resultam das interações que são estabelecidas pelos indivíduos uns com os outros."

Como se formam os grupos? Como funcionam? Quais os problemas que lhe são inerentes no quotidiano? Quais as regularidades na interação? Quais os níveis de coesão?

Como objetiva Fialho, "o enfoque das redes sociais tem-se centrado no estudo das relações entre indivíduos em diferentes questões e situações sociais." (Fialho, 2008:63).

Como referencia Fialho "apesar de alguma desconfiança inicial por parte da generalidade das ciências sociais, nos últimos anos a análise de redes sociais tem ganho alguns adeptos, sobretudo pela descoberta desta nova forma de olhar os problemas sociais." (idem: 64).

Ainda na descoberta do tema "rede" como adverte Arco (2010:68), " (...) abrimos um livro, uma revista, ligamos o computador, a televisão, o rádio entre outros e logo surgem: a rede de cuidados de saúde (hospitais, centros de saúde, (...) etc.); a rede escolar (constituída por diferentes escolas, (...) etc.); (...) um sem fim de conceitos divergentes entre si mas que em comum transmitem a ideia de agrupamento e ligação, entre pessoas, organizações, fios, reais ou virtuais, e que nos leva a questionar, afinal onde não há rede, não usufruímos e participamos no nosso dia-a-dia em diversas formas de rede?"

Em suma, neste capítulo pretende-se elucidar a opção metodológica adotada, com o objetivo de dar a conhecer qual o instrumento de recolha de dados e a forma como se procede ao tratamento do mesmo com o desígnio de obter resposta aos objetivos inicialmente propostos.

2.3 NATUREZA DO ESTUDO

Após uma breve discussão sobre a metodologia e a sua importância na aplicação do estudo a realizar, é totalmente pertinente avançar para a natureza do estudo desta dissertação.

Neste subcapítulo importa referir qual a metodologia escolhida para este estudo, o mesmo recai num paradigma misto (estudo qualitativo e estudo quantitativo), e sendo também um estudo de caso exploratório, com o propósito na exploração de uma situação num delimitado contexto permite ao investigador ampliar a sua experiência enquanto investigador e também obter um maior conhecimento face a um determinado fenómeno, sendo que os resultados deste estudo serão mais autênticos, efetivamente, em termos de metodologia, vamos privilegiar a Análise de Redes Sociais para descodificar as dinâmicas na Formação Profissional.

Todo o teor desta investigação está relacionado com uma determinada particularidade, que é o estudo duma realidade específica, (conhecer as dinâmicas de grupo que se encontram em contexto de formação profissional), num ambiente particular e previamente definido, num Centro de Formação Profissional.

Importa no entanto referir que o Centro de Formação Profissional de Évora, será a unidade básica de pesquisa, como tal, esta investigação será sobre um caso específico (estudo de caso).

Ao que concerne ao tipo de estudo, este será um estudo de caso de carácter exploratório, em inferência, nesta dissertação, envereda-se pelo estudo exploratório, pois " (...) o objetivo é examinar um tema ou problema de pesquisa pouco estudado, do qual se tem muitas dúvidas (...) " (Sampieri, Collado & Lucio, 2003:99), e ainda "(...) servem para nos familiarizarmos com fenómenos relativamente desconhecidos." (Sampier et al., 2003:100).

Com o designio de proporcionar uma oportunidade de estudar, de uma forma mais ou menos aprofundada, um determinado aspeto de um problema em pouco tempo (Bell, 2010).

Contudo, será pertinente elucidar, o enfoque que usualmente está associado a um estudo exploratório será o qualitativo "as pesquisas qualitativas normalmente estão associadas com os estudos exploratórios." (Sampier et al., 2003:100).

Todavia, de acordo com Yin citado por Carmo & Ferreira (1998:216), define um estudo de caso como uma abordagem empírica que "investiga um fenómeno atual no seu contexto real; quando, os limites entre determinados fenómenos e o seu contexto não são claramente evidentes; e no qual são utilizadas muitas fontes de dados."

Ainda como refere Freixo (2010:109), "a sua finalidade será descrever de modo preciso os comportamentos de um individuo, ou seja, neste procedimento, o sujeito é o centro da atenção do investigador.

Contudo, este método pressupõe que o investigador selecione e determine previamente o tipo de comportamento que pretende observar e conseqüentemente estudar", assim neste estudo peculiar tem-se a pretensão rigorosa de identificar as dinâmicas de interação de grupos que se encontram em situação de formação profissional.

Ainda segundo Merriam (1988) citado por Biklen & Bogdan, define o estudo de caso como "consiste na observação detalhada de um contexto, ou indivíduo, de uma única fonte de documentos ou de um acontecimento específico."

Sendo um estudo de caso exploratório, como atrás foi referenciado, será importante clarificar que o trabalho de campo decorreu numa entidade formadora sita em Évora.

Para Sampier *et al.*, (2003), "(...) o caso é a unidade básica de pesquisa e trata-se de uma pessoa, um casal, uma família, um objeto (...) um sistema (...), uma organização (hospital, fábrica, escola), uma comunidade, um município, um departamento ou estado, uma nação etc." (2003:274), perante tal situação este estudo será um estudo de caso, como já tinha sido aludido.

Ainda ao que se refere este estudo como "o estudo de caso é tanto de corte quantitativo (...) como de corte qualitativo (...) ou inclusive misto (quantitativo - qualitativo)" (Sampier *et al.*, 2003:274).

Para ultimar ao que concerne ser um estudo de caso, nesta investigação, como descortinar as dinâmicas e interações enquanto grupos de formação, "o estudo de casos é útil para assegurar e desenvolver processos de intervenção em pessoas, famílias, organizações, países etc., e desenvolver recomendações ou cursos de ação a serem seguidos" (2003:276).

Apesar de não ser o paradigma dominante, a lógica quantitativa que se encontra subjacente na análise de redes sociais, assume um carácter de relevo, efetivamente, o enfoque quantitativo "utiliza a coleta e a análise de dados para responder às questões de pesquisa e testar as hipóteses estabelecidas previamente, e confia na medição numérica, na contagem e frequentemente no uso de estatística para estabelecer com exatidão os padrões de comportamento de uma população." (Sampier *et al.*, 2003: 5).

Ainda segundo Freixo (2010:144), defende que "o método de investigação quantitativo constitui assim um processo sistemático de colheita de dados observáveis e quantificáveis.

É baseado na observação de factos objetivos, de acontecimentos e de fenómenos que existem independentemente do investigador."

Ainda ao que respeita ao método quantitativo "está essencialmente ligada à investigação experimental (...) o que pressupõe a observação de fenómenos, a formulação de hipóteses explicativas desses mesmos fenómenos, (...) ". (Carmo e Ferreira, 1998:178). "(...) a qual procura descrever e explicar os acontecimentos, processos e fenómenos do mundo social, (entendido como sistema), por forma a que se possa chegar à formulação das generalizações que existem objetivamente" (Moreia, 2007:48).

Conforme atesta (Bardin, 1977), a abordagem quantitativa obtém dados descritivos através de um método estatístico, sendo uma análise mais objetiva fiel e exata.

Com efeito, neste estudo os dados qualitativos resultantes das entrevistas, permitem um outro olhar sobre a realidade, Bogdan & Biklen citados por Carmo & Ferreira (1998:181), "a preocupação central não é a de saber se os resultados são suscetíveis de generalização, mas sim a de que outros contextos e sujeitos a eles podem ser generalizados", como principal preocupação deste estudo em particular centra-se essencialmente no contexto de formação profissional, onde os grupos e formandos estão em evidência.

Conforme elucidam os autores Sampier et al., "seu propósito consiste em "reconstruir" a realidade, tal como é observada pelos atores de um sistema social predefinido." (Sampier et al., 2003: 5).

Pois, o enfoque qualitativo como aludem Sampier et al. (2003:11) "busca compreender seu fenômeno de estudo em seu ambiente usual (como as pessoas vivem, se comportam e atuam; o que pensam; quais são suas atitudes etc.)."

Como descreve Freixo (2010:146), "o objetivo desta abordagem de investigação utilizada para o desenvolvimento do conhecimento é descrever ou interpretar, mais do que avaliar".

Como cita Moreira, os métodos qualitativos "elegem formas flexíveis de captar a informação e recorrem basicamente a uma linguagem concetual e metafórica (...) estudam a vida social no seu próprio quadro natural sem o distorcer ou controlar". (Moreia, 2007:50).

Como assegura (Bardin, 1977), a abordagem qualitativa sendo considerada válida na elaboração das deduções específicas sobre um acontecimento, apresenta características particulares.

Apesar das abordagens quantitativa e qualitativa é de salientar que, conforme referenciam Reichardt & Cook citados por Carmo & Ferreira (1998) " (...) um investigador não é obrigado a optar pelo emprego exclusivo de métodos quantitativos e qualitativos e se a investigação o exigir poderá combinar a sua utilização." (Reichardt & Cook citados por Carmo & Ferreira 1998:183).

Pode-se então discutir a utilização dos dois enfoques numa investigação, fundamentalmente neste caso em particular, nesta investigação, sobrepõe-se um estudo de carácter misto " (...) em primeiro lugar se aplica um enfoque e em seguida o outro, de maneira relativamente independente, dentro do mesmo estudo" (Sampier *et al.*, 2003:16).

Todavia ainda é importante ressaltar que o instrumento de recolha de dados é o questionário sociométrico para o estudo das redes sociocêntricas em contexto de formação.

Conforme refere Mann (1973:169) a sociometria é uma técnica " (...) uma forma de estudar relações pessoais entre indivíduos face a face." Ainda adjacente a este estudo importa clarificar conforme avança este autor a "sociograma é uma representação diagramática dos sentimentos de atracção ou repulsa entre pessoas de um grupo", este tipo de instrumento faz todo o sentido neste estudo uma vez que insere-se no contexto da formação profissional onde se destaca grupos de formandos.

Ainda ao que se refere ao estudo, sendo este um estudo preferencialmente sociométrico como cita Carmo & Ferreira (1998:215), " consiste na avaliação e análise das relações interpessoais dentro de um dado grupo de sujeitos. Através da análise das escolhas ou preferências expressas dos diferentes membros de grupo pelos outros membros do mesmo grupo, poder-se-á determinar o grau de aceitação ou rejeição de um sujeito pelos outros membros do grupo".

Este estudo está ancorado com a condicionante de ser um estudo sociométrico, ou seja, na linha de pensamento dos referidos autores, a cada membro do grupo será solicitado que designe outros membros do grupo com os quais gostaria, preferencialmente de trabalhar, ou desenvolver uma atividade. Ainda ao que concerne esta linha de pensamento, poder-se a pedir a cada membros do grupo que indique, por

ordem de preferência, membros com quem gostaria de partilhar atividades, assim, este tipo de estudo, metodologia, sendo bem clara e específica é designada por ARS.

Os objetivos podem ser analisados como metas executáveis, que ambicionamos atingir ao longo da nossa pesquisa, levando em conta o contexto de inserção em que esta se desenvolve.

Como formulação consente uma orientação e uma delimitação da ação, para que venham a ser atingidos o mais fielmente possível. Pois importa referir que neste estudo em particular foi definido dois tipos de objetivos, um geral e quatro específicos.

Com esta organização metodológica pretende-se atingir o seguinte objetivo geral:

- Identificar as dinâmicas de interação em grupos de formação profissional.

Para uma melhor compreensão do objeto de estudo, foram definidos os seguintes objetivos específicos:

- Conhecer os posicionamentos dos atores na rede, em vários momentos do processo formativo.
- Encontrar explicações para o posicionamento dos atores mais centrais da rede.
- Identificar situações que alteram a dinâmica da rede.
- Identificar regularidades na dinâmica da rede.

Tal como já havia sido mencionado neste subcapítulo, primaz ainda referir que a opção por uma abordagem de carácter qualitativo, prende-se, sobretudo, pela natureza do que se quer saber, e ainda na medida em que se pretende a compreensão de um fenómeno e não fazer generalização sobre o mesmo, procurando sobretudo compreender de que forma interagem grupos de formandos, sendo que, tentar identificar as próprias dinâmicas de interação em grupo, aquando a frequentar uma ação de formação.

Conforme refere Fialho (2003:131), "Magão (1992) citando Leininger afirma que a metodologia qualitativa se situa na qualidade, ou seja, na natureza, significado, atributos e na essência do fenómeno, enquanto a metodologia quantitativa se centra na quantidade de fenómenos. Nos estudos qualitativos, referem Ludke e André (1996), constitui especial atenção do investigador o "significado" que os indivíduos dão às coisas e à sua vida, aos objetos do estudo."

Contudo, "um paradigma é aquilo que nos permite olhar o mundo e identificar o que nele é para nós importante" mas também, é um "conjunto de crenças básicas que tratam de princípios elementares ou do foro mais profundo. Representa uma visão do mundo que cada um tem, da sua natureza e do lugar que cada sujeito ocupa nesse mundo" (Santos, 2002:2)²⁴.

Ainda em consonância com a mesma autora, "em grande parte dos estudos que se realizam, é habitual encontrar-se a referência aos termos "investigação quantitativa" ou "investigação qualitativa". Todavia, devido à complexidade dos fenómenos, levaram a que surgisse disputas sobre qual dos paradigmas, quantitativo e qualitativo seria o mais adequado, independentemente do tipo de estudo. No que diz

²⁴ <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/msantos/esp.pdf> - Acesso em: 10 de março de 2012.

respeito à investigação sociológica, nas últimas décadas os investigadores tem destacado e favorecido uma perspetiva integradora e conciliadora destes dois paradigmas.

Para concluir, a natureza do estudo é o esquema lógico construído pelo investigador, para se conseguir responder à questão de partida deste estudo.

2.4 O CONTEXTO DO ESTUDO

Esta investigação em particular pode ser explicada como sendo, "uma investigação é, por definição, algo que se procura. É um caminhar para um melhor conhecimento e deve ser aceite como tal, com todas as hesitações, os desvios e as incertezas que isto implica." (Quivy & Campenhoudt, 1992:29).

Assim este estudo tem como propósito, dissecar a pertinência e a exequibilidade das redes resultantes de grupos de formação que sofrem cada vez mais metamorfoses, como tal, este estudo tem como carácter principal identificar quais os elementos que caracterizam a dinâmica dos referidos grupos.

Importa ainda referir que neste estudo, procuraremos descodificar as dinâmicas de configuração das interações entre os grupos de formandos em diversas modalidades de formação de adultos.

Em ciências sociais pode-se mencionar que a investigação serve com o intuito de " compreender melhor os significados de um acontecimento ou de uma conduta, a fazer inteligentemente o ponto da situação, a captar com maior perspicácia as lógicas de funcionamento de uma organização, a refletir acertadamente sobre as implicações de uma decisão política, ou ainda a compreender com mais nitidez como determinadas pessoas apreendem um problema e a tornar visíveis alguns dos fundamentos das suas representações". (Quivy & Campenhoudt, 1992:17).

Na seleção do campo empírico optou-se pelo contexto de grupos de formação, devido a diferentes razões que decorrem dos objetivos da investigação, entre elas a razão fundamental prendeu-se com a génese da formação profissional em Portugal, enquanto formação e o facto de grande maioria da população portuguesa a frequentar, designadamente em Portugal, sabendo que os grupos de formação sofrem cada vez mais metamorfoses, pretende-se através desta investigação, através da metodologia, como já foi referenciada, Análise de Redes Sociais, identificar quais os elementos inerentes que caracterizam a dinâmica enquanto grupo.

Após a escolha do campo empírico de análise, selecionaram-se para os questionários alguns grupos de formandos por turmas no Centro Formação Profissional de Évora, as quais estavam no seu início:

- a. *Uma turma de Técnico de Informática de Sistemas – EFA Tecnológico*
- b. *Uma turma de Cuidados e Estética do Cabelo – EFA B3*
- c. *Uma turma de Serralheiro Civil – EFA B3*

Selecionaram-se estes grupos por se tratar de turmas de adultos que tiveram o seu início aquando do começo do nosso trabalho de campo, situação que nos permitiu medir a dinâmica dos grupos no ponto de partida da interação em contexto de formação profissional.

Por outro lado, são turmas que nos permitem uma visão do género masculino (turma de serralheiro civil), género feminino (cuidados e estética do cabelo) e uma perspetiva mista na turma de técnico de informática de sistemas.

Como unidade de análise foram selecionados as turmas referidas anteriormente. Fortin (2003:373) define população como sendo, o "conjunto de todos os sujeitos ou outros elementos de grupo bem definido tendo em comum uma ou várias características semelhantes e sobre o qual assenta a investigação".

Em conformidade com este estudo, este limita-se apenas a estudar uma amostra da população da entidade onde coube a investigação, de acordo com Carmo & Ferreira, uma amostra é designada por, " a técnica designada por amostragem conduz à seleção de uma parte ou subconjunto de uma dada população ou universo que e denomina amostra, de tal maneira que os elementos que constituem a amostra representam a população a partir da qual foram selecionados". (Carmo & Ferreira,1998:191).

Como refere Requena Santos (1996), o estudo da ARS tem tido nas últimas décadas muito prestígio, deve-se acima de tudo à grande utilidade na análise estrutural e a forma de ver de forma integrada e coerente o sistema como se movem os atores sociais, a estrutura social de uma comunidade vê-se como um modelo de relações sociais entre varias posições, uma relação social é considerada um vinculo entre vários atores que por sua vez vem ocupar diferentes posições sociais e que resultam de relações mutuas, sendo estas simétricas, assimétricas ou neutras, esta visão relacional da estrutura social é o principal contributo da analise de redes.

O Centro de Formação Profissional²⁵ foi criado pelo Decreto-Lei n.º 519-A2/79, de 29 de dezembro, o IEFP, IP, é contudo uma instituição com longa história já que resultou da fusão de organismos que desenvolviam a sua atividade nos domínios do emprego e da formação profissional. Para além da sua principal missão na promoção do emprego e das qualificações, o IEFP, IP, tem um conjunto alargado de objetivos e atribuições e dispõe de uma rede desconcentrada de Serviços.

Esta investigação é encetada no Centro Formação Profissional de Évora sendo o mesmo um Centro de Gestão Direta do IEFP que pretende ser, acima de tudo, uma Instituição aberta para o exterior e vocacionada para a qualificação e aperfeiçoamento dos recursos humanos.

Em 1972 deu-se por concluída a construção das instalações destinadas à formação profissional, em Évora, não se tendo feito na altura o aproveitamento imediato e total das mesmas.

Quando do afluxo a Portugal dos desalojados das ex-colónias, estas instalações foram utilizadas por alguns, como residência provisória.

Tendo iniciado a atividade em 1981, nesse ano o Centro ministrou formação apenas em duas áreas: Operários da Construção Civil e Dactilografia. Desde então tem prosseguido um esforço de alargamento da sua capacidade formativa, através da abertura de novas seções para novas áreas de formação.

²⁵ <http://www.iefp.pt/Paginas/Home.aspx> - Acesso em: 28 de maio de 2012.

Decorridos quase vinte anos após o seu arranque o número de formandos que acorrem às ações de formação tem registado um crescimento significativo.

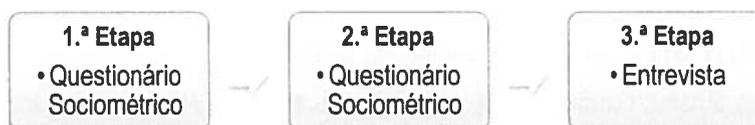
O Centro Formação Profissional de Évora, beneficiado de uma articulação flexível com os restantes Centros da Região do Alentejo, vem assegurando um importante papel na determinação das necessidades de formação e satisfação das solicitações do mercado de emprego, assim como a dinamização do desenvolvimento da região em que se insere.

2.5 TÉCNICAS DE RECOLHA DE DADOS

Os instrumentos utilizados na recolha de dados neste estudo foram o **questionário – sociométrico** e a **entrevista**, por permitir aos inquiridos expressarem as suas opiniões, tendo em conta a sua vivência e as suas ideias no que concerne ao impacto de estarem a frequentar uma formação, não deixando para traz outro instrumento de tamanha importância como a análise documental. Sendo esta uma das etapas cruciais para o êxito de qualquer processo de investigação.

Nesta investigação em concreto importa realçar que se vai proceder a três etapas, para uma melhor resolução do estudo a que se propôs:

Figura 16 – Três etapas da investigação



Fonte: Elaboração própria

Consideramos como a 1.ª Etapa, a primeira aplicação dos questionários sociométricos a todos os formandos de cada turma no início do processo formativo, a 2.ª etapa, como sendo a segunda aplicação dos mesmos questionários aquando do processo formativo, para posteriormente se proceder à recolha de dados, sobre a interação entre os vários elementos de cada turma, para uma melhor análise e complementar a investigação proceder de uma forma rigorosa à entrevista com cada formador de cada turma.

2.5.1 QUESTIONÁRIO SOCIOMÉTRICO

Como advoga Arco (2010:154) citando Richardson *et al* (1989) e Fortin *et al* (2009), “o questionário é um dos métodos de colheita de dados mais utilizado pelos investigadores sociais, tem como objetivo recolher

informação fatural sobre acontecimentos ou situações conhecidas, sobre atitudes, crenças, conhecimentos, sentimentos ou opiniões".

Segundo Freixo (2010:197) "questionário é o instrumento mais usado para a recolha de informação, constituindo um dos instrumentos de colheitas de dados que necessita das respostas escritas por parte dos sujeitos, sendo constituído por um conjunto de enunciados ou de questões que permitam avaliar as atitudes, e opiniões dos sujeitos ou colher qualquer outra informação junto desses mesmos sujeitos", ainda de acordo com Fritz (2010:52), na linha de pensamento de Carmo & Ferreira, "neste estudo particular foi selecionado o inquérito por questionário. Com efeito, um inquérito por questionário será um conjunto de perguntas, previamente elaboradas e testadas, que deverão ser extremamente bem organizadas, de forma a terem uma coerência intrínseca e configurar-se de forma lógica para que a ele responde. Na elaboração do inquérito por questionário há que respeitar um conjunto de procedimentos, ou seja, definir rigorosamente os seus objetivos, formular hipóteses e questões orientadoras, identificar as variáveis relevantes, selecionar a amostra adequada de inquiridos, elaborar o instrumento em si, testa-lo e administrá-lo para uma posterior análise do mesmo", neste estudo é utilizado um questionário sociométrico, uma vez que é utilizado na metodologia da Análise de Redes Sociais, como advoga Fritz citando Molina (2010:52), "os inquéritos por questionário são uma das técnicas mais utilizadas em Análise de Redes Sociais".

Para o autor os mesmos podem classificar-se em: lista fechada de pessoas, em que é pedido ao inquirido previamente selecionado que identifique, para cada um dos restantes membros da lista, se estabelece relação e que tipo de relação existe; ou ainda lista livre de pessoas, em que se pede ao inquirido que enumere livremente pessoas com as quais estabelece uma relação".

De acordo com os autores Carmo & Ferreira (1998), "as escolhas feitas pelos membros do grupo são representadas num gráfico denominado sociograma que põe em evidência as escolhas mútuas dos membros dos grupos. (...). Um sociograma mostra aqueles que são escolhidos por muitos membros do grupo, aqueles que ninguém escolhe e pequenos grupos cujos membros se escolhem mutuamente."

Como refere ainda a mesma autora "as técnicas sociométricas são utilizadas com fins práticos ou para investigação no caso de se pretender estudar relações entre membros de um grupo e características comportamentais". Estes estudos podem dar uma contribuição para o desenvolvimento de teorias que digam respeito a relações interpessoais dentro de um grupo.

Pois nesta investigação o questionário sociométrico vai ser utilizado em dois momentos, primeiro, aquando os formandos não tem e nunca tiveram qualquer tipo de relação (nunca estabeleceram qualquer tipo de contato) no segundo momento após frequentarem a formação (subsiste já relações entre eles).

Segundo Fialho, os questionários aplicados pela metodologia de ARS pode assumir uma das seguintes formas:

- **Lista fechada de pessoas** (organizações, eventos, etc.), através dos quais se solicita aos indivíduos que identifiquem se existe relação, ou qual o tipo de relação com cada um dos elementos da listagem.

- **Lista livre ou aberta de pessoas**, no qual se solicita a cada um dos indivíduos que designe livremente as pessoas com as quais mantém relações. (Molina citado por Fialho, 2008:173).

De acordo com Requena Santos (1996), surge os geradores de nomes em qualquer pergunta de um questionário que vem a proporcionar uma serie de nomes de pessoas relacionadas através de vínculos com o nome do correspondente, ainda tem o desígnio de obter os atributos das pessoas com o respetivo gerador de nomes:

Gerador n.º 1²⁶ - o objetivo desta investigação é demonstrar quais as relações dos sujeitos, determinar as condutas e atitudes das pessoas. Esta investigação também procura calcular a conectividade da rede e como está a relação entre três pessoas. São perguntas simples e claras e de resposta fácil.

Gerador n.º 2²⁷ - Este tipo de investigação tem como objetivo estudar as consequências das pessoas, tem a total permissão de comparar sentimentos. É um processo rigoroso.

Gerador n.º 3²⁸ - Sendo uma investigação cujo objetivo principal é o estudo das relações que se utilizam para obter um emprego.

Gerador n.º 4²⁹ - Este tipo de investigação analisa a função da ajuda informal como forma de serviço social.

Gerador n.º 5³⁰ - Este tipo de investigação consta de tipos fundamentais de perguntas, formula perguntas que permitem obter informações sobre a natureza dos vínculos que unem os atores.

Ainda quanto aos geradores, por razões metodológicas podem-se utilizar vários tipos de geradores para um só questionário, pois o uso dos geradores múltiplos proporciona a oportunidade de estudar os vários tipos de interação das relações existentes.

Ainda segundo Requena Santos, metodologicamente, os geradores múltiplos permite especificar relações concretas e aumentar a fiabilidade de todos os dados.

Tendo-se adotado como técnica de recolha de informação o questionário sociométrico, numa primeira fase, em fevereiro de 2012, foi feito contato por escrito ao Diretor do Centro Formação Profissional de Évora, dando a conhecer a intenção de realização do estudo e, simultaneamente, solicitando autorização para o desenvolvimento do mesmo naquela entidade de formação profissional, do qual se recebeu resposta afirmativa (**Apêndice I**).

Neste estudo foi utilizado como técnica central o **questionário sociométrico** como recolha de informação, visto, por se ter considerado esta a que melhor correspondia aos objetivos de pesquisa, já que estes implicavam analisar a interação em grupos em formação profissional, como principais

²⁶ Laumann (1973)

²⁷ Fischer (1982)

²⁸ Requena (1991)

²⁹ Willmott (1987)

³⁰ General Social Survey

desvantagens do inquérito por questionário poderão ser a superficialidade das respostas, sabendo o investigador que o carácter relativamente débil da credibilidade deste dispositivo também pode ser levado em linha de conta, mas para que isto não se confirmasse fez-se com que houvesse rigor na escolha da amostra, formulação clara e inequívoca das perguntas, assim sendo, como vantagens o questionário oferece várias vantagens, relativamente a outros métodos de recolha de dados, como: ser rápido, não exigir treino dos profissionais, e garantir o anonimato, neste caso, foram enumeradas três turmas de formandos do Centro Formação Profissional de Évora, efetivamente, entende-se por questionário um conjunto de questões (itens) que são respondidos por escrito pelo inquirido.

Ao que respeita à estrutura formal do questionário (**Apêndice II**), o mesmo foi organizado da seguinte forma:

- Indique os colegas do seu grupo de formação com os quais se sente mais à vontade para **relacionamentos informais** (para além do espaço da formação)?
- No seu grupo de formação, qual o colega que reconhece como o **elemento mais influente na dinâmica do grupo**?
- Quando tem **dúvidas sobre as matérias**, a quem recorre, para além do formador (outros colegas)?
- No seu **grupo de formação**, qual o colega (ou colegas) que reconhece como líder do grupo?

Desta forma, o primeiro grupo de perguntas do questionário refere-se aos dados biográficos dos formandos participantes, mais concretamente: nome; sexo; idade; residência; habilitações literárias, situação face ao emprego (desempregado à procura de novo emprego, não estando a beneficiar de subsídio de desemprego e desempregado à procura de novo emprego, estando a beneficiar subsídio de desemprego); ação de formação e modalidade a frequentar.

O segundo grupo de perguntas do questionário refere-se aos dados caracterizadores da interação dos atores do grupo de formação profissional.

Na **primeira etapa**, o questionário foi aplicado, onde foi considerado todos os formandos da turma de *Técnico de Informática de Sistemas – EFA Tecnológico*, todos os formandos da turma de *Cuidados e Estética do Cabelo – EFA B3* e todos os formandos da turma de *Serralheiro Civil – EFA B3*.

O inquérito por questionário foi realizado no referido Centro Formação Profissional de Évora no dia 6 de março de 2012.

Para o preenchimento adotou-se a modalidade de autopreenchimento³¹, sem qualquer influência externa, não houve recusas ao preenchimento dos questionários. Os inquéritos por questionário foram entregues aos formandos de cada turma, foi possível entregar individualmente os inquéritos por questionário,

³¹ " «de administração direta» quando é o próprio inquirido que o preenche". (Quivy & Campenhoudt, 1992:190).

porque todos os formandos estavam presentes, permitido assim facultar todos os esclarecimentos necessários ao preenchimento do referido questionário.

Sendo ainda importante referir que o anonimato da informação a recolher dos inquiridos por questionário revelou-se importante no sentido em que estes poderiam despoletar aspetos polémicos resultantes de diferentes visões do estudo.

As técnicas de investigação documentais (recolha e análise bibliográfica, recolha e análise documental e recolha e análise de conteúdo) revelaram-se importantes para o enquadramento teórico e para a construção do inquérito por questionário.

Na **segunda etapa**, o questionário foi aplicado, nas referidas turmas no dia 24 de abril de 2012, no período da tarde.

Pois, com o questionário sociométrico pretendeu-se fundamentalmente obter dados de carácter relacional e que permitissem traçar a configuração da rede de atores, recursos e atividade, de forma a dar resposta ao esquema metodológico delimitado para esta investigação, naturalmente este estudo centra-se fundamentalmente as ligações existentes entre os diversos atores.

Como descreve Lemieux & Ouimet (2004:74), sendo a sociometria criada por Moreno na década dos anos 30, a sociometria tem particular interesse pelas afinidades, pelas indiferenças, pelas atrações e pelas repulsões entre os indivíduos. Ainda na linha de pensamento destes autores para Parlebas (1992:23-24) define a sociometria como sendo " «o estudo, tão métrico quanto clínico, das relações afetivas e das relações de influência no seio dos grupos ou das comunidades» ".

2.5.2 ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

Pode-se definir entrevista como sendo uma conversa entre o investigador e o entrevistado numa relação que se estabelece face a face, com o propósito de se obter informações sobre o tema em estudo, face ao exposto, como refere Carmo & Ferreira (1998:126), " em termos globais o objetivo de qualquer entrevista é abrir a área livre dos dois interlocutores no que respeita à matéria da entrevista, reduzindo, por consequência, a área secreta do entrevistado e a área cega do entrevistador".

Nesta investigação as entrevistas semi-estruturadas serão aplicadas a formadores e a técnicos que estão a intervir no processo formativo em causa como forma de consolidar o conhecimento etnográfico das redes em estudo. Foram selecionadas estes atores, porque era indispensável à posição que ocupavam nos diferentes processos formativos, tinham uma perceção de estratégica sobre a interação que se estabeleciam entre os vários elementos na rede.

Na perspetiva de Arco citando Richardson, Peres, Correia, Peres e Wanderley (1989); Gautier (2003) e Fotin et al (2009), " a entrevista semi - dirigida ou semi - estruturada constitui uma técnica de colheita de dados frequentemente utilizada, quando se pretende compreender um fenómeno e também para fazer a dinâmica da co-constução do sentido que se estabelece entre o investigador e os participantes, é ainda

utilizada para complementar e triangular dados obtidos através de outras técnicas" a mesma autora ainda perfeita que "(...) no caso da ARS esta é uma técnica de eleição (...)". (Arco, 2010:152).

Os métodos da entrevista caracterizam-se por um "contacto direto entre o investigador e os seus interlocutores e por uma fraca diretividade por parte daquele. (...) a qual o interlocutor do investigador exprime as suas perceções de um acontecimento ou de uma situação, as suas interpretações ou as suas experiências, (...) através das suas perguntas abertas e das suas reações, o investigador facilita essa expressão. Evita que ela se afaste dos objetivos da investigação e permite que o interlocutor aceda a um grau máximo de autenticidade e de profundidade" (Quivy & Campenhoudt, 1992:193).

Para Fortin (199:245-246), "(...) a entrevista é um método de colheita de dados correntemente utilizado. Permite colher informações junto dos participante, relativas aos fatos, às ideias, aos comportamentos, às preferências, aos sentimentos, às expetativas e às atitudes.", (...) "é um modo particular de comunicação verbal, que se estabelece entre o investigador e os participantes com o objetivo de colher dados relativos às questões de investigação formuladas.", "(...) a entrevista preenche geralmente três funções: servir de método exploratório para examinar conceitos, relações entre as variáveis e conceber hipótese; servir de principal instrumento de medida de uma investigação; servir de complemento a outros métodos tanto para explorar resultados não esperados, como validar os resultados obtidos com outros métodos ou ainda para ir mais em profundidade".

A entrevista semi - estruturada é seguramente a mais utilizada em investigação social. É semi-estruturada, pois com o intento em que não é inteiramente aberta nem encaminhada por um grande número de perguntas precisas. Normalmente, "o investigador dispõe de uma série de perguntas – guias, relativamente abertas, a propósito das quais é imperativo receber uma informação da parte do entrevistado. Mas não colocará necessariamente todas as perguntas na ordem em que as anotou e sob a formulação prevista. Tanto quanto possível, «deixará andar» o entrevistado para que este possa falar abertamente, com as palavras que desejar e na ordem que lhe convier" (Quivy & Campenhoudt, 1992:194).

Pois este método apresenta como "principia vantagens o grau de profundidade dos elementos de análise recolhidos, e a flexibilidade e a fraca diretividade do dispositivo que permite recolher os testemunhos e as interpretações dos interlocutores, respeitando os próprios quadros de referência – a sua linguagem e as suas categorias mentais." (Quivy & Campenhoudt, 1992:195).

Contudo, Bell (2010:142) desperta para a linha da parcialidade durante a realização e análise de entrevistas, "é mais fácil reconhecer que os nossos pontos de vista podem imiscuir-se numa análise de dados do que evitar que tal aconteça". Posto isto, o investigador pode legitimar a influência que tem sobre os entrevistados e sobre a interpretação das respostas.

Ao que concerne o método das entrevistas, na investigação social, está sempre subjacente a um método de análise de conteúdo.

Ainda espelhando, durante as entrevistas trata-se de fato, de fazer surgir o máximo possível de elementos de informação e de reflexão, que servirão de materiais para uma análise sistemática de

conteúdo que possa assim corresponder, por seu lado, às exigências de explicação, de estabilidade e intersubjetividade dos processos, sendo a entrevista uma técnica de recolha de informação adequada e útil.

Como refere Arco (2010), a entrevista semi-estruturada é construída em torno de um guia de temas e questões a serem exploradas durante a entrevista, neste caso concreto o entrevistador não tem que necessariamente seguir uma ordem pré-estabelecida, introduzindo as questões apenas se o entrevistado não focar esses aspetos durante o discurso, elegeu-se a entrevista semi-estruturada devido as suas particularidades tão específicas, pois, visto a mesma conceber e permitir uma margem de liberdade ao entrevistado para falar, sendo assim mais fácil de ser conduzida pelo investigador, no que estabelece aos objetivos do estudo.

Neste estudo em concreto, como já foi referido, pretendeu-se aplicar a entrevista semi-estruturada aos formadores e a técnicos que estão a intervir no processo formativo, optou-se pela realização de entrevistas a estes profissionais que desempenhavam funções no Centro de Formação Profissional de Évora, sendo este método orientado para o objetivo definido.

No que se refere à estrutura formal do guião de entrevista (**Apêndice III**), foi estruturado da seguinte forma:

P1

- Considera que havia relações estabelecidas antes da formação?
- Dentro da sala de aula andam sempre próximos?
- Que tipo de afinidade há entre eles?
- Nos intervalos saem sempre juntos?

P2

- Havendo elementos mais influentes no grupo de formação considera que se deve à experiência trazida antes da mesma?
- Que elemento acha que tem mais disponibilidade na entreaajuda/partilha enquanto grupo?
- Considera que existe elementos que centralizam questões pertinentes, para um conhecimento geral do grupo?
- Considera que enquanto dinâmica de grupo, são devido às questões informais (sair após a formação)?

P3

- Em caso de dúvidas e recorrendo aos colegas, considera-o que o fazem pois acham que é o mais responsável (cumpre horários, não falta à formação, obedece às ordens do formador)?
- Em caso de dúvidas e recorrendo aos colegas, considera-o que o fazem pois acham que é o mais participativo e com sentido de iniciativa?
- Em caso de dúvidas e recorrendo aos colegas, considera-o que o fazem pois acham que é o que tem mais capacidades de aprendizagem e é empenhado?

- Em caso de dúvidas e recorrendo aos colegas, considera-o que o fazem pois acham que é o mais velho pertence à mesma localidade ou são devido às questões informais (sair após a formação)?

P4

- Considera que neste grupo de formação ser líder é ser o mais participativo e ter espírito de iniciativa?
- Considera que o elemento líder do grupo é o que manifesta a sua opinião, seus próprios pontos de vista?
- Considera que neste grupo de formação o líder é o elemento apaziguador ou conflituoso?
- Considera que neste grupo ser líder é o elemento que estabelece melhor as questões informais (sair após a formação)?

Ao que respeita à preparação dos entrevistados no ato da entrevista deve-se, normalmente, contactá-los oportunamente para que possamos garantir a sua disponibilidade.

Sendo de extrema importância reiterar, sendo este a **terceira etapa da investigação**, esta recolheu, através de interrogatório aos informantes, dados para a pesquisa (abordagem qualitativa), pois, perante tal fato a informação foi analisada com base na afluência das respostas, as entrevistas foram realizadas por escrito, no dia 30 de abril de 2012 ao formador da turma de Serralheiro Civil – EFA B3, dia 2 de maio de 2012 ao formador da turma de Cuidados e Estética do Cabelo – EFA B3 e por último no dia 8 de maio ao formador da turma de Técnico de Informática de Sistemas – EFA Tecnológico.

“o interveniente não dá a sua opinião, não avalia, não faz sugestões, não vinca um interesse particular por determinadas afirmações do seu interlocutor, evitando ao mesmo tempo parecer indiferente”. (Albarelo *et al*, 1997:100).

A entrevista foi realizada pela investigadora, no próprio Centro Formação Profissional cito em Évora, não havendo contato prévio entre a investigadora e os entrevistados, de forma que não influenciou as respostas dadas, e também de modo a conseguir uma análise continuada dos tópicos da investigação e os dados recolhidos, o que proporcionou ao investigador retirar vantagens de situações não esperadas e desenvolver procedimentos contra potenciais enviesamentos.

“deve manter as distancias relativamente às suas próprias perceções, afim de poder captar universos de pensamentos muito afastados do seu”. (Albarelo *et al*, 1997:100).

A todos os entrevistados foi garantida a confidencialidade no processo de tratamento dos dados e na sua apresentação.

Relativamente às condições sociais procurou-se que a relação entre entrevistador/entrevistado, fosse de empatia e total disponibilidade por parte dos entrevistados, a questão do espaço-temporal também foi considerada, na medida que se procurou sempre locais mais agradáveis e escolhidos pelos entrevistados, que foram nas respetivas salas de formação, aquando da realização do intervalo das formações a decorrer, para que pudessem estar sozinhos, para facilitação da comunicação e poder-se,

assim, adequar a duração da mesma ao seu contexto, no que diz respeito à investigação também foi devidamente acautelada, porque os entrevistados foram claramente informados sobre o objetivo do estudo, as suas vantagens, independentemente da confidencialidade dos dados.

"Nos estudos qualitativos interroga-se um número limitado de pessoas, pelo que a questão da representatividade, no sentido estatístico do termo, não se coloca. O critério que determina o valor da amostra passa a ser a adequação aos objetivos da investigação, tomando como princípio a diversificação das pessoas interrogadas e garantindo que nenhuma situação importante foi esquecida. Nesta ótica, os indivíduos não são escolhidos em função da importância numérica da categoria que representam, mas antes devido ao seu caráter exemplar". (Albarelo et al, 1997:103), nesta investigação em concreto, como foco central e particularidade substancial, o inquérito por entrevista, os elementos que foram selecionadas foram por serem considerados importantes informadores-chave que possuem informações notáveis sobre o fenómeno em estudo.

Como defendem Lemieux & Ouimet (2004:47), a entrevista é utilizada aquando ainda se pretende obter mais informações que não foram possíveis de identificar através de questionários, sendo que estes autores advertem para a utilização de entrevistas antes e depois dos questionários, ainda reforçam que a entrevista permite ao investigador obter informações qualitativas sobre o funcionamento geral de um grupo ou organização.

2.5.3 ANÁLISE DE CONTEÚDO

A análise de conteúdo recai sobre mensagens tão variadas como obras literárias, artigos de jornais, documentos oficiais, programas audiovisuais, declarações políticas, atas de reuniões ou até mesmo relatórios de entrevistas semi-estruturadas.

Todavia, a análise de conteúdo é hoje uma das técnicas mais comuns na investigação empírica realizada pelas diferentes ciências humanas e sociais, segundo Bardin (2008:11), " (...) a análise de conteúdo consiste num conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais subtis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a «discursos» (conteúdos e continentes) extremamente diversificados. O fator comum destas técnicas múltiplas e multiplicadas – desde o cálculo de frequências que fornece dados cifrados, até à extração de estruturas traduzíveis em modelos – é uma hermenêutica controlada, baseada na dedução: a inferência".

No âmbito da análise de conteúdo foi utilizado enquanto procedimento de análise das entrevistas efetuadas, tanto aos formadores como técnicos da entidade formadora do Centro Formação Profissional de Évora.

As entrevistas foram sujeitas a uma análise de conteúdo que, de acordo com Bardin (2008:40), "é um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens".

A análise de conteúdo, "oferece a possibilidade de tratar forma metódica informações e testemunhos que apresentam um certo grau de profundidade e de complexidade (...) permite, quando incide sobre um material rico e penetrante, satisfazer harmoniosamente as exigências do rigor metodológico e da profundidade inventiva, que nem sempre são facilmente conciliáveis". (Quivy & Campenhoudt, 1992: 224-225).

Face ao exposto, como já tinha sido referenciado, sendo os dados qualitativos resultante das entrevistas, serão analisadas através dos procedimentos de análise de conteúdo, "os métodos complementares são métodos de recolha de dados qualitativos e, portanto, situam-se normalmente a montante da análise de conteúdo, que incidirá sobre as informações reunidas. Os mais frequentemente associados à análise de conteúdo são: Sobretudo: entrevistas pouco diretivas, cujos elementos de informação se prestam particularmente bem a um tratamento através da análise da enunciação (que desmontará a sua dinâmica) e da análise estrutural." (Quivy & Campenhoudt, 1992:229).

Ainda segundo Guerra, "a análise de conteúdo é uma técnica e não um método, utilizando o procedimento normal de investigação - a saber, o confronto entre um quadro de referência do investigador e o material empírico recolhido. Neste sentido, a análise de conteúdo tem uma dimensão descritiva que visa dar conta do que nos foi narrado e uma dimensão interpretativa que decorre das interrogações do analista face a um objeto de estudo, com recurso a um sistema de conceitos teórico-analíticos cuja articulação permite formular as regras de inferência" (Guerra, 2008:62).

Como refere Fialho (2008), no processo de análise de conteúdo propriamente dito, primeiramente é necessário proceder ao desmembramento dos textos, isto é, fazer uma leitura cuidada das respostas dos inquiridos de forma a descodificar as ideias gerais e os conceitos predominantes.

2.5.4 ANÁLISE DOCUMENTAL

Ao que concerne às técnicas da análise documental tem-se mantido de uma forma circunspeta no campo científico de uma investigação, nomeadamente, na área das ciências sociais.

Conforme expressa Lemieux & Ouimet (2004), na análise documental os dados relacionais podem na maioria das vezes ser examinados consultando documentos.

Numa investigação sobressai a análise documental como sendo "visa o acesso às fontes pertinentes, escritas ou não, e, a esse título, faz parte integrante da heurística da investigação. Abre muitas vezes a via à utilização de outras técnicas de investigação, com as quais mantém regularmente uma relação complementar (observação, inquérito, análise de conteúdo, investigação-ação), e, assim chega, por vezes a criar material empírico novo". (Albarelo et al, 1997:30).

De acordo com Bardin (2008:47), a análise documental pode ser definida como, "«uma operação ou um conjunto de operações visando representar o conteúdo de um documento sob uma forma diferente da original, a fim de facilitar, num estado ulterior, a sua consulta e referência»".

Importa ainda reiterar que "fala-se de pesquisa bibliográfica quando se trata de descobrir textos (livros, artigos, documentos) sem omitir uma referência essencial, mas sem se deixar submergir pelo que não tem interesse" (Albarelo *et al*, 1997:32).

Ainda assim, tem-se como pesquisa bibliográfica, sendo a mesma desenvolvida com base em material já elaborado, composto por livros e artigos científicos, normalmente as fontes bibliográficas são em grande número e podem ser livros de leitura corrente ou livros de referência, publicações periódicas como os jornais e revistas, ressalva-se aqui, que os livros são considerados fontes bibliográficas com muita sublimidade.

Porém, nas publicações periódicas, como já foi referido como sendo revistas e jornais, as mesmas cada vez mais representam uma das maiores fontes bibliográficas, sem negligenciar que a matéria das revistas é mais profunda e bem elaborada.

Pois ainda, ao que concerne à natureza dos documentos existe as fontes primárias e as fontes secundárias, as primeiras dizem respeito aos documentos que vão aparecendo ao longo da nossa investigação, segundo Bell (1993:91), "as fontes primárias são aquelas que surgem durante o período da investigação", em relação às segundas dizem respeito às interpretações feitas acerca do fenómeno que se está a estudar, de acordo com Bell (1993:91), " as fontes secundárias são as interpretações dos acontecimentos desse período baseadas nas fontes primárias".

Na maioria das vezes o investigador procede à seleção dos documentos de uma forma muito rigorosa e até mesmo disciplinada, visto o fator tempo ser uma limitação, uma vez que nesta dissertação o período de tempo é muito reduzido, tendo assim, adotado por selecionar o que seria mais pertinente para o seu estudo em particular, pois assim, Bell (1993:93) advoga que, " a quantidade de material documental que pode estudar depende inevitavelmente do tempo que dispõe para esta etapa da sua investigação".

Em suma, um dos principais objetivos do investigador, é proceder à seleção dos documentos de uma forma criteriosa e que vá ao encontro do seu estudo, sem esquecer que a análise documental poderá apenas servir para complementar a informação obtida por outros métodos ou ainda pode apresentar-se como uma técnica de recolha de dados de pesquisa central.

2.6 ANÁLISE DE DADOS

Como alicerça Arco (2010) "o objetivo de uma investigação é encontrar resposta para as perguntas de partida, o investigador procura informações que o orientam no sentido da resolução dessas questões, socorre-se da análise, para poder interpretar essas informações e chegar a uma resposta final."

Neste subcapítulo, primaz mencionar que na análise de dados desta investigação, de acordo com Fialho citando Bogdan e Biklen reportam-se à análise de dados como, " o processo de busca e de organização sistemático de transcrições de entrevistas, de notas de campo e outros materiais que foram sendo acumulados, com o objetivo de aumentar a sua própria compreensão e de lhe permitir apresentar aos outros aquilo que encontrou" (Fialho citando Bogdan e Biklen, 2008:177).

Nesta investigação em particular os dados obedecem ao seguinte tratamento, com o principal propósito de percorrer o caminho na procura de respostas:

- I. **Questionários sociométrico:** análise quantitativa com tratamento dos dados através do programa *Ucinet 6.18*³² e visualização na aplicação *Netdraw*³³.
- II. **Entrevistas:** Análise de conteúdo (análise qualitativa) e análise documental.

Para finalizar, no tratamento dos dados dos questionários sociométricos foi utilizado o programa *Ucinet* versão 6.18, que funciona em ambiente Windows, e *Netdraw* disponível em <http://www.analytictech.com/ucinet.htm>.

Como refere Fritz (2010), "este programa, desenvolvido por Steve Borgatti, Martin Everett e Lin Freeman, é distribuído por Analytic Technologies, trabalha diretamente com o programa NETDRAW versão 2.28 para visualização de redes (instala-se automaticamente com o programa UCINET)" (Fritz,2010:57).

Por sua vez, o programa *Ucinet* versão 6.18 é analisado como sendo um dos programas de tratamento e análise de dados mais eficaz na Análise de Redes Sociais e uma ferramenta indispensável ao que concerne para os principiantes em análise de redes.

Como advertem Lemieux & Ouimet (2004), o programa de desenho da Netdraw, permite desenhar um grafo automaticamente, sendo este processo útil quando se tem de desenhar um grafo que contém um número elevado de atores.

Nesta investigação para a análise da rede em contexto de formação profissional, para além da análise das matrizes e grafos correspondentes às relações estabelecidas entre os elementos a rede, foram consideradas as seguintes medidas: tamanho e número de laços, densidade, centralização, centralidade (grau, intermediação, proximidade), entre os diversos atores intervenientes.

³² "O UCINET possibilita a visualização da estrutura da rede através de Cluster, técnica esta que será aplicada na análise de dados. A análise de cluster, também conhecida por análise de conglomerados, assenta num conjunto de técnicas estatísticas cujo principal objetivo é agrupar objetos segundo as suas características, concebendo grupos homogêneos. Os objetivos em cada conglomerado tendem a ser semelhantes entre si, porém diferentes dos restantes conglomerados. Os conglomerados obtidos devem apresentar uma homogeneidade interna, bem como uma grande heterogeneidade externa. Em suma a análise de cluster procura agrupar os elementos tendo por base a similaridade entre eles." (Fialho, 2008:177).

S.P Borgatti, M G.Everett e L. C. Freeman, 2002, *UCINET for Windows: Software for Social Network Analysis*, Natick : Analytic Technologies. Para fazer o download de uma versão de avaliação ou ainda para comprar a última versão do programa de uma versão de avaliação ou ainda para comprar a última versão do programa, consultar, na Internet, o site da companhia Analytic Technologies cujo endereço eletrónico é o seguinte: <http://analytictech.com>. (Lemieux & Ouimet, 2004:39).

³³ Para mais informações sobre os programas Krackplot e Netdraw, consultar, na internet, o site da companhia Analytic Technologies cujo endereço electrónico é o seguinte: <http://analytictech.com>. (Lemieux & Ouimet, 2004:38).

3. ANÁLISE E TRATAMENTOS DE DADOS

Neste capítulo apresentam-se os resultados decorrentes das opiniões e percepção de cada um dos atores que se inserem na rede de interação em grupo de formação que se disponibilizaram para participar neste estudo.

Pretendeu-se assim com os questionários sociométricos recolhidos caracterizar as redes dinâmicas em contexto de formação profissional no Centro de Formação e Emprego de Évora, na vertente quantitativa deste estudo.

Por outro lado, através das entrevistas aos formadores aprofundou-se de uma forma sucinta o estudo em questão, sendo esta a variante qualitativa deste estudo.

Com efeito, os resultados assentam nomeadamente na identificação de elementos enquanto atores para relacionamentos informais, na vertente de caracterizar qual o ator mais influente na dinâmica de grupo, pretender ainda identificar quando persistem dúvidas sobre a matéria a quem recorrem para além do formador e por último enquanto grupo de formação, se reconhece algum elemento como líder do grupo.

Os mesmos pretendem dar resposta aos objetos propostos para esta dissertação.

Assim, de forma a uma melhor organização e compreensão dos resultados este capítulo será subdividido nos seguintes pontos, começando pela turma da Serralharia Civil – EFA B3, de seguida a turma Cuidados e Estética do Cabelo – EFA B3 e por último a turma de Técnico de Informática de Sistemas – EFA Tecnológico, conforme decorreu no processo das entrevistas.

- Caracterização dos Inquiridos;
- Relações Informais na Rede;
- Dinâmica de Influência na Rede;
- Apoio aos Conteúdos de Aprendizagem;
- Liderança na Rede.

3.1 AÇÃO DE FORMAÇÃO SERRALHARIA CIVIL

3.1.1 CARATERIZAÇÃO DOS INQUIRIDOS

O quadro seguinte traça o perfil dos inquiridos, num total de 15 formandos (turma do sexo masculino). O grupo é constituído por adultos não têm o 3º Ciclo completo e que se encontram a frequentar uma ação de formação de dupla certificação. Todos eles já tiveram uma passagem pelo mercado de trabalho (são todos desempregados à procura de novo emprego).

Quadro 1 - Caracterização dos Inquiridos - Ação de Formação Serralharia Civil

SERRALHARIA CIVIL	ANO DE NASCIMENTO	ESCOLARIDADE	RESIDÊNCIA	SITUAÇÃO FACE AO EMPREGO
S1	1970	Freq. 7.º Ano	Évora	Novo Emprego
S2	1993	8.º Ano	Évora	Novo Emprego
S3	1957	6.º Ano	Évora	Novo Emprego
S4	1956	6.º Ano	Évora	Novo Emprego
S5	1966	6.º Ano	S. Bento Ameixial	Novo Emprego
S6	1992	6.º Ano	Vimieiro	Novo Emprego
S7	1985	6.º Ano	Évora	Novo Emprego
S8	1965	6.º Ano	Igrejinha	Novo Emprego
S9	1988	6.º Ano	Évora	Novo Emprego
S10	1959	6.º Ano	Évora	Novo Emprego
S11	1977	6.º Ano	Estremoz	Novo Emprego
S12	1979	6.º Ano	Estremoz	Novo Emprego
S13	1985	6.º Ano	Évora	Novo Emprego
S14	1966	6.º Ano	Évora	Novo Emprego
S15	1990	6.º Ano	Évora	Novo Emprego

Fonte: Centro Formação Profissional de Évora

De acordo com o Quadro 1, como já foi supracitado anteriormente, sendo uma turma género masculino, todos os elementos são de nacionalidade Portuguesa, residentes no Distrito de Évora, mais precisamente em algumas localidades próximas da referida cidade, mais concretamente, passamos a designar: São Bento do Ameixial, Vimieiro, Igrejinha e Estremoz, ao que concerne ao ano de escolaridade dos inquiridos, 13 elementos tem o 6.º ano, embora importa referir que um dos inquiridos tem o 7.º ano e por último um elemento com o 8.º ano, os mesmos tem idades compreendidas entre os 18 anos e os 55 anos de idade.

No que designa situação face ao emprego, todos os elementos estão em situação de “*Novo Emprego*”. Depois desta breve exposição, ainda salientamos que a formação encontra-se a decorrer entre o período de 13 de fevereiro de 2012 a 08 de maio de 2013, com o total de 2035 horas.

3.1.2 RELAÇÕES INFORMAIS NA REDE

Neste subcapítulo, com base nas respostas dadas pelos inquiridos, foram identificados os vários elementos que os mesmos identificam como pertencentes à rede. Por sua vez, após a enumeração dos atores foram identificados os atores com quem se sentem mais à vontade para relacionamentos informais para além do espaço de formação.

Assim, a tabela seguinte apresenta, que ao nível da densidade da rede, houve densidade do grupo, sendo perceptível desde a 1.ª etapa da aplicação do questionário sociométrico até à 2.ª etapa da aplicação do questionário sociométrico.

O mesmo pode observar-se num excerto de resposta seguinte:

“Sim, andam próximos. Quase de certeza que o elemento (S3) tinha um relacionamento de anos, trabalharam juntos, com o elemento (S10), trabalharam na firma CUOP. Já vi o elemento (S14) sair com o elemento (S12), para fora das instalações do Centro. Não tenho reparado muito nessas situações, mas também já vi o elemento (S1) com os elementos (S5 e S3). O elemento (S4) está hospitalizado. Aqui neste caso específico existe grupos e subgrupos. Percebi que o elemento (S8) inicialmente estava mais afastado do grupo mas não entendi as razões.” (Formador S; P1).

Como se pode verificar pelos dados apresentados, a densidade passou de 0,157 para 0,233 demonstrando assim que a densidade da rede sofreu metamorfoses desde a sua 1.ª etapa da aplicação dos questionários para a 2.ª etapa.

Tabela 1 - Densidade da rede

P1	ETAPA 1			ETAPA 2		
	Density	No of Ties	Avg Degree	Density	No of Ties	Avg Degree
Serralharia Civil	0,157	33,000	2,200	0,233	49,000	3,267

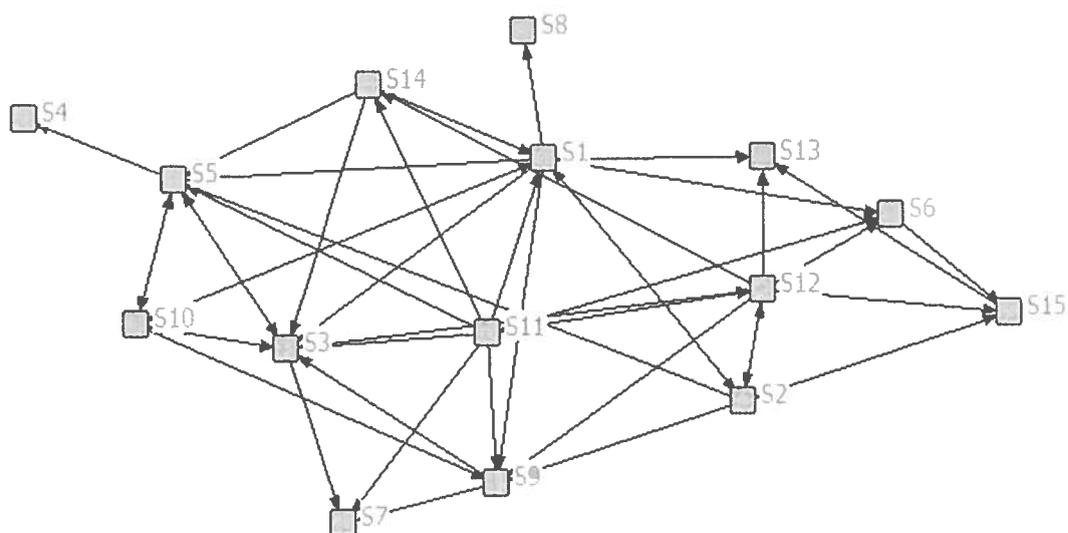
Fonte: Questionário Sociométrico

Conforme apresenta a tabela 1, aqui neste caso em particular é lícito afirmar que o grupo cresceu em coesão de forma significativa, uma vez que os elementos andavam próximos.

Com efeito, e pela leitura da tabela, fica bem evidente que há por parte dum número significativo de elementos, uma maior proximidade, sendo sustentada na partilha de informação e troca de experiências, estas interações eram também influenciadas pela experiência profissional já trazidas por uma grande maioria dos elementos do referido grupo de formação.

Também pela visualização do grafo se constata uma forte coesão do grupo, havendo assim uma grande proximidade entre todos os elementos do grupo.

Figura 17 – Grafo relações informais na rede



Fonte: Questionário Sociométrico

Na leitura do Grafo, (Fig. 17), e análise da matriz que o sustenta, verifica que houve uma densidade preeminente na rede, ainda podemos visualizar conforme entrevista do formador que o elemento (S4) apresenta-se um pouco mais afastado da rede, uma vez que encontra-se hospitalizado.

Recorrentemente, ainda ao que se refere na referida turma, a tabela seguinte apresenta, ao nível do Grau de Centralidade, na linha de pensamento de Arco (2010), “também Hanneman (2000) alude que o poder está intimamente relacionado com a centralidade dos atores na rede, ora se o poder está também ele inscrito na articulação entre o formal e o informal, mobilizado na ação pela margem de liberdade que esses mesmos atores detém, a ARS contribui de forma significativa para a compreensão do poder na articulação da rede formal e informal” (Arco,2010:203), na fase da 1.ª etapa da aplicação do questionário sociométrico, surgiram dois elementos (S10 e S13) que obtiveram o maior (*OutDegree*), contudo o elemento (S5) apresenta o maior (*InDegree*), aquando da 2.ª etapa da aplicação do questionário sociométrico, com estes indicadores pode-se inferir que elementos que apresentavam valores mais expressivos no início, já não apresentavam o mesmo posicionamento aquando da aplicação 2.ª etapa do questionário, sendo esta a medida que calcula o número de atores aos quais um ator se encontra diretamente ligado, confirmando-se assim a tese que de alguns atores privilegiados, neste caso em particular o elemento (S1) no grau de centralidade de saída e no grau de centralidade de entrada.

Tabela 2 - Degree centralidade

P1	ETAPA 1		ETAPA 2			
		OutDegree	InDegree		OutDegree	InDegree
Serralharia Civil	S10	4,000	2,000	S1	9,000	4,000
	S13	4,000	1,000	S12	8,000	3,000
	S15	3,000	2,000	S11	8,000	1,000
	S5	3,000	3,000	S2	5,000	3,000

Fonte: Questionário Sociométrico

Após análise desta medida de centralidade, destacou-se que o elemento (S1), como sendo o que mais estimula a comunicação na rede.

Assim, como se pode observar na tabela acima, é lícito afirmar que houve uma metamorfose na centralidade da rede ao nível dos indicadores (*OutDegree*) e (*InDegree*), com o grau de entrada, neste caso específico, houve 9 nós de interações com o ator (S1), assim sendo, este ator com o grau de saída interage com 4 elementos.

Por fim e não menos importante, verificamos que ao nível do índice de centralidade conforme verificamos na próxima tabela o grau de centralização de entrada e saída da rede, sendo perceptível desde 1ª etapa da aplicação do questionário sociométrico até à 2.ª etapa da aplicação do questionário sociométrico, houve um aumento bastante significativo, esta circunstância deu-se, devido à coesão e proximidade relevante do referido grupo, por sua vez, semana após semana surgem mais próximos, com espírito de entreajuda, veio a verificar-se uma vez que os questionários foram aplicados com a distância de aproximadamente de mês e meio, tal evidência, com o decorrer do processo formativo veio a confirmar-se gradualmente alguma partilha não só de informação sobre a temática que desenvolvem em sala de aula como também experiências vividas, ou na vida pessoal ou na vida profissional.

Tabela 3 - Network Centralização

P1	ETAPA 1		ETAPA 2	
	Outdegree	Indegree	Outdegree	Indegree
Serralharia Civil	13,776%	21,429%	43,878%	28,571%

Fonte: Questionário Sociométrico

Conforme revela a tabela anterior, que o grau de entrada (*InDegree*) compreende toda a soma das relações referidas com cada ator na rede, pois assim, o grau de saída (*OutDegree*), como sendo a soma das relações que cada ator referiu ter com os restantes na rede, neste caso em particular o (*InDegree*) passou de 21,429% para 28,571%, o (*OutDegree*) passou de 13,776% para 43,878%, quer isto dizer, conforme afirmam Alejandro & Norman (2005), sendo a centralização " (...) na qual um ator exerce um

papel claramente central ao estar altamente conectado à rede", contudo verificamos que a centralização da saída da rede é alta 43,878%, na ótica da centralidade dos atores, podemos proferir que existe alguma partilha dos atores na rede.

Por outro lado também, ainda importa referir quanto à centralização de entrada, o valor é mais baixo com 28,571%.

3.1.3 DINÂMICA DE INFLUÊNCIA NA REDE

Neste subcapítulo, com base nas respostas dadas pelos inquiridos, foram identificados os vários elementos que os mesmos identificam como pertencentes à rede. Por sua vez, após a enumeração dos atores foram identificados os atores que reconhecem como sendo o elemento mais influente na dinâmica de grupo.

Assim, a tabela seguinte apresenta, que ao nível do Grau de Proximidade da rede, surgiram metamorfoses no grupo, sendo perceptível desde 1.^a etapa da aplicação do questionário sociométrico até à 2.^a etapa da aplicação do questionário sociométrico.

Tabela 4 - Closeness Centralidade

P2	ETAPA 1			ETAPA 2		
		inCloseness	outCloseness		inCloseness	outCloseness
Serralharia Civil	S13	23,333	6,667	S7	17,722	6,667
	S6	22,222	7,143	S3	9,091	7,692
	S9	8,235	7,650	S5	8,917	7,650
	S12	7,692	8,187	S12	8,235	7,143

Fonte: Questionário Sociométrico

Relativamente, ao que se refere na referida turma, a tabela 4 apresenta, que ao nível do Grau de Proximidade, sendo esta medida a proximidade entre os diversos atores na rede, com a particularidade de cada um deles tem até conseguir chegar a todos os outros, verificamos que na segunda etapa da aplicação do questionário o elemento (S7), com a proximidade de entrada de 17,722, de acordo com Arco (2010:209) "não menos importante será a caracterização da proximidade entre os diversos atores, através da capacidade que cada um deles tem para chegar a todos os outros. Esta medida (Closeness) é calculada com base na proximidade de entrada e de saída e é sustentada nas distâncias geodésicas que se verificam entre os atores."

Verificamos que na primeira etapa o elemento (S13) destacava-se revelando assim uma proximidade de entrada de 23,333 conforme já foi mencionado na 2.^a etapa destaca-se o elemento (S7), posto isto, confirmou-se que eventualmente o elemento (S7), começou posteriormente a interligar-se mais aos restantes nós, e o elemento (S13) perdendo alguma relevância perante o grupo, pode-se ter começado a fechar mais, a não querer partilhar alguma informação que detinha ou mesmo ser de caráter pessoal.

Conforme tabela abaixo, relativamente à importância de um determinado ator na rede, é o grau de intermediação (*Betweenness*) o principal enfoque desta medida prende-se, quando um ator é intermediário de outros e sendo designado o mediador da rede, com a perspetivação de diagnosticar quem confere a comunicação na rede.

Conforme alude Arco (2010:207), “outra medida que nos ajuda a considerar a importância de um ator na rede é o grau de intermediação (*Betweenness*), esta medida indica-nos quando um ator é intermediário de outros é muitas vezes chamado de *ator ponte*, a sua determinação torna-se importante para diagnosticar quem controla a comunicação na rede” (Arco citando Alejandro e Norman (2005); Queiroga et al., (2005)).

Neste caso em particular destaca-se o elemento (S3), dependem dele para se interligar com outros, como já foi referenciado na entrevista deve-se à posição de experiência profissional do respetivo elemento, mas não só devemos destacar a experiência profissional como resolução, mas também a experiência de vida, devido também a ser um elemento com mais idade.

O mesmo pode observar-se num excerto de resposta seguinte:

“ Uma das hipóteses aqui neste caso, poderá ser a experiência profissional entre o grupo granjeando mais por simpatia entre A ou B.

Ao nível da disponibilidade e entreajuda, penso que seja o elemento (S3), por ser o indivíduo mais velho e também me parece ser o mais experiente deles todos. Quanto às questões pertinentes, por acaso já me deparei com uma situação dessas, uma ou duas vezes, pois o elemento (S5), ele seria propriamente o indivíduos que coloca mais questões. Eu costumo dividi-los, nunca organizo grupos da mesma forma, devido à minha experiência profissional como empresário, faço rotatividade no grupo para não criar grandes vícios.

Os elemento mais afastados do grupo são o (S8 e S12), estes sempre foram os elementos que se colocam mais aparte do grupo.

Os mais dinâmicos deste grupo são sem sombra de dúvidas os elementos (S3 e S15) mas também incluía ai nesse grupo o elemento (S5).” (Formador S;P2).

A tabela seguinte espelha o nível de influência na rede, apresenta alguns elementos sobre a intermediação dos atores que funcionam numa lógica de “ponte” na rede. Inicialmente seria o elemento (S6), porém na segunda etapa dos questionários passou a ser o elemento (S3), como sendo o mais influente para a dinâmica de grupo. Este facto de o primeiro ser o elemento mais novo, com mais disponibilidade de ajudar e de adquirir novos conhecimentos, o segundo posteriormente e de forma acentuada por ser um dos elementos com mais idade e com mais experiência profissional, ser efetivamente uma pessoa mais competitiva no mundo do mercado de trabalho, uma vez que têm mais

experiência profissional, será possível que tenha uma formação na área mais consistente, o que faz deste indivíduo ter mais desempenho profissional, onde não descarta de conseguir fazer mais atividades e devido a sua idade, com alguma responsabilidade acrescida.

Tabela 5 - Freeman Betweenness

P2	ETAPA 1			ETAPA 2		
		Betweenness	nBetweenness		Betweenness	nBetweenness
Serralharia Civil	S6	11,000	6,044	S3	7,000	3,846
	S9	6,000	3,297	S15	4,000	2,198
	S12	6,000	3,297	S12	3,000	1,648
	S7	2,000	1,099	S4	0,000	0,000

Fonte: Questionário Sociométrico

De anuência com a tabela apresentada destaca-se o ator (S3) com 7,000 de (Betwenness), de acordo com Arco (2010:207), ainda faz referência que, " os atores que têm maior grau de centralidade de intermediação são também para Hanneman (2002), mais poderosos, uma vez que mais gente (...) depende deles para se conectar a outros", pois evidencia a noção de possibilidade que o mesmo tem para intermediar as comunicações entre pares de nós.

3.1.4 APOIO AOS CONTEÚDOS DE APRENDIZAGEM

Neste subcapítulo, com base nas respostas dadas pelos inquiridos, foram identificados os vários elementos que os mesmos identificam como pertencentes à rede. Como se pode analisar, após a enumeração dos atores foram identificados os atores quando tem dúvidas sobre as matérias, a quem recorrem para além do formador, quer isto dizer, qual o elemento do grupo, que recorrem com mais frequência.

Assim, a leitura da tabela seguinte apresenta, que ao nível da densidade da rede, houve densidade do grupo, sendo perceptível desde a 1.^a etapa da aplicação do questionário sociométrico até à 2.^a etapa, houve um ligeiro acréscimo de coesão, devido a terem saído elementos deste grupo de formação (rescisões de contrato). Assim constatou-se uma diminuição do número de formandos sendo sinónimos de maior coesão.

Tabela 6 - Densidade da rede

P3	ETAPA 1			ETAPA 2		
	Density	No of Ties	Avg De gree	Densit Y	No of Ties	Avg De gree
Serralharia Civil	0,081	17,000	1,133	0,090	19,000	1,267

Fonte: Questionário Sociométrico

Como se pode verificar pelos dados expostos, a densidade passou de 0,081 para 0,090 sendo considerado um grupo coeso, devido à experiência profissional de alguns elementos, não deixando de ser pertinente a experiência de vida, ou seja, serem elementos com alguma idade.

Relativamente ao Grau de Centralidade, conforme mostra a nossa tabela 7, destaca-se o grau de saída (*OutDegree*) dos elementos (S11 e S12), referente à 2.ª etapa da aplicação do questionário, onde se faz menção à soma das relações que cada elemento ou ator referiu ter com os restantes na rede.

Conforme descreve Arco (2010), "o grau de entrada (*InDegree*) que consiste na soma das relações referidas com cada ator da rede ou dito de outro modo, que cada ator recebe; o grau de saída (*OutDegree*), a soma das relações que cada ator referiu ter com os restantes da rede" (Arco citando Hannemn (2000); e Alejandro e Norman (2005), 2010:205).

No entanto ainda é de destacar que quanto ao grau de entrada, tanto o elemento (S11) como o elemento (S14), receberam poucas relações na rede.

Tabela 7 - Degree centralidade

P3	ETAPA 1			ETAPA 2		
		OutDegree	InDegree		OutDegree	InDegree
Serralharia Civil	S13	4,000	0,000	S11	3,000	0,000
	S7	3,000	4,000	S12	3,000	1,000
	S14	2,000	0,000	S3	2,000	5,000
	S11	2,000	0,000	S14	2,000	0,000

Fonte: Questionário Sociométrico

Sendo de destacar quanto ao grau de saída (*InDegree*) o elemento (S11 e S14), com o valor de 0,000, que compreende na soma das relações referidas com cada ator da rede, sendo assim este elemento não recebeu qualquer tipo de relação, perdendo assim contato com os restantes elementos do grupo.

O mesmo pode observar-se num excerto de resposta seguinte:

“Provavelmente sim. O elemento (S3) é o indivíduo que transmite à vontade e experiência e o elemento (S5) também. Pois cá está, o elemento (S3) transmite conhecimento e experiência no que está aqui a fazer. Aqui neste grupo, há idades diferentes, estados civis também são diferentes. O elemento (S3) é um indivíduo casado não tem sentido acompanhar os outros após o laboral. Aqui mais afastados do grupo faz sentido ser os elementos (S12), por uma questão de feitio, o elemento (S8) anda com problemas de saúde, fiquei a saber à algumas semanas, mas nestes casos é o feitio das pessoas.” (Formador S;P3).

Assim, a tabela abaixo reflete que houve uma percentagem de 28,571% de elementos que entraram na rede, o grau de entrada (*InDegree*) compreende toda a soma das relações referidas com cada ator na rede, sendo assim significativa a percentagem.

Tabela 8 - Network Centralização

P3	ETAPA 1		ETAPA 2	
	Outdegree	Indegree	Outdegree	Indegree
Serralharia Civil	21,939%	21,939%	13,265%	28,571%

Fonte: Questionário Sociométrico

Segundo tabela anteriormente apresentada, traduz que houve uma percentagem de 13,265% de (*Outdegree*) de 28,571% de (*Indegree*), quando da segunda aplicação do questionário, sendo perceptível, uma intensificada alteração dos índices, visto que os vários elementos do grupo, inicialmente havia ainda algum fechamento dentro da própria rede, com o decorrer do processo formativo, a dinâmica da rede veio a alterar-se, facto este já fora anteriormente abordado, devido à experiência profissional já detida e alguma formação da área que estavam a ser propostos na formação, a maioria dos elementos da rede começaram-se trocar ideias tanto de natureza profissional como de natureza pessoal.

Por último, podemos inferir na congruência da centralidade de atores, a centralização de saída da rede é baixa (13,265%), significando assim, que os atores são, comparativamente à centralidade, têm alguma conformidade, não havendo uma grande partilha entre eles.

Pois, ao que respeita à centralização de entrada, o valor sendo mais elevado, com a percentagem de (28,571%), como já tinha sido mencionado, querendo isto dizer surgem atores que centralizam a rede ao nível da receção de fluxos.

3.1.5 LIDERANÇA NA REDE

Neste subcapítulo, com base nas respostas dadas pelos inquiridos, foram identificados os vários elementos que os mesmos identificam como pertencentes à rede. Como se pode analisar, após a enumeração dos atores foram identificados o ou os atores no seu grupo de formação que reconhece como líder do grupo.

Os dados recolhidos, referente à leitura da tabela seguinte, como principal enfoque da medida de Proximidade mais concretamente (*Closeness*), prima pela caracterização da proximidade entre os diversos atores através da capacidade que cada um dele tem para conseguir chegar a todos os outros.

Por conseguinte, é lícito afirmar que sendo a medida (*Closeness*), sendo a mesma calculada com base na proximidade de entrada e de saída dos vários elementos.

O mesmo pode observar-se num excerto de resposta seguinte:

“ O líder que me disseram à cerca de duas semanas era o elemento (S6). Mas penso...que não tem capacidade nem perfil. O elemento (S6) líder só se for pela disponibilidade. Se bem que o elemento (S6) é um individuo que presta empenho, apesar de ser novo de idade e ser inexperiente, pois, ele é um individuo que não é conflituoso, de forma nenhuma. Aqui neste grupo não existe elementos conflituosos.

O elemento líder neste grupo provavelmente será o (S6), só se for porque tem mais disponibilidade sair após a formação. Como líder do grupo poderia ser o (S9), por ser um individuo simples, agradável de lidar e têm espirito aberto, mas para mim líder deste grupo seria os elementos (S3 e S5). ”
(Formador S;P4).

No cômputo geral, o elemento (S7) surge destacado de todos os outros, preferindo assim uma proximidade de entrada logo de seguida com os elementos (S6 e S3).

Tabela 9 - Closeness Centralidade

P4	ETAPA 1			ETAPA 2		
		inCloseness	outCloseness		inCloseness	outCloseness
Serralharia Civil	S9	20,588	6,667	S7	16,092	6,667
	S2	11,382	6,667	S6	15,730	8,861
	S7	10,687	7,692	S3	15,217	8,974
	S6	10,000	8,235	S4	14,737	6,667

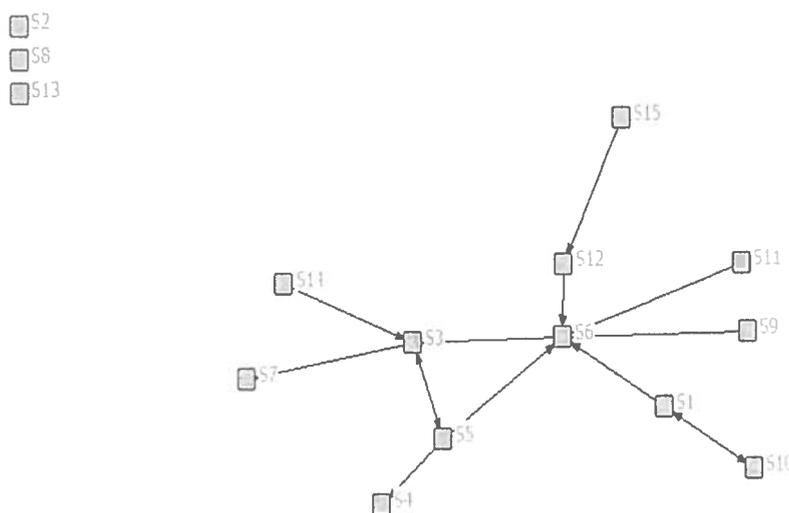
Fonte: Questionário Sociométrico

Pode-se verificar como (inCloseness), ou seja entrada de proximidade na rede na 2.ª etapa da aplicação dos questionários foi de 16,092 e da saída de proximidade de 6,667, sendo que o valor na entrada de proximidade varia entre 16,092 e 14,737, como saída de proximidade varia entre 6,667 e 8,974, implica referir, que o grau de entrada como referência principal, valorizando assim o grau de entrada, conforme mostra tabela.

Neste caso particular, o nó (S6) ganhou estatuto dentro da rede, visto ser o elemento mais novo dentro da rede, com a capacidade de enfrentar novos desafios que possam vir a surgir no campo profissional, efetivamente, o mesmo ter a capacidade de pretender valorizar mais as suas competências a nível formativo e profissional.

Pela leitura do grafo exposto, evidência de forma clara e óbvia quais os elementos que se encontram na liderança da rede.

Figura 18 – Grafo liderança na rede



Fonte: Questionário Sociométrico

Na leitura do Grafo, (Fig. 18), e análise da matriz que o sustenta, verifica que os elementos (S6, S3 e S5) estão como os líderes neste grupo de formação.

A tabela a seguir apresentada evidência uma significativa alteração quanto ao que se refere à medida do Grau de Intermediação (*Betweenness*), uma vez que a mesma explana quando um ator é intermediário na rede, mostra-nos a possibilidade de um determinado ator tem para intermediar as comunicações dentro da própria rede.

Tabela 10 - Freeman Betweenness

P4	ETAPA 1		ETAPA 2			
		Betweenness	nBetweenness		Betweenness	nBetweenness
Serralharia Civil	S6	15,000	8,242	S3	26,000	14,286
	S7	12,000	6,593	S6	24,000	13,187
	S3	1,000	0,549	S5	11,000	6,044
	S2	0,000	0,000	S1	5,000	2,747

Fonte: Questionário Sociométrico

Constatou-se que na 1.^a etapa da aplicação do questionário o elemento (S2), apresentou o grau de 0,000, sem querermos de imediato dar resposta, o mesmo significa que não apresentou nenhuma função de intermediação na rede, visto isto, o mesmo recebe informação, é procurado, mas não dissemina e assumindo um posicionamento de buraco estrutural, visto ser um ator mais reservado do grupo no início da formação.

3.2 AÇÃO DE FORMAÇÃO CUIDADOS E ESTÉTICA DO CABELO

3.2.1 CARATERIZAÇÃO DOS INQUIRIDOS

O quadro seguinte pretende enumerar os inquiridos, num total de 16 (turma do sexo feminino), bem como fazer uma breve caracterização dos mesmos, nomeadamente ano de nascimento, escolaridade, residência e situação face ao emprego.

Quadro 2 - Caracterização dos Inquiridos - Ação Formação Cuidados e Estética do Cabelo

CUIDADOS E ESTÉTICA DO CABELO	ANO DE NASCIMENTO	ESCOLARIDADE	RESIDÊNCIA	SITUAÇÃO FACE AO EMPREGO
E1	1993	Freq. 9.º Ano	Évora	Novo Emprego
E2	1977	6.º Ano	Arraiolos	Novo Emprego
E3	1982	6.º Ano	Évora	Novo Emprego
E4	1991	Freq. 9.º Ano	Évora	1.º Emprego
E5	1979	6.º Ano	Évora	Novo Emprego
E6	1986	Freq. 8.º Ano	Évora	1.º Emprego
E7	1966	9.º Ano	Arraiolos	Novo Emprego
E8	1985	11.º Ano	Évora	Novo Emprego
E9	1980	6.º Ano	Évora	Novo Emprego
E10	1986	12.º Ano	Aguiar	Novo Emprego
E11	1964	6.º Ano	Évora	Novo Emprego
E12	1981	6.º Ano	Évora	Novo Emprego
E13	1981	6.º Ano	Évora	Novo Emprego

E14	1986	12.º Ano	Santo Amaro	Novo Emprego
E15	1983	6.º Ano	Casas Novas	Novo Emprego
E16	1985	6.º Ano	Évora	Novo Emprego

Fonte: Centro Formação Profissional de Évora

De acordo com o Quadro 2, como já foi referido anteriormente, sendo uma turma género feminino, para além de subsistir inquiridos de nacionalidade Portuguesa, importa referenciar que o referido grupo também sustenta elementos de nacionalidade Brasileira, residentes no Distrito de Évora, mais precisamente em algumas localidades próximas da referida cidade, mais exatamente, passo a designar: Arraiolos, Aguiar, Santo Amaro e Casa Novas, ao que respeita ao ano de escolaridade dos inquiridos, dez elementos tem o 6.º ano, persiste um inquerido que tem a frequência do 8.º ano e dois elementos que tem a frequência do 9.º ano, havendo ainda um inquirido com o 9.º ano, ainda referimos que um dos elementos tem o 11.º ano e por último existe mais dois inquiridos com o 12.º ano, os mesmos tem idades compreendidas entre os 19 anos e os 48 anos de idade, ao que respeita situação face ao emprego, havendo apenas dois elementos que é o "1.º Emprego" os restantes são considerados situação à procura "Novo Emprego".

Após este breve descrição, ainda salientamos que a formação encontra-se a decorrer entre o período de 06 de fevereiro de 2012 a 10 de maio de 2013, com o total de 2085 horas.

3.2.2 RELAÇÕES INFORMAIS NA REDE

Neste subcapítulo, com base nas respostas dadas pelos inquiridos, foram identificados os vários elementos que os mesmos identificam como pertencentes à rede. Por sua vez, após a enumeração dos atores foram identificados os atores com quem se sentem mais à vontade para relacionamentos informais (para além do espaço de formação).

Assim, a tabela seguinte apresenta, com base nas respostas dadas pelos inquiridos, uma breve diminuição da densidade da rede da 1ª etapa da aplicação dos questionários sociométricos para a 2.ª etapa.

Tabela 11 - Densidade da rede

P1	ETAPA 1			ETAPA 2		
	Density	No of Ties	Avg De gree	Density	No of Ties	Avg De gree
Cuidados e Estética do Cabelo	0,237	57,000	3,563	0,133	32,000	2,000

Fonte: Questionário Sociométrico

Como se pode observar na tabela abaixo passou de 0,237 para 0,133 de densidade da rede, passando de alta conectividade para baixa conectividade da mesma, devido a alguns elementos terem desistido, mais precisamente, E3, E5, E7, E13 e E15, mostraram uma atitude de pouco esforço, e os restantes elementos do grupo afastaram-se com alguma regularidade.

Recorrentemente, ainda se destaca que existia um elemento não se sentia integrado no grupo de formação, visto ser uma pessoa com alguma problemática de vida.

Pois ainda se evidencia que havia elementos que se afastavam do grupo, uma vez que os outros elementos os consideravam imaturos e irresponsáveis, uma vez que quem frequenta as formações no Centro de Emprego tem uma atitude mais responsável e acima de tudo com profissionalismo.

Por sua vez, nesta turma de formação permanecia também elementos que já traziam problemas de ordem pessoal, afastando-se logo e tornando-se reservadas, outro elemento também tinham uma atitude mais introvertida, devido a ser um elemento que vivia em zona rural, uma vez que tinha pouco vocabulário e pouca cultura, acabava por haver um afastamento do próprio grupo.

Por fim, também existia um elemento que não se integrava devido apenas querer dividendos do Centro de Formação, sendo pouco trabalhadora e não mostrava esforço profissional, e por outro lado, normalmente nestes grupos de formação existe elementos com postura de desistência.

Conforme tabela 12, e pela leitura da mesma na sequência dos dados recolhidos através do questionário sociométrico a mesma identifica, sendo o teste do grau de centralidade dos atores, que segundo Fialho (2008:211), "que calcula o número de atores aos quais um ator se encontra diretamente ligado, vem confirmar a tese de alguns atores privilegiados", nomeadamente o elemento (E2) e seguidamente os elementos (E12 e E10) no grau de centralidade de saída, e os elementos (E2 e E12) no grau de centralidade de entrada.

Quer isto significar que o ator que sustenta a rede no grau de saída é o elemento (E2) com o (*OutDegree*) de 7,000, constando-se que é o elemento que mais estimula a comunicação na rede, por outro lado, quadro este que se atesta também pela maior centralidade de saída com o (*InDegree*) de 5,000.

Ainda também na sequência da leitura da referida tabela, quer isto significar, no que sustenta o (*InDegree*) da rede, os atores (E2 e E12), apesar de assumirem um posicionamento mais central na rede, são os elementos que mais estrangulam a comunicação na rede.

Conforme os dados recolhidos, e na sequência da entrevista com a formadora da referida turma, a mesma referiu que o elemento (E12, E2, E11, E9, E4 e E6), tem todas as disciplinas em comum, tornando-se assim mais cúmplices, enquanto grupo.

No entanto os elementos (E8,E10,e E14), como são da formação tecnológica, só tem duas a três vezes por semana com os restantes elementos da turma, acabam por perder uma certa cumplicidade com os restantes elementos do grupo de formação, mas qualquer das formas, é inevitável explicar que são elementos que acabam por estar mais à margem de conflitos.

De registar também que na rede há elementos que assumem um papel menos fulcral, como por exemplo os elementos (E10 e E11), com o grau de saída (*OutDegree*) de 5,000 e 3,000 respetivamente.

O mesmo pode observar-se num excerto de resposta seguinte:

“ Algumas conhecem-se de vista. Não existe nenhuma relação afetiva entre elas. Aqui umas identificam-se com umas, outras com outras, Normalmente querem-se agrupar com a (E12) porque já tinha conhecimento na profissão, também querem-se agrupar com o elemento (E8), apesar de não fazer parte do grupo, mas como tem destreza manual, também a rabiscam. Por norma as mais fracas ficam sempre excluídas, mas, eu formo os grupos e troco as voltas.

É um grupo que se dá bem, têm cumplicidade, agem como um grupo, um todo, apesar de haver sempre discrepâncias entre elas neste caso, as que fumam e as que não fumam.

As que não fumam estão dentro do Pavilhão (E2, E8 e E9).

As restantes são fumadoras, sentam-se lá fora do Pavilhão, no entanto a (E7) não fuma e está sempre junta aos elementos (E6 e E4) pelo feitio e pela idade. As Brasileiras são as que não fumam. Neste grupo são diferenciadas pelas que fumam e não fumam, convivem praticamente todas, a que difere é o elemento (E8) porque tem uma religião diferente, no intervalo, convivem, mas a (E8) derivado à religião coloca-se à margem, não celebra certas festas. Os elementos (E3, E5, E7, E13, E15 e E16), já demonstraram que tem postura de pouco esforço e as outras acabaram por se afastar delas. O elemento (E1), é muito imatura, anda na conquista dos rapazes, considerada a namorada, apresenta pouco juízo, está mais afastado do grupo porque a consideram irresponsável, aqui no IEFP, normalmente tem uma postura profissional e ela comporta-se como uma menina de escola. A (E6, E1 e E4), são as miúdas cá da turma, são as mais novas e imaturas, acho que a (E3) também estava incluída. Os elementos (E8, E10 e E14), só têm 2 a 3 vezes por semana comigo perdem às vezes a cumplicidade entre elas, estão a margem a nível de conflitos são aquelas que não vem todos os dias. Existe mais conflitos naquelas que estão presentes todos os dias.

A (E15) é um elemento problemático, tem uma série de problemas. O elemento (E2) relaciona-se com toda a gente, boa relação pública, a (E12) também é comunicativa e extrovertida, conquistou pela experiência profissional, mas essencialmente relaciona-se bem.” (Formador E; P1).

Da interpretação dos dados opostos, relativamente ao grau de centralidade de entrada (InDegree), encontram-se assim dois elementos, como já foi mencionado anteriormente, que ocupam um papel que

sobressai de forma expressiva dos outros, constatou-se ser os elementos (E2 e E12), com o grau 7,000 e 6,000 respetivamente.

Tabela 12- Degree centralidade

P1	ETAPA 1		ETAPA 2			
	OutDegree	InDegree	OutDegree	InDegree		
Cuidados e Estética do Cabelo	E3	8,000	1,000	E2	7,000	5,000
	E2	7,000	7,000	E12	6,000	5,000
	E16	7,000	5,000	E10	5,000	1,000
	E11	6,000	6,000	E11	3,000	3,000

Fonte: Questionário Sociométrico

Em suma o grau de saída (OutDegree) varia entre 3,000 e 7,000 e o grau de entrada (InDegree) varia entre 1,000 e 5,000, significando assim que, existe uma maior saída, onde se destacam que os elementos (E2, E12, E10 e E11), interagem com os outros nós, no entanto no grau de entrada é mais ligeira, visto ser a interação que os outros tem com o referido ator, pois contacta-se que essencialmente se deve à experiência profissional trazida anteriormente e uma vez que mostravam conhecimento da formação que estavam a frequentar.

Neste caso em particular tanto o elemento (E2) como o elemento (E12), são as mais comunicativas dentro do grupo, não só mostrando experiência profissional como experiência de vida, são as que também acabam por aproximar de uma forma natural o grupo.

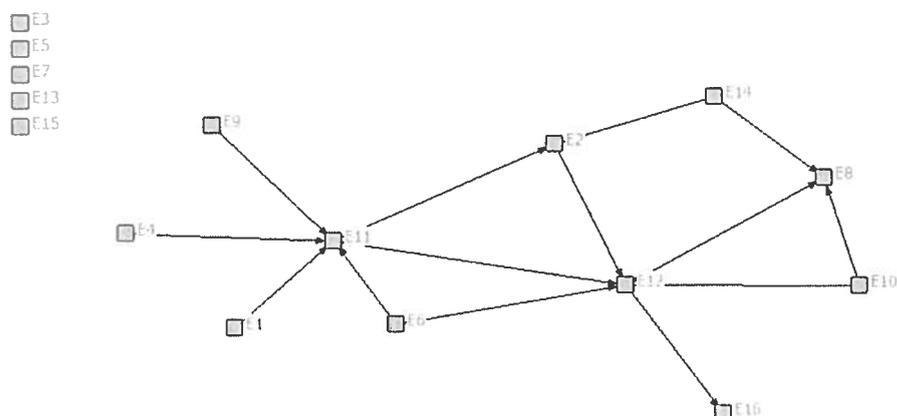
3.2.3 DINÂMICA DE INFLUÊNCIA NA REDE

Neste subcapítulo, com base nas respostas dadas pelos inquiridos, foram identificados os vários elementos que os mesmos identificam como pertencentes à rede. Por sua vez, após a enumeração dos atores foram identificados os atores que reconhecem como sendo o elemento mais influente na dinâmica de grupo.

Como se pode observar na tabela seguinte, os dados seguintes correspondem ao grau de proximidade dos diversos atores, na ótica do grau de proximidade, é o suporte para compreendermos a capacidade que um ator tem para chegar aos outros atores, assenta mesmo na proximidade tanto no (inCloseness) como no (outCloseness).

Pela leitura do grafo exposto, evidência de forma clara e óbvia quais os elementos que se encontram na dinâmica de influência na rede.

Figura 19 – Grafo dinâmica de influência na rede



Fonte: Questionário Sociométrico

Na leitura do Grafo, (Fig. 19), e análise da matriz que o sustenta, verifica que os elementos (E2, E11 e E12) estão como elementos que difundem a dinâmica de influência da rede, como se pode ver no excerto da entrevista ao formador seguidamente.

O mesmo pode observar-se num excerto de resposta seguinte:

“A (E12) revela-se pela experiência profissional e pela experiência de vida. A (E11) fala de forma acertada. O elemento (E8) tem espírito de entreatajuda, a (E11 e E14) também, a (E8 e E14) são as menos conflituosas e predispõe a ajudar. As que normalmente colocam questões interessantes são os elementos (E8 e E12).

Os elementos (E8 e E12) têm mais sede de conhecimento, estão mais despertas para o que existe e acabam por procurar mais o conhecimento, estão mais no centro do grupo. A (E13) apresentou pouca postura com o curso, a (E10), interrompe muito as aulas com a conversa. Os elementos (E3, E5, E7, e E13) são pouco comunicativos, abastem-se do diálogo. As (E11 e E12) conseguem inculcar postura ao grupo, incentivam à razão e serenidade.”
(Formador E; P2).

Com efeito, e pela leitura da tabela, ficou bem evidente, que na proximidade de entrada (inCloseness), os elementos (E16, E12 e E11), são aqueles que apresentam uma maior proximidade de todos os outros.

Na linha de pensamento de Fialho (2008:215), " a base para percebermos a capacidade que um ator tem para chegar aos outros atores assenta na proximidade (de entrada e saída), isto é, na medida designada por *closeness* e está ancorada nas distâncias geodésicas entre atores."

Ainda na mesma ótica para além de se constatar que os elementos (E16, E12 e E11) assumem um papel significativo na proximidade para como os outros elementos na rede, o elemento (E2) também poder-se-á destacar.

Tabela 13 - Closeness Centralidade

P2	ETAPA 1			ETAPA 2		
		inCloseness	outCloseness		inCloseness	outCloseness
Cuidados e Estética do Cabelo	E12	13,158	6,250	E16	14,563	6,250
	E2	10,870	7,614	E12	13,761	8,982
	E16	10,791	7,692	E11	13,636	8,982
	E8	10,638	7,576	E2	13,158	8,824

Fonte: Questionário Sociométrico

De acordo com Fialho Citando Molina, "na análise das redes, a proximidade de entrada é o valor que se considera", visto ser a capacidade de um nó se ligar a todos os outros nós da rede, neste caso, em muito contribuem os elementos (E16, E12, E11 e E2), como principais recetores de fluxos.

Ainda segundo a tabela 13 o grau de proximidade de atores na entrada varia entre 13,158 3 na saída varia entre 6,250 e 8,982.

3.2.4 APOIO AOS CONTEÚDOS DE APRENDIZAGEM

Neste subcapítulo, com base nas respostas dadas pelos inquiridos, foram identificados os vários elementos que os mesmos identificam como pertencentes à rede. Como se pode analisar, após a enumeração dos atores foram identificados os atores quando tem dúvidas sobre as matérias, a quem recorrem para além do formador, quer isto dizer, qual o elemento do grupo, que recorrem com mais frequência.

A tabela abaixo reflete, a medida que ajuda a considerar a importância de um determinado ator na rede é designado o grau de intermediação (*Betweenness*), pois assim, esta medida indica-nos quando um ator é intermediário de outros, faz a ligação entre vários atores, a sua determinação torna-se muito importante e audaz ao que concerne para poder diagnosticar quem controla toda a comunicação dentro da rede, tem a possibilidade de harmonizar a conceção da contingência que um ator tem para intermediar as comunicações entre vários nós.

De acordo com Fialho (2008:214), " (...) o posicionamento dos atores na rede é um indicador relevante, por outro lado, o número de pares que um ator é capaz de ligar vem complementar os indicadores anteriores. Esta medida, denominada de grau de intermediação (*betweenness*) é fundamental para perceber o papel que cada ator ocupa na rede ao nível da circulação da informação".

Os atores que sustam maior grau de centralidade de intermediação são designados por serem os mais preponderantes, uma vez que depende deles para se conectar com os outros.

O mesmo pode observar-se num excerto de resposta seguinte:

"A (E11) é líder na assiduidade, assertividade e postura, é ela que faz a figura materna e crítica até. A (E12) têm a mesma postura, inculir a postura de adulto. A (E8 e E12) desenvolvem mais capacidade da tecnologia, trazem conhecimentos anteriores. A (E11) destaca-se pelo diálogo e postura. A (E8 e E12) pelos conhecimentos práticos. A (E11) é boa na parte teórica, assertividade e diálogo a (E8 e E12) porque tem conhecimentos práticos. Com sentido de iniciativa os elementos (E8 e E12). O elemento (E11) é conhecedora, tem 45 anos têm a escola da vida, tem bons testes e tem bons resultados, mas na parte prática não se revela tanto. Em caso de terem dúvidas recorrem àquelas que tem uma postura acertada e têm prática na profissão. A (E9) já está integrada no grupo. Os elementos (E12 e E16) destacaram-se logo no diálogo, espontâneas e comunicativas. A (E4) era a líder das (E15, E6, E1 e E3). Os elementos (E3, E5, E7, E13 e E15) já desistiram e a (E16) está num impasse, não sabe de desiste ou não. "
(Formador E; P3).

Assim, no cômputo geral na 1.^a etapa da aplicação do questionário sociométrico o elemento (E1) apresentou um grau de 0,000 significou que não apresentou nenhuma função de intermediação na rede, isto porque recebeu informação, é um elemento procurado, mas não difunde assumindo um posicionamento de buraco estrutural, sendo de salientar que esta medida sofreu metamorfose na 2.^a etapa de aplicação do questionário.

Tabela 14 - Freeman Betweenness

P3	ETAPA 1			ETAPA 2		
		Betweenness	nBetweenness		Betweenness	nBetweenness
Cuidados e Estética do Cabelo	E2	8,000	3,810	E11	20,000	9,524
	E8	6,000	2,857	E12	14,000	6,667
	E4	5,000	2,381	E9	6,000	2,857
	E1	0,000	0,000	E4	5,000	2,381

“O líder é o elemento (E11), mostrou competências teóricas e é a figura materna do grupo. O elemento (E12) tem muito à vontade de comunicação, tem diálogo, a (E16) é muito comunicativa e muito amiga da (E12) e é muito boa na teoria. A (E11) é apaziguadora não se mete em conflitos. A (E12) “dá uma no cravo e outra na ferradura”, como se diz, por detrás é capaz de mostrar uma coisa e pela frente outra, pode se uma fonte de conflito, neste grupo.

A (E11) é a pessoa que mais maturidade transmite e de liderança, depois também é importante, gostam da situação familiar dela, têm uma vida estável. Acho que a (E9) podia ser a seguir a líder porque não é nada conflituosa.” (Formador E; P4).

Pois neste caso em particular, temos com a proximidade de entrada (inCloseness) o elemento (E11) e seguidamente o elemento (E9), pois são os que aduzem uma maior proximidade de todos os outros.

Tabela 15 - Closeness Centralidade

P4	ETAPA 1			ETAPA 2		
		inCloseness	outCloseness		inCloseness	outCloseness
Cuidados e Estética do Cabelo	E12	15,152	6,250	E11	14,019	6,667
	E16	9,934	7,109	E9	13,274	6,667
	E11	9,740	7,143	E8	8,242	7,109
	E13	6,667	6,250	E12	7,143	7,653

Fonte: Questionário Sociométrico

Para finalizar o grau de proximidade conforme dados apresentados varia entre 14,019 e 7,147 (inCloseness), no grau de proximidade de saída (outCloseness), não sendo valores varia entre 6,667 e 7,653.

3.3 AÇÃO DE FORMAÇÃO TÉCNICO (A) DE INFORMÁTICA - SISTEMAS

3.3.1 CARATERIZAÇÃO DOS INQUIRIDOS

O quadro seguinte pretende enumerar os inquiridos, num total de 15 (turma mista), bem como fazer uma breve caracterização dos mesmos, nomeadamente ano de nascimento, escolaridade, residência e situação face ao emprego.

Quadro 3 - Caracterização dos Inquiridos – Ação de Formação Técnico (a) de Informática - Sistemas

TÉCNICO (A) DE INFORMÁTICA - SISTEMAS	ANO DE NASCIMENTO	ESCOLARIDADE	RESIDÊNCIA	SITUAÇÃO FACE AO EMPREGO
T1	1986	12.º Ano	Évora	Novo Emprego
T2	1988	12.º Ano	Barro Branco	Novo Emprego
T3	1972	12.º Ano	Évora	Novo Emprego
T4	1972	12.º Ano	Évora	Novo Emprego
T5	1975	12.º Ano	Évora	Novo Emprego
T6	1971	12.º Ano	Évora	Novo Emprego
T7	1962	12.º Ano	Évora	Novo Emprego
T8	1971	12.º Ano	Évoramonte	Novo Emprego
T9	1976	12.º Ano	Évora	Novo Emprego
T10	1963	12.º Ano	Évora	Novo Emprego
T11	1973	12.º Ano	Évora	Novo Emprego
T12	1979	12.º Ano	Estremoz	Novo Emprego
T13	1983	12.º Ano	Évora	Novo Emprego
T14	1977	12.º Ano	Estremoz	Novo Emprego
T15	1987	12.º Ano	Évora	Novo Emprego

Fonte: Centro Formação Profissional de Évora

Em anuência com o Quadro 3, como já foi supramencionado anteriormente, sendo uma turma género feminino e masculino, portanto designamos por turma mista, para além de subsistir inquiridos de nacionalidade Portuguesa, importa mencionar que o referido grupo também sustenta um elemento de nacionalidade Moldava, residentes no Distrito de Évora, mais precisamente em algumas localidades próximas da referida cidade, mais precisamente, passo a designar: Barro Branco, Évoramonte e Estremoz, no que alude ao ano de escolaridade dos inquiridos todos os elementos têm o 12.º ano

O inquirido mais novo tem 23 anos e o que tem mais idade é o elemento com 49 anos.

Em relação à situação face ao emprego, todos os inquiridos é considerado "Novo Emprego".

Após este breve cômputo, ainda salientamos que a formação encontra-se a decorrer entre o período de 13 de fevereiro de 2012 a 11 de dezembro de 2012, com o total de 1300 horas.

3.3.2 RELAÇÕES INFORMAIS NA REDE

Neste subcapítulo, com base nas respostas dadas pelos inquiridos, foram identificados os vários elementos que os mesmos identificam como pertencentes à rede. Por sua vez, após a enumeração dos atores foram identificados os atores com quem se sentem mais à vontade para relacionamentos informais (para além do espaço de formação).

Pela análise da tabela seguinte, sendo a medida do grau de centralidade onde se destaca e calcula o número de atores aos quais um ator se encontra interligado, vem assim atestar a supremacia de alguns atores, especificamente o elemento (T11) no grau de centralidade de saída e entrada, querendo isto dizer e significar que o ator (T11) tem 13,000 de (OutDegree), conforme atesta Fialho (2008:212), " se por um lado a centralidade de saída da rede nos fornece indicadores (...) que apresentam uma maior abertura (entenda-se uma maior emissão de fluxos) podemos então constatar (...) apresentam um maior *outdegree*" sendo considerado o elemento que mais desperta a comunicação na rede, ainda segundo Fialho, "são aquelas que menos estrangulam a comunicação na rede pelo fato de se encontrarem na linha da frente em termos de saída de fluxos".

Com efeito, e ainda na leitura da referida tabela, constata-se que os elementos (T4 e T9) apesar de alcançarem um posicionamento central na rede, são considerados como sendo os elementos que mais estrangulam a comunicação na rede.

O mesmo pode observar-se num excerto de resposta seguinte:

*"Havia alguns elementos que se conheciam antes da formação. Os elementos (T15 e T3), (T1 e T15), (T15 e T10), (T2 e T12) e (T14, T12 e T2) são da mesma zona. Aqui criam os tais grupos. Ma não há afinidade entre eles, são só estritamente colegas de grupo. A maior parte saem em grupos, dois ou três casos vão mais tarde ou sozinhos. O (T12) sai sozinho, os (T9, T8, T6 e T13) saem em grupo, outro grupo que costuma sair são os (T1, T15, e T10), os (T4, T11 e T7), saem presentemente em grupo pelo estilo de vida. A (T11) pelo conhecimento, pela experiência, a forma como lida com as pessoas. O (T2) é o mais novo o (T7) é o mais velho, o (T11) é considerada quase líder.
O elemento (T5) tem conhecimento na área. O elemento (T11) também tem conhecimento e experiência na área. Mas de certa forma é um grupo unido."
(Formador T; P1).*

Ainda de registar também, que na rede também existe elementos que assumem um papel menos preponderante, como por exemplo os elementos (T4, T1 e T9), com o (*OutDegree*) de 6,000, 5,000 e 5,000 respetivamente, não emitem qualquer tipo de fluxo.

Tabela 16 - Degree centralidade

P1	ETAPA 1			ETAPA 2		
		OutDegree	InDegree		OutDegree	InDegree
Técnico (a) de Informática - Sistemas	T13	13,000	3,000	T11	13,000	5,000
	T2	12,000	6,000	T4	6,000	2,000
	T7	8,000	2,000	T1	5,000	4,000
	T6	4,000	5,000	T9	5,000	2,000

Fonte: Questionário Sociométrico

Da interpretação dos dados da referida tabela o grau de saída (*OutDegree*) varia entre 13,000 e 5,000 e o grau de entrada varia entre 5,000 e 2,000, sendo importante o grau de saída, esse revela como cada ator interage com os outros de uma forma significativa, quanto ao grau de entrada podemos verificar que se nota um decréscimo, deve-se ao fato de os outros terem pouca interação com os referidos elementos (T11, T4, T1 e T9).

Conforme demonstra a tabela seguinte o (*OutDegree*) passou de 67,857% para 77,551%, no entanto o grau de entrada (*InDegree*) passou de 21,939% para 16,327%, ressalvando quão se referem ao estrangulamento da comunicação da rede ouve uma substancial diminuição

Tabela 17 - Network centralidade

P1	ETAPA 1		ETAPA 2	
	Outdegree	Indegree	Outdegree	Indegree
Técnico (a) de Informática - Sistemas	67,857%	21,939%	77,551%	16,327%

Fonte: Questionário Sociométrico

Sendo de evidenciar que são valores díspares, tanto no grau de entrada como de saída da 1.^a para a 2.^a etapa, evidencia que existe proximidade no referido grupo, pode ser pelo conhecimento e experiência na área que estão a frequentar, e em alguns caso, devido a residirem na mesma zona.

3.3.3 DINÂMICA DE INFLUÊNCIA NA REDE

Neste subcapítulo, com base nas respostas dadas pelos inquiridos, foram identificados os vários elementos que os mesmos identificam como pertencentes à rede. Por sua vez, após a enumeração dos atores foram identificados os atores que reconhecem como sendo o elemento mais influente na dinâmica de grupo.

Assim, a tabela a seguir apresenta que ao nível da densidade da rede, houve densidade do grupo, sendo perceptível desde a 1.ª etapa da aplicação do questionário sociométrico até à 2.ª etapa da aplicação do questionário sociométrico, cresceu em coesão de forma significativa, como já foi referido anteriormente deve-se à proximidade do grupo.

O mesmo pode observar-se num excerto de resposta seguinte:

“ Existe elementos mais influentes, deve-se à experiência anterior, que traziam. Os elementos (T11, T7 e T1), pela razão que já disse, pelo conhecimento, pela experiência.

Os elementos (T11, T7 e T1), tem mais vontade de aprender, é isso Mais afastados do grupo (T2) por ser o mais novo, o (T7) por ser o mais velho, atualmente o (T10) fechou-se muito. Para a dinâmica de grupo quem se destaca são os elementos (T11, T4 e T5), pelo conhecimento e o perceber e entender a matéria que está a ser dada. ” (Formador T; P2).

Como se pode verificar pelos dados apresentados, a densidade passou de 0,033 para 0,043 demonstrando assim que a densidade da rede sofreu metamorfoses desde a sua 1.ª etapa da aplicação dos questionários para a 2.ª etapa verificando-se assim, de estar um grupo mais coeso e com algum grau de interação, partilhando e trocando ideias uns com os outros, efetivamente, a maioria dos elementos da referida turma já traziam algum conhecido da área formativa que estavam a lecionar e já possuíam também alguma experiência na área que questão.

Tabela 18 - Densidade da rede

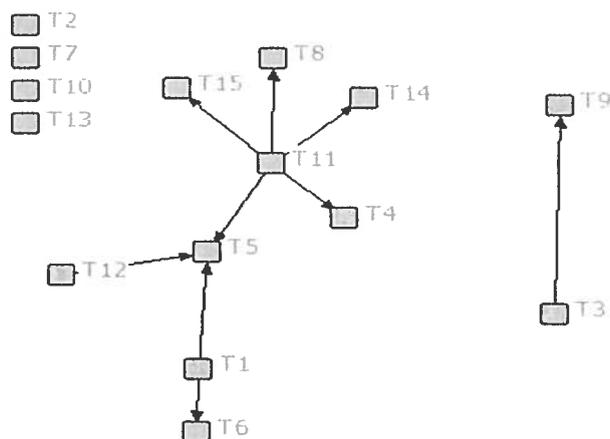
P2	ETAPA 1			ETAPA 2		
	Density	No of Ties	Avg De gree	Density	No of Ties	Avg De gree
Técnico (a) de Informática - Sistemas	0,033	7,000	0,467	0,043	9,000	0,600

Fonte: Questionário Sociométrico

De acordo com a nossa tabela anteriormente apresentada podemos dissecar houve um crêscimo na densidade da rede de 0,033 para 0,043.

De acordo com o grafo destaca-se elementos mais isolados do grupo como os atores (T2, T7, T10 e T13).

Figura 21 – Grafo dinâmica de influência na rede



Fonte: Questionário Sociométrico

Após leitura do Grafo, (Fig. 21), e análise da matriz que o sustenta, verifica que se destaca de forma proeminente os elementos (T11), como sendo o elemento que mais dinâmica traz ao grupo, no sentido de entreatajuda e de aproximar vários elementos.

De acordo com a próxima tabela, em consonância com o grau de entrada (*InDegree*), como já foi mencionado, consiste na soma das relações preteridas com cada ator da rede ou melhor explanando, que cada ator recebe.

Por outro lado, o grau de saída (*OutDegree*), pois nunca sendo demais fazer menção, é consideravelmente a soma das relações que cada ator referiu ter com os restantes elementos da rede.

Relativamente ao grau de saída (*OutDegree*), constatamos que o elemento (T3) perde preeminência e que o elemento (T11) ocupa o lugar cimeiro com um grau de 5,000, indica-nos que este elemento tem um papel muito importante na emissão de fluxos e na troca de informação na rede, pois aqui sobressai a influência que um determinado ator tem na rede. De acordo com Hanneman (2000), conforme cita Arco (2010:205), "os atores que recebem informação de muitas frentes poderão ser os mais poderosos, uma vez que ter conhecimento e reconhecimento é também ter poder, contudo poderão também sofrer de sobrecarga se as mensagens forem contraditórias."

Ainda, se constata na tabela abaixo, que estes dados vem confirmar que os elementos (T1, T2 e T3), com o (*OutDegree*) de 2,000, 1,000 e 1,000, respetivamente, ostentam uma maior abertura e, por conseguinte, são aqueles que menos estrangulam a comunicação na rede pelo fato de se encontrarem na linha da frente em termos de saída.

Da interpretação dos dados, conforme tabela 19, e análise da tabela também fica evidente que há elementos (T11, T1, T12 e T3), que não recebem qualquer tipo de fluxo e por essa razão ocupam uma posição residual na rede uma vez que tem o valor de 0,000.

Da apreciação da referida tabela fica bem evidente que o elemento (T11) é o ator que apresenta uma maior centralidade de saída, ou seja, melhor exprimindo, é aquele que na tabela geral da rede ocupa uma posição de maior destaque na emissão de fluxos com os outros elementos, tendo assim um valor de grau de saída (*OutDegree*) de 5,000.

Tabela 19 - Degree centralidade

P2	ETAPA 1		ETAPA 2			
		OutDegree	InDegree		OutDegree	InDegree
Técnico (a) de Informática - Sistemas	T7	2,000	0,000	T11	5,000	0,000
	T14	2,000	1,000	T1	2,000	0,000
	T6	1,000	2,000	T12	1,000	0,000
	T11	1,000	3,000	T3	1,000	0,000

Fonte: Questionário Sociométrico

Verificando-se que o grau de saída (*OutDegree*) varia entre 5,000 e os 1,000, onde o grau de entrada (*InDegree*) a variação é apenas de 0,000.

3.3.4 APOIO AOS CONTEÚDOS DE APRENDIZAGEM

Neste subcapítulo, com base nas respostas dadas pelos inquiridos, foram identificados os vários elementos que os mesmos identificam como pertencentes à rede. Como se pode analisar, após a enumeração dos atores foram identificados os atores quando tem dúvidas sobre as matérias, a quem recorrem para além do formador, quer isto dizer, qual o elemento do grupo, que recorrem com mais frequência.

Como se pode observar na tabela abaixo, conforme dados ancorados nos questionários sociométricos aplicados à referida turma, pois como já mencionamos no interpor desta análise de dados que temos vindo a descrever, importa referir, nunca sendo de mais abordar, que o grau de centralidade obtém-se através do cálculo do número de ligações adjacentes para cada ator, pois ainda importa esclarecer quanto maior for o número de ligações diretas dentro da própria rede maior será o número de contatos de um determinado ator dentro da rede.

Seguidamente, relativamente à centralidade de saída (*OutDegree*) assevera-mos que o elemento (T8 e T9), mostram passividade na rede.

Importa ainda salientar que o ator (T1 e T12) com 3,00 no grau de saída, sendo considerados os elementos que mais estrangulam a comunicação na rede.

O mesmo pode observar-se num excerto de resposta seguinte:

"O (T12) está um pouco mais isolado do grupo pela maneira de ser, é próprio dele, mas tem conhecimento na área. Quando surge dúvidas na sala, com alguma frequência recorrem ao elemento (T119), pois tem conhecimento na área." (Formador T;P3).

De consonância com a referida tabela o grau de saída varia entre 5,000 e 3,000 no entanto o grau de entrada (InDegree) varia apenas no valor 1,000, havendo assim pouca entrada de fluxos na rede, por parte dos elementos que fazem parte dela.

Tabela 20 - Degree centralidade

P3	ETAPA 1			ETAPA 2		
		OutDegree	InDegree		OutDegree	InDegree
Técnico (a) de Informática - Sistemas	T14	3,000	1,000	T8	5,000	1,000
	T6	3,000	1,000	T9	5,000	1,000
	T3	2,000	0,000	T12	3,000	1,000
	T12	1,000	0,000	T1	3,000	1,000

Fonte: Questionário Sociométrico

Por outro lado, quando se alude ao grau de entrada (InDegree) encontram-se os elementos (T8, T9, T12 e T1) que ocupam um papel central perante os outros atores.

Ainda da análise da tabela fica evidente que há elementos (T3 e T12) não receberam fluxos e por essa razão ocupam um lugar residual na rede, aquando na aplicação da 1.ª etapa do questionário.

3.3.5 LIDERANÇA NA REDE

Neste subcapítulo, com base nas respostas dadas pelos inquiridos, foram identificados os vários elementos que os mesmos identificam como pertencentes à rede. Como se pode analisar, após a enumeração dos atores foram identificados o ou os atores no seu grupo de formação que reconhece como líder do grupo.

Com efeito e pela leitura da tabela seguinte a medida do grau de proximidade, sendo mais singular (*Closeness*), reporta-se quando os atores têm proximidade a outros na rede, mesmo sendo considerado ligações diretas ou indiretas.

Os dados recolhidos, correspondem assim na proximidade de entrada (*inCloseness*), onde os elementos (T5, T6, T1 e T4), são aqueles que apresentam uma maior proximidade de todos os outros.

O mesmo pode observar-se num excerto de resposta seguinte:

“O (T5) por ter mais conhecimentos desta área. O (T6) está presentemente mais afastado comparado com o início. Os elementos (T5 e T1) têm interesses em comum, são as duas pessoas que mais percebem, trocam ideias. Aqui neste grupo o (T11) é o líder pela experiência, pelo conhecimento e tem a necessidade de querer aprender mais ” (Formador T;P4).

Conforme demonstra a tabela 21 os atores (T5 e T6) constata-se que assumem um papel significativo quanto ao se refere na proximidade, com os valores 7,692 e 7,650 respetivamente.

Tabela 21- Closeness Centralidade

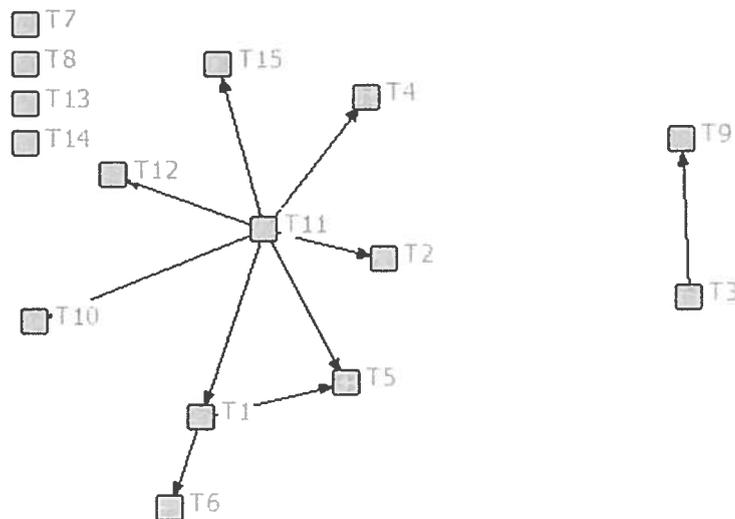
P4	ETAPA 1			ETAPA 2		
		inCloseness	outCloseness		inCloseness	outCloseness
Técnico (a) de Informática - Sistemas	T15	7,143	6,667	T5	7,692	6,667
	T5	7,143	6,667	T6	7,650	6,667
	T11	7,143	6,667	T1	7,143	7,692
	T3	6,667	7,143	T4	7,143	6,667

Fonte: Questionário Sociométrico

Contudo, para finalizar ainda é importante salientar que o grau de proximidade de entrada (inCloseness) varia entre 7,692 e 7,143, ainda quanto ao grau de saída (outCloseness) de proximidade varia entre 7,692 e 6,667, verificando assim não existir uma grande discrepância quanto aos dois graus de proximidade.

De acordo com o grafo destaca-se elementos mais isolados do grupo como os atores (T7, T8, T13 e T14), deve-se ao desconhecimento inicial da matéria dada na formação.

Figura 22 – Grafo liderança na rede



Fonte: Questionário Sociométrico

Após leitura do Grafo, (Fig. 22), e análise da matriz que o sustenta, verifica que se destaca de forma proeminente os elementos (T11), como sendo o elemento líder do grupo, sendo evidente devido à experiência e conhecimento da área que estão a lecionar.

No cômputo geral a medida Betweness, pode-se designar como tendo um número pouco elevado de contatos, mas por sua vez ocupa uma posição chave, sendo como ponto de passagem para outros atores.

Nesta tabela em concreto os elementos (T2,T3 e T4) apresentam um grau de 0,000 significa que não apresentam nenhuma função de intermediação na rede, uma vez que recebem informação, são procurados, mas não disseminam qualquer tipo de informação dentro da rede.

Tabela 22 - Freeman Betweenness

P4	ETAPA 1		ETAPA 2			
	Betweenness	nBetweenness	Betweenness	nBetweenness		
Técnico (a) de Informática - Sistemas	T1	0,000	0,000	T1	1,000	0,549
	T2	0,000	0,000	T2	0,000	0,000
	T3	0,000	0,000	T3	0,000	0,000
	T4	0,000	0,000	T4	0,000	0,000

Fonte: Questionário Sociométrico

Quanto ao grau de intermediação a medida (Betweness) varia entre 1,000 e 0,000 e quanto à medida (nBetweenness) varia entre 0,000 e 0,549 da análise da tabela resulta a seguinte tabela sobre o grau de

intermediação dos atores ou nós, sendo visível o papel do elemento (T1), comparativamente aos outros, no qual se verifica que este indicador demonstra que a comunicação da rede o referido elemento, é o qual passam maior números de fluxos de atores, no entanto, ainda em concordância com a tabela atrás apresentada, os restantes elementos (T2, T3 e T4), tem um valo 0 o que quer significar que apenas recebem informação e não emite assumindo um posicionamento de buraco estrutural na rede. Aqui é evidente que o ator (T1) é o elemento de referência na rede.

4. CONCLUSÕES

Neste capítulo são apresentadas as principais conclusões. Assim, podemos começar por dizer que a presente Dissertação de Mestrado pretendeu contribuir para a consolidação conhecimento da temática da metodologia da Análise de Redes Sociais aplicada aos contextos da formação profissional.

Durante a construção da presente Dissertação pretendemos dar resposta aos objetivos da investigação, identificar as dinâmicas em grupos de formação profissional, em três turmas diferentes (turma masculina, turma feminina e turma mista).

Ainda, de uma forma mais precisa, conhecer os posicionamentos dos atores na rede, em vários momentos do processo formativo, encontrar explicações para o posicionamento dos atores mais centrais da rede, identificar situações que alteram a dinâmica da rede e identificar regularidades na dinâmica da rede, pensamos que conseguimos atingir os objetivos a que nos propusemos.

Neste sentido, no estudo empírico desenvolvemos os procedimentos necessários à construção da nossa dissertação, com a aplicação dos questionários sociométricos (aplicados em dois momentos do processo formativo) e com a elaboração e aplicação das entrevistas semi-estruturadas, o seu tratamento e análise dos dados.

Segundo os autores Ouimet & Lemieux (2004), que a análise estrutural das redes sociais, veio a tornar-se nada mais nada menos que uma abordagem interdisciplinar que assenta no postulado de que os atores sociais se identificam mais pelas suas relações do que pelos atributos (género, idade ou classe social).

Ainda na linha de pensamento destes autores, as relações tem uma densidade variável, sendo que alguns atores podem ocupar posições mais centrais que outros numa determinada rede.

Verificámos, deste modo, a rede social, passará a representar um conjunto de indivíduos autónomos, que uniram ideias e recursos em torno de determinados valores, interesses e objetivos comuns. Existem várias ideias em torno do conceito de rede social, contudo, quando se fala em rede parece existir um núcleo semelhante relacionado à imagem de fios, malhas, teias que formam um tecido comum.

Esta investigação regeu-se fundamentalmente pela perspetiva Sociocêntrica ou completa que estuda os vínculos estabelecidos entre os membros de um determinado grupo de uma mesma comunidade que se encontram ligados a uma organização, seja ela familiar, uma equipa de futebol ou em local de trabalho (Molina, 2005; citado por Miramoto, 2005). Indo de encontro aos objetivos propostos para esta dissertação, identificou-se as dinâmicas de interação de três grupos de formandos no Centro de Formação Profissional de Évora.

Neste estudo, após uma reflexão mais aprofundada deixa alguns contributos para uma sociedade cada vez mais singular, a importância pelo tema surgiu uma vez que nos dias de hoje é cada vez mais interessante estudar a interação entre várias pessoas num certo determinado contexto, sendo visível que o tamanho do grupo é um factor condicionante, uma vez que aumenta o tamanho da rede acaba por diminuir o nível de participação dos vários elementos que contribuem para a rede, por fim conclui-se ser um grupo menos coeso. Neste caso em concreto, uma vez que a rede de atores não é extensa os grupos aqui em estudo tem coesão e uma interação entre todos os membros envolvidos.

Assim, conclui que:

1.Quanto ao objetivo geral "*Identificar as dinâmicas de interação em grupos de formação profissional*" conclui-se que os grupos de formação no Centro de Formação Profissional tem uma postura bastante profissional, como componente que sobressai nas dinâmicas de interação nestes grupos, essencialmente está ligado à experiência profissional do individuo, também é de ressaltar que a experiência de vida como sendo um complemento muito significativo, não deixando de frisar que a condição idade é considerado como sendo um fator bastante pertinente, nestes casos específicos idade e experiência profissional funcionam como mecanismos de relevo do formando no grupo, designadamente em termos de prestígio e reconhecimento face ao outro. Foi o que se verificou nas turmas em estudo, com principal destaque para as turmas *Serralharia Civil e Cuidados e Estética do Cabelo*, sendo visível que na primeira, a situação face à idade e experiência profissional se destacou de forma proeminente, na segunda embora a idade possa influenciar os restantes elementos do grupo, mas neste caso concreto, o que se veio a salientar de forma privilegiada foi a experiência profissional, tanto na parte teórica como na parte prática.

2.Quanto ao objetivo específico "*conhecer os posicionamentos dos atores na rede, em vários momentos do processo formativo*".

Com efeito, verificou-se que durante o processo formativo subsistiu mudanças naturais no microsistema (grupo de formação), onde também se verificou a saída de alguns elementos, sendo que, o posicionamento dos atores na rede manteve-se, sendo que os líderes identificados na 1.^a etapa da aplicação dos questionários sociométricos em algumas situações são os mesmos, situação esta deve-se ao fato de o reconhecerem como líder. Conforme mostra a tabela n.º 2 grupo de formação *Serralharia Civil*, com o grau de centralidade (*Degree Centrality*), corresponde ao número de nós aos quais um ator estará ligado diretamente, localizando o ator na rede (Fialho, 2007) dividindo-se em grau de entrada e saída dependendo da direção de fluxos (Alejandro & Normam, 2005), de 9,000 (*OutDegree*) para o elemento S1, sendo este o elemento que maior grau de escolaridade possui, uma vez que têm a frequência do 7.º ano de escolaridade, sendo evidente que os restantes atores na rede apenas possuem o 6.º ano de escolaridade.

Ainda se pode comprovar que a densidade da rede na 1.^a etapa era de 0,157 para a 2.^a etapa 0,233, evidenciado assim uma forte coesão no grupo de formação e uma forte interação entre todos os elementos, sendo sustentada na partilha de informação e mesmo troca de ideias entre os vários atores na rede.

Após verificação das tabelas atestou-se que houve alterações no posicionamento dos atores na rede da 1.^a para a 2.^a etapa.

De acordo com a tabela n.º 12 grupo de formação *Cuidados e Estética do Cabelo*, com o grau de centralidade (*Degree Centrality*), 7,000 (*OutDegree*) para o elemento E2 e com 6,000 (*OutDegree*) refere-se ao ator E12.

Relativamente aos elementos E2 e E12, são considerados os elementos mais comunicativos da rede, importa clarificar que também conquistaram os outros elementos da rede devido à sua experiência profissional. Veio ainda verificar-se que são elementos que tem todas as disciplinas em comum no Centro de Formação (segundo a informação do Formador E). Quanto à densidade do grupo na 1.^a etapa para a 2.^a etapa passou de 0,237 para 0,133, deveu-se assim à desistência de alguns elementos do grupo, uma vez que tinham uma atitude de pouco esforço e de desistência face à formação que estavam a frequentar.

Em anuência com a tabela n.º 16 grupo de formação Técnico (a) de informática – Sistemas, com o grau de centralidade (*Degree Centrality*), de 13,000 (*OutDegree*) para o elemento T11.

Neste caso particular o elemento T11 sobressai de forma evidente, visto mostrar diariamente mais aquisição e melhoria de conhecimentos, associado com alguma experiência trazida anteriormente.

No que respeita à turma dos *Serralharia Civil*, desde o início nota-se uma coesão do grupo, visto os elementos interagirem uns com os outros de forma gradual, não houve desistência de elementos enquanto decorreu a nossa investigação, apenas se ausentou um dos elementos, como já fizemos referência devido a se encontrar hospitalizado.

A interação nesta rede de atores fundamentalmente deve-se à troca de partilha de informação e experiência profissional e experiências de outra natureza durante do decorrer da formação. Inicialmente destacou-se o elemento S6, conforme mostra tabela 5 com o valor de 11,000 de *BetWeeness*, devido a ser o ator mais novo e com sentido de iniciativa, posteriormente e com o decorrer do processo formativo passou a salienta-se de forma proeminente o elemento S3 devido à sua experiência profissional e ser um indivíduo com mais idade e responsabilidade, de acordo com a tabela 5 o qual mostra 7,000 de *BetWeeness*.

No que concerne à turma *Cuidados e Estética do Cabelo*, a densidade da rede diminui devendo-se à desistência de elementos, enquanto decorreu o processo da nossa investigação.

Ainda, importa salientar que nesta rede de atores, alguns elementos não se sentiram integrados, assim não houve interação entre todos os elementos do grupo da respetiva formação.

De acordo com a nossa tabela 14 os atores E11 e E12 com os valores 20,000 e 14,000 de *BetWennees* respetivamente, vem assim defender a tese de serem elementos centrais na rede, devendo-se

fundamentalmente à experiência profissional que já traziam antes da formação, respetivamente o elemento E12 pela experiência prática e E11 pela experiência teórica, neste grupo de atores a idade não foi considerado um facto de extrema importância.

Relativamente à turma Técnico (a) de informática – Sistemas, houve densidade da rede de 0,033 para 0,043, verificando-se ser um grupo coeso, efetivamente, sendo notório o número de relações recíprocas dentro da própria rede, no decorrer desta investigação não houve desistência de elementos dentro desta rede de atores.

Neste grupo à uma interação entre todos os membros do grupo não se verificando de uma forma muito acentuada um elemento do respetivo grupo, mas no entanto, como qualquer grupo sempre existe um ou mais atores privilegiados, neste caso também não foge à regra, salientando-se assim o elemento T11, devido já ter algum conhecimento na área e acaba por despertar alargar os seus conhecimentos.

Conforme retrata a tabela 19 o grau de centralidade para o elementos T11 de 5,000 (outDegree).

Para finalizar, verificamos que em duas das três turmas houve densidade da rede, sendo que a turma *Cuidados e Estética do Cabelo*, não sofreu densidade, como já foi anteriormente explicado, devido à desistência de elementos do grupo de formação, mas no decorrer do processo formativo todos os atores, uns de forma mais central outros de menos interagiram uns com os outros.

3.Quanto ao objetivo específico “ *encontrar explicações para o posicionamento dos atores mais centrais da rede*”. Por sua vez, as explicações para o posicionamento dos atores mais centrais na rede, deve-se ao fato de estarem elementos com mais maturidade e idade, percursos profissionais mais estáveis, e acima de tudo o nível de conhecimento que se destaca perante o grupo, o nível de assertividade mais significativo.

Sendo de destacar que os principais traços da dinâmica se reverte à experiência profissional, e à idade da pessoa, onde se aponta aqui a experiência de vida e a vontade de adquirir mais conhecimentos e terem mais capacidade de aprendizagem.

Pois torna-se evidente que na turma dos formandos *Serralharia Civil*, na 1.ª etapa do questionário sociométrico destacava-se o elemento S6, por ser o ator mais novo, na 2.ª etapa da aplicação destacava-se o elemento S3, por ser o mais experiente e com mais idade.

Ainda, ao que se refere na turma *Cuidados e Estética do Cabelo*, sobressaia os elementos E16, E12, E8 e E2, por terem espírito de ajuda e terem mais capacidades práticas isto na 1.ª etapa da aplicação do questionário, sendo que na 2.ª etapa sobressai de forma clara o elemento E11 por ser uma pessoa assertiva e coerente, o elemento E12 destaca-se por ter experiência profissional e ser comunicativa.

“Na dinâmica do grupo inicialmente estavam o E2, E12, E16, presentemente passou a ser os elementos E2, E12 e E11, estão no centro do grupo.” (Formador E;P2).

Na turma dos formandos Técnico (a) de informática – Sistemas, evidenciou-se sempre o elemento T11, pelo conhecimento da matéria, e por ter mais necessidade de aprender.

Neste objetivo específico para podermos descrever de uma forma sintética as três turmas, acima de tudo, encontrar os principais posicionamentos dos atores mais centrais da rede, passamos a descrever na turma *Serralharia Civil*, essencialmente pela experiência profissional que o referido elemento detinha antes da formação e sendo uma pessoa mais velha com mais responsabilidade e maturidade, na turma *Cuidados e Estética do Cabelo*, fundamentalmente pela experiência profissional na parte prática e teórica e por ultimo Técnico (a) de informática – Sistemas, por deter conhecimento na área.

4.Quanto ao objetivo específico "identificar situações que alteram a dinâmica da rede". Assim, nesta rede de atores as situações que alteram a dinâmica da rede, está extremamente interligada pela experiência profissional anteriormente trazida e pelos conhecimentos já adquiridos, não deixando de expressar que a variável idade também é bastante relevante.

Neste objetivo específico, a condicionante mais importante parte essencialmente pelo tamanho do grupo, visto o tamanho do grupo ser uma condicionante importante porque à medida que aumenta o tamanho do grupo diminui o nível de participação dos elementos, neste caso específico em duas das turmas houve uma diminuição do grupo, no grupo de formação *Serralharia Civil*, um dos elementos encontra-se hospitalizado, na turma *Cuidados e Estética do Cabelo*, houve desistências da formação visto haver atores com postura desde o início de desistência, sendo frequente aquando frequentam este tipo de formações e não menos importante na turma Técnico (a) de informática – Sistemas, não surgiu qualquer incidente mantendo-se desde o início até à 2.ª etapa da aplicação dos questionários, sempre os mesmos atores, verificando-se neste caso particular ser um grupo coeso dependendo efetivamente do número de relações positivas recíprocas.

5.Quanto ao objetivo específico "identificar regularidade na dinâmica da rede". Com efeito, as regularidades encontradas na dinâmica da rede, praticamente as lideranças mantiveram-se e o posicionamento dos diversos atores, sempre pelos mesmos motivos, sempre pela experiência profissional e pelos conhecimentos já anteriormente adquiridos.

Salienta-se que na turma dos formandos *Serralharia Civil*, a rede sofreu metamorfose ao que concerne da 1.ª para a 2.ª etapa do questionário, pois o elemento que considerado como líder seria o S6, por ser o mais novo, mais inexperiente e com mais disponibilidade, tanto dentro do contexto do Centro de Formação, como para saídas pós laboral.

Evidenciar-se também, na turma *Cuidados e Estética do Cabelo*, as regularidades na dinâmica da rede mantiveram-se neste grupo de formação, sobressaindo praticamente de forma evidente os elementos E11 pela experiência teórica, pela assertividade e coerência, não sendo também um elemento conflituosos, e por norma trazer os outros elementos à razão, para terem uma atitude profissional. O elemento E12 pela experiência prática.

Ressalta-se ainda, na turma dos formandos Técnico (a) de informática – Sistemas, o ator T11 destaca-se tanto na 1.^a como na 2.^a etapa da aplicação do questionário, pelas razões já aqui apresentadas, como pela experiência profissional, pelos conhecimentos adquiridos anteriormente, ser o elemento mais participativo e com mais capacidade de aprendizagem.

Para finalizar, estar consciente dos conhecimentos que já tinham adquirido antes da formação, a maioria dos formandos, nesta formação veio assim desencadear um aumento de autoconfiança dos candidatos, sentindo-se mais capazes de enfrentar novos desafios e ajudar o próximo, dentro da rede, evidenciando assim, que alguns atores tomavam um posicionamento mais relevantes que outro devido à condição que detinham.

Ainda verificamos que o processo do Centro de Formação Profissional contribui para a valorização das dimensões pessoais e formativas.

Importa clarificar, que nestas turmas em particular, relativamente ao perfil dos candidatos que procuram o Centro de Formação Profissional, a variável idade varia entre 18 e os 55 anos, apenas no EFA Tecnológico têm a escolaridade obrigatória, nos outros casos varia entre o 6.^o ano até ao 11.^o ano incompletos, e a sua situação face ao emprego encontram-se desempregado e à procura de novo emprego.

Relativamente a sugestões para estudos futuros, podemos começar por referir que, com vista à metodologia da Análise de Redes Sociais ser cada vez mais utilizada em vários estudos em Ciências Sociais, a realização de novos estudos com esta metodologia aplicada a outras populações seria muito importante.

Era interessante perceber se os resultados obtidos neste estudo são refutados, por exemplo, em outras amostras, por exemplo num grupo de uma determinada organização (empresa, sala de aula, partidos políticos, grupos desportivos etc.).

O presente estudo teve também algumas limitações. No meu entendimento, as limitações temporais não permitiram fazer mais aplicações nos referidos grupos de formação de forma a se poder monitorizar a rede durante a totalidade da ação de formação. Por outro lado, seria também pertinente poder aplicar este modelo de estudo noutros ambientes de formação, como por exemplo, outras unidades orgânicas do Instituto do Emprego e Formação Profissional.

5. BIBLIOGRAFIA

ALBARELLO, Luc, et al, (1997), Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais, Lisboa: Gradiva

ALEJANDRO, Velázquez O., NORMAN, Aguilar Gallegos, Manual Introdutório à Análise de Redes Sociais, Medidas de Centralidade, exemplos práticos com UCINET 6.109 e NETDRAW 2.28, 2005.

ALMEIDA, António José *et al* (2008), VI Congresso Português de Sociologia, Mundos Sociais: Saberes e Práticas - Estruturas e praticas de formação profissional das medias e grandes empresas em Portugal – Disponível em: <http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/731.pdf>. Acesso em: 04 de novembro de 2011.

ARCO, Helena Maria de Sousa Lopes Reis do Arco, Tecendo Redes – As relações interorganizacionais de cooperação para a formação em enfermagem, Tese elaborada para a obtenção do grau de Doutor em Sociologia. Universidade de Évora.

ARON, Raymond (1994), As Etapas do Pensamento Sociológico, Lisboa: Edições Afrontamento.

ASHTON, T.S. (s. d.), A Revolução Industrial, Mem Martins: Publicações Europa – América, LDA.

BARDIN, Laurence (2008), Análise de Conteúdo, Edições 70.

BELL, Judith (2010), Como realizar um Projeto de Investigação, Lisboa: Gradiva.

BILHIM, João A. F. (2004), Gestão Estratégica de Recursos Humanos. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa.

BOGDAN, Robert, BIKLEN, Sari (1994), Investigação Qualitativa em Educação, Porto: Porto Editora.

CAETANO, A. & VALA, J. (2007), Gestão de Recursos Humanos: contextos, processos e práticas, Lisboa: Editora RH.

CANÁRIO, Rui (1999), Educação de Adultos: um campo e uma problemática, Lisboa: Editora Educa.

CARDIM, Luís Filipe (1993), A Formação Profissional nas Organizações, Lisboa: Formar pedagogicamente, Instituto do Emprego e Formação Profissional.

CARDIM, Luís Filipe (2005), Formação Profissional: Problemas e Políticas, Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.

CARDIM, José Casqueiro, MIRANDA, Rosária Ramos (2007), O Universo das Profissões: Da qualificação às competências e à evolução profissional, Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas Universidade Técnica de Lisboa.

CARMO, Hermano, FERREIRA (1998), Manuela, Metodologia da Investigação, Lisboa: Universidade Aberta.

CARRINGTON, P.; SCOTT, J.; WASSERMAN, S.; (2005); Models and Methods in Social Network Analysis. Structural analysis in the social sciences, nº27, New York, Cambridge University Press.

CARVALHO, Luís Manuel Rondão (2011), Contributos para uma prospetiva da implementação de um Centro de Responsabilidade da Radiologia numa Unidade Local de Saúde - O caso da Unidade Local de Saúde do Norte Alentejano, Dissertação elaborada para a obtenção do grau de Mestre em Especialização Intervenção Sócio - Organizacional na Saúde – Políticas de Administração e Gestão de Serviços de Saúde. Universidade de Évora /Instituto Politécnico de Lisboa.

CASTELLS, Manuel, IPOLA, Emílio (1982), Prática Epistemológica e Ciências Sociais, Porto: Edições Afrontamento.

CASTELLS, Manuel (1999), O Poder da Identidade, São Paulo: Paz e Terra.

CASTELLS, Manuel (1999), A sociedade em Rede, São Paulo: Paz e Terra.

CIME – Comissão Interministerial para o emprego, 2001. Terminologia da Formação Profissional – Alguns Conceitos de Base III. Direção – Geral do emprego e Formação Profissional, Lisboa, Portugal – Disponível em:
http://www.dgert.mtss.gov.pt/Emprego%20e%20Formacao%20Profissional/terminologia/doc_terminologia/CIME%20-%20Terminologia.pdf. Acesso em: 31 de outubro de 2011.

COMISSÃO EUROPEIA (2001), Livro Branco sobre a educação e a formação – Ensinar a aprender – Rumo à Sociedade cognitiva, Bruxelas: CE.

CRUZ, Jorge Valadas Preto (1998), FORMAÇÃO PROFISSIONAL, Do levantamento de necessidades à Avaliação, Associação Portuguesa para o desenvolvimento da Formação, Lisboa: Edições Sílabo.

DESHAIRES, Bruno, Metodologia da Investigação em Ciências Sociais, Lisboa: Instituto PIAGET.
DIAS, Mário Caldeira (1997), AVALIAÇÃO DAS POLITICAS DE EMPREGO E FORMAÇÃO, Instituto do Emprego e Formação Profissional.

DUBAR, Claude (1998), LA SOCIALISATION-Construction des identités sociales et professionnelles, Paris: Armand Colin Éditeur. Disponível em : <http://www.lereservoir.eu/MALLE%20DU%20PROF/BIBLIOTHEQUE/SOCIOLOGIE/DUBAR%20IDENTITES%20SOCIALES%20PROFESSIONNELLES.pdf>. Acesso em : 14 de janeiro de 2012.

ELIAS, Norbert (1994); A sociedade dos indivíduos, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.

FERREIRA, J.M. Carvalho, NEVES, José, CAETANO, António (2001), Manual de Psicossociologia das Organizações, Amadora: McGraw-Hill.

FIALHO, Joaquim (2003), A Formação profissional como estratégia para a reinserção de desempregados de longa duração: contributos para uma compreensão dos fenómenos de pobreza e exclusão social, Dissertação elaborada para a obtenção do grau de Mestre em Especialização Recurso Humanos e Desenvolvimento Sustentável.

FIALHO, Joaquim (2007), Análise de Redes Sociais - Algumas Pistas para aplicação à saúde, Economia e Sociologia, nº 83, pp183-203.

FIALHO, Joaquim (2008), Redes de Cooperação Interorganizacional: o caso das entidades formadoras do Alentejo Central. Tese elaborada para a obtenção do grau de Doutor em Sociologia. Universidade de Évora.

FIALHO, Joaquim (2008b), Redes de cooperação interorganizacional. A dinâmica das entidades formadoras do Alentejo Central, VI Congresso Português de Sociologia. Disponível em: <http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/311.pdf> Acesso em: 23 de novembro de 2011.

FIALHO, J; SILVA, C.A.; Nós e os outros: análise das redes sociais, Atas das VIII Jornadas do Departamento de Sociologia da Universidade de Évora, Évora, Universidade de Évora.

FREIRE, João (1993), Sociologia do trabalho: Uma Introdução, Porto: Edições Afrontamento.

FREIRE, João (2006), Sociologia do trabalho: Uma Introdução, Porto: Edições Afrontamento.

FREIXO, Manuel João Vaz (2010), Metodologia Científica – Fundamentos Teóricos, Lisboa: Instituto PIAGET.

FRITZ, Isabel M.S.K. (2010), Dinâmicas e Relações Intra-organizacionais nos Cuidados à Crianças/Adolescentes com Diabetes Mellitus tipo1, Dissertação elaborada para a obtenção do grau de Mestre em Intervenção Sócio - Organizacional na Saúde – Especialização Políticas de Administração e Gestão de Serviços de Saúde. Universidade de Évora /Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Lisboa.

FORTIN, Marie-Fabienne (2003),O processo de investigação da conceção à realização, Lusociência.

GIDDENS, Anthony, (2002), Sociologia, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

GONÇALVES, José Júlio (1969), Sociologia, Porto: Portucalense Editora.

GUERRA, Isabel (2006), Fundamentos e Processos de Uma Sociologia de Ação, S. João Estoril: Principia.

GUERRA, Isabel (2008), Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo – Sentidos e formas de uso, Cascais: Principia.

LAZARSELD, Paul (1974), A Sociologia, Amadora: Coleção Ciências Sociais.

LAZEGA, Emmanuel (1998); Réseaux sociaux et structures relationnelles, Paris, Press Universitaires de France, 1ª edição.

LAZEGA, Emmanuel, et al (2009), Norms, status and the dynamics of advice networks: A case study, Elsevier.

LEMIEUX, Vincent & OUIMET Mathieu (2004), Análise Estrutural das Redes Sociais, Lisboa: Instituto Piaget.

MANN, Peter H. (1973), Métodos de Investigação Sociológica, Rio de Janeiro: Zara Editores.

MARTELETO, M. Regina (2001), Análise de redes sociais – aplicação nos estudos de transferência de informação, Brasília: Programa de Pós- Graduação em Ciências da Informação. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v30n1/a09v30n1.pdf>. Acesso em : 23 de novembro de 2011.

MATHEUS, Renato F. & SILVA (s.d.), António, B, de O, Fundamentação Teórica para a Análise de Redes com Ênfase na Análise de Redes Sociais, Brasil. Disponível em: <http://www.rfmatheus.com.br/doc/fundamentacaoarsv0.55.pdf>. Acesso em: 23 de novembro de 2011.

MOLINA, José L. (2001), El análisis de redes sociales. Una Introducción, Barcelona: Ediciones Bellaterra.

MOREIRA, Carlos Diogo, Teorias e Práticas de Investigação, Lisboa: Instituto Superior de Ciências e Políticas.

PERETTI, J. (1997). Recursos Humanos. Lisboa: Edições Silabo.

PINTO, A.M.G, JUNQUEIRA, L.A.P (2008), A análise de redes sociais como ferramenta de diagnóstico das relações de poder, eGesta, v.4 n.1. Disponível em: <http://www.unisantos.br/mestrado/gestao/egesta/artigos/138.pdf>. Acesso em: 23 de novembro de 2011.

PIRES, Ana Luísa Oliveira (1999), A Aprendizagem experiencial dos adultos, Revista Formar, n.º 31.

Práticas da Formação Profissional (1998), Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.

PORTUGAL, Sílvia (2007), Contributos para uma discussão do conceito de rede na teoria sociológica, Coimbra: Oficina do CES, n.º 271. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/271/271.pdf>. Acesso em: 23 de novembro de 2011.

QUIVY, R., CAMPENHOUDT, L. V. (1992), Manual de Investigação em Ciências Sociais, Lisboa: Gradiva.

REQUENA SANTOS, Félix (1996), Redes sociales y cuestionarios, Colección Cuadernos Metodológicos 18, Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas.

REQUENA SANTOS, Félix (2008), Redes sociales y sociedad civil, Colección «monografías», núm.256, Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas.

RIBEIRO, Zita Manuela Santos (2011), Formação para o Desenvolvimento de Competências. Modelo para a Empresa TEGAEL, S.A, Dissertação elaborada para a obtenção do grau de Mestre em Especialização em Recursos Humanos, Universidade de Évora.

RIOUX, Jean – Pierre (1977), A Revolução Industrial, Lisboa: Publicações Dom Quixote.

RODRIGUES, Maria de Lurdes (2002), Sociologia das Profissões, Oeiras: Celta.

SAMPIERI, Roberto H. *et al.* (2003), Metodologia de Pesquisa, São Paulo: McGrawHill.

SANT'ANA, Lidiane Ferreira (2011), V ABRAPCORP, Redes Sociais, Comunicação, Organizações - Análise de Redes Sociais como Metodologia para a Comunicação no Contexto das Organizações, PUC Minas. Disponível em: http://www.abrapcorp.org.br/anais2011/trabalhos/trabalho_lidiane-santanna.pdf. Acesso em: 23 de novembro de 2011.

SANTOS, Leonor (2002), A investigação e os seus implícitos: contributos para uma discussão – VI Simpósio de la SEIEM, Departamento de Educação, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Disponível em: <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/msantos/esp.pdf>. Acesso em: 10 de março de 2012.

SANTOS, Maria Hortense Piteira Bom dos (2010), Análise das Perceções sobre os Impactes da Formação Profissional no Desempenho dos Recursos Humanos da Universidade de Évora, Dissertação elaborada para a obtenção do grau de Mestre em Especialização em Psicologia do Desenvolvimento Profissional, Universidade de Évora.

SARAGOÇA, José M. L. (2010), Governo Eletrónico Local: Diagnostico Sociológico, Estratégia de Atores e Futuros Possíveis para o Distrito de Évora, Portugal, Tese elaborada para a obtenção do grau de Doutor em Sociologia. Universidade de Évora.

SEIXO, Sylvie de Sousa (2011), Reconhecimento e Validação da Aprendizagem ao longo da vida: Processos, Trajetos e Efeitos, Dissertação elaborada para a obtenção do grau de Mestre em Especialização em Recursos Humanos e Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Évora.

SILVA, Carlos, FIALHO, Joaquim (2006), Redes de Formação Profissional. Uma dinâmica de Participação e cidadania, REDES – Revista hispânica para el análise de redes sociales – Disponível em: http://revista-redes.rediris.es/pdf-vol11/Vol11_6.pdf. Acesso em: 07 de novembro de 2011.

SILVA, Augusto S., PINTO, José M. (1989), Metodologia das Ciências Sociais, Porto: Edições Afrontamento.

SILVA, Isabel Melo, LEITÃO, José Alberto & TRIGO, Maria Márcia (2002), Educação e Formação de Adultos – Fator de desenvolvimento, Inovação e Competitiva, Lisboa : ANEFA.

SNIJDERS, Tom et al (s.d), Introduction to Stochastic Actor- Based Models for Network Dynamics.

SNIJDERS Tom (2005), Network Dynamics

SNIJDERS Tom (2001), The Statistical Evaluation of Social Network Dynamics, Department of Statistics and Measurement Theory University of Groningen. Disponível em: <http://www.uvm.edu/~pdodds/files/papers/others/everything/snijders2001a.pdf> - Acesso em: 05 de março de 2012.

VARANDA, Marta (2005); La réorganisation du petit commerce en centre-ville: L'échec d'une accion collective, Revue Française de Sociologie 46-2, (pag.325-350)

VARELA, José Manuel Dias (2010), O Grau Autonomia dos Técnicos de Cardiopneumologia. Dissertação elaborada para a obtenção do grau de Mestre em Intervenção Sócio - Organizacional na Saúde – Especialização em Qualidade e Tecnologias da Saúde. Universidade de Évora /Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Lisboa.

WASSERMAN, Stanley; FAUST, Katherine (1998) Social Networks analysis: methods and applications. New York, Cambridge University Press.

APÊNDICES

Exmo. Senhor
Director
Centro de Formação profissional de Évora
Zona Industrial – Rua do Centro de F. Profissional,4
7000-171 ÉVORA

Eu, Maria da Assunção Marques Rosa Cardoso, aluna do 2.º ano do Mestrado em Sociologia, Recursos Humanos e Desenvolvimento Sustentável na Universidade de Évora, encontrando-me na fase da dissertação subordinada ao tema "*Redes Dinâmicas em contexto de formação profissional*", venho por este meio solicitar a V. Exa., autorização para a recolha de dados numa turma de formandos, designadamente a aplicação de um questionário sociométrico (previsivelmente em Março e outro em Abril), e a realização de entrevistas aos técnicos que intervêm no acompanhamento da acção (Coordenadores, COP e TSSS).

Mais se informa que os dados recolhidos durante a investigação serão totalmente confidenciais e o seu acesso restringir-se-á a mim e ao meu Orientador, e só serão divulgados globalmente com autorização dos mesmos.

Todos os procedimentos deontológicos da investigação em sociologia serão escrupulosamente cumpridos.

O presente projecto de investigação, incide num estudo de caso que procura descodificar as dinâmicas de configuração das interacções entre os grupos de formandos em diversas modalidades de formação.

Com os meus cumprimentos.

Évora, 10 de fevereiro de 2012

A Requerente

Maria da Assunção Marques Rosa Cardoso

APÊNDICE II

Universidade de Évora

Mestrado em Sociologia

Especialidade em Recursos Humanos e Desenvolvimento Sustentável

Redes Dinâmicas em contexto profissional

QUESTIONÁRIO

Prezado (a) Formando

O presente questionário enquadra-se no âmbito da investigação de Mestrado em Sociologia, a decorrer na Universidade de Évora, cujo tema são "**Redes dinâmicas em contexto de formação profissional**".

Os dados recolhidos serão estritamente confidenciais e em algum caso serão divulgados identificando os participantes. Na análise dos dados, cada respondente aparecerá codificado.

As suas respostas são absolutamente determinantes na qualidade da investigação, pelo que solicito que a todas responda sincera, completa e objetivamente.

Muito obrigada pela sua colaboração!

CARATERIZAÇÃO

1. Nome _____

2. Sexo

Masculino

Feminino

3. Idade _____ Anos

4. Residência _____

5. Habilitações Literárias (à entrada para a formação): _____

6. Situação face ao emprego:

Desempregado à procura de novo emprego, não estando a beneficiar de subsídio de desemprego

Desempregado à procura de novo emprego, estando a beneficiar de subsídio de desemprego

7. Ação de Formação de: _____

7.1. Modalidade: _____

II Parte

Interação em grupo de formação profissional

		Nome
P1	Indique os colegas do seu grupo de formação com os quais se sente mais à vontade para relacionamentos informais (para além do espaço da formação)?	
P2	No seu grupo de formação, qual o colega que reconhece como o elemento mais influente na dinâmica do grupo ?	
P3	Quando tem dúvidas sobre as matérias , a quem recorre, para além do formador (outros colegas)?	
P4	No seu grupo de formação , qual o colega (ou colegas) que reconhece como líder do grupo?	

Muito obrigado pela colaboração!

APÊNDICE III

Universidade de Évora

Mestrado em Sociologia

Especialidade em Recursos Humanos e Desenvolvimento Sustentável

Redes Dinâmicas em contexto profissional

GUIÃO DA ENTREVISTA

TIPO: Entrevista Semi - estruturada

DESTINATÁRIOS: Formadores – S ;E; T

Ação de Formação de: _____

Interação em grupo de formação profissional

		Resposta
P1	Considera que havia relações já estabelecidas entre os elementos no grupo antes da formação?	
	Dentro da sala de aula andam sempre próximos?	
	Que tipo de afinidade há entre eles?	
	Nos intervalos saem sempre juntos?	
P2	Havendo elementos mais influentes no grupo de formação considera que se deve à experiência trazida antes da mesma?	
	Que elemento acha que tem mais disponibilidade na entreatajuda/partilha enquanto grupo?	

	Considera que existe elementos que centralizam questões pertinentes, para um conhecimento geral do grupo?	
	Considera que enquanto dinâmica de grupo, são devido às questões informais (sair após a formação)?	
P3	Em caso de dúvidas e recorrendo aos colegas, considera-o que o fazem pois acham que é o mais participativo e com sentido de iniciativa?	
	Em caso de dúvidas e recorrendo aos colegas, considera-o que o fazem pois acham que é o que tem mais capacidades de aprendizagem e é empenhado?	
	Em caso de dúvidas e recorrendo aos colegas, considera-o que o fazem pois acham que é o mais velho pertence à mesma localidade ou são devido às questões informais (sair após a formação)?	
P4	Considera que neste grupo de formação ser líder é ser o mais participativo e ter espírito de iniciativa?	
	Considera que o elemento líder do grupo é o que manifesta a sua opinião, seus próprios pontos de vista?	
	Considera que neste grupo de formação o líder é o elemento apaziguador ou conflituoso?	
	Considera que neste grupo de formação o líder é o elemento apaziguador ou conflituoso?	

Obrigada pela colaboração.